

robert silverberg



RUMO AOS MUNDOS  
DO FUTURO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



ROBERT SILVERBERG

(1935)

Rumo  
aos Mundos  
do Futuro

Título original inglês

TO WORLDS BEYOND

1965

Edameris, São Paulo, 1967

Editora das Américas S. A. — Edameris  
SÃO PAULO  
Copyright 1965 by Robert Silverberg  
Direitos de tradução reservados pela  
EDITORA DAS AMÉRICAS S. A — EDAMERIS

1967

---

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
Printed in the United States of Brazil

*Para Lester e Evelyn del Rey*

# Sinopse

O Velho  
Novos Homens para Marte  
Equipes Colecionadoras  
Duplo Desafio  
O Polegar do Soberano  
Ozymandias  
Certeza  
Tino para Negócios  
Os Desajustados

São os títulos destes "nove possíveis amanhã", destas "nove viagens aos mundos do futuro" — como as chamou seu autor, ROBERT SILVERBERG, escritor dos mais cotados atualmente no gênero “antecipação”.

O futuro, talvez não muito remoto, aqui retratado em termos tão realistas e convincentes, pode despertar curiosidade, ou angústia, ou interesse, ou esperanças de novos progressos para a pobre condição humana. Conhecendo-a profundamente, e analisando o homem do futuro pelo homem do presente, e, assim, podendo tirar lições antecipadas do que está por acontecer, é que ROBERT SILVERBERG pôde conquistar lugar de tamanho destaque no ramo da ficção científica, a ponto de Isaac Asimov confessar-se preocupado com a perda do lugar que de direito lhe pertence, o de mestre absoluto no gênero.

Apresentado ao leitor de maneira altamente elogiosa por ISAAC ASIMOV — decano dos escritores de ficção científica, ROBERT SILVERBERG, autor de inúmeros contos e de mais de vinte livros, pode dispensar qualquer outra apresentação.

# Quem é Robert Silverberg

por Isaac Asimov

Se há coisa que eu goste de fazer é brilhar condescendentemente ao lado da ofuscante luz de jovens autores que se introduzem em meu campo, isto é, a ficção científica. É algo sumamente delicioso, para um homem intransigente, possuidor de enorme lastro como mestre estabelecido no gênero — sou Isaac Asimov, esclareço, para o caso de você nunca ter ouvido falar em mim — encorajar alguns jovens que começam a engatinhar no terreno que venho pisando firmemente há muito tempo.

Estava pronto para fazer isso por Robert Silverberg quando ele começou a publicar histórias de ficção científica, em meados de 1950. Preparei um pequeno discurso, que nada tinha de espantoso em matéria de inspiração, claro, mas continha o toque exato da necessária dignidade. E o fiz.

Que pensa você que a miserável e ingrata criatura fez? Subiu com a incrível velocidade de um foguete interplanetário!

Eu estava descendo para erguê-lo acima de minha cabeça, quando o diabo disparou e passou raspando pelo meu nariz! Quando dei um passo atrás e olhei para cima, lá estava Robert Silverberg — uma estrela de primeira grandeza no céu da ficção científica. Transformara-se, de mero fã, em ótimo escritor, exatamente em zero tempo.

Depois de uns dois meses, muita gente veio dizer-me: — Olhe para ele, Asimov, e procure, você também, ser um Robert Silverberg algum dia!

(Matei-os, é claro, um por um!)

Mas era verdade. Você deve estar achando que acabei passando por cima dessas coisas, mas não o fiz. Estava em meu íntimo o cancro de todas as vinganças abortadas, emaranhando-se e roendo-me. Eu não podia esquecer. Algum dia — guarde bem minhas palavras — algum dia chegará o tempo em que ele irá querer erguer-me acima de sua cabeça e pronunciar palavras protetoras!

**E EU NÃO QUERO ISSO!**

Como se não bastasse, o jovem Robert intensificou seu vicioso comportamento, realizando exatamente o que todo escritor gostaria de realizar.

Imagine! É moreno, bonito e esguio; tem sombrios, brilhantes e profundos olhos, que parecem provar que sob a pele e músculos — para desarmar a gente — existe uma verdadeira alma habilidosa no manejo do escalpelo. Já vi muitas mocas caírem em êxtase diante de seu olhar quente-frio, que lhes fora conferido por um momento apenas e depois desviado com indiferença.

Eu, é claro, sou imune a isso; mas quando ele me olha, apresso-me a abotoar o paletó.

Além disso, ele é barbudo. Usa barba, mas não com exagero, apenas a que recomenda seu tino literário. O que lhe confere satânica aparência. Já vi muitas mocas caírem... Não. Já disse isso antes. (Claro que tenho inveja. Sou incrivelmente bonito, mas meu rosto tem uma beleza clara, aberta, honestamente franca, com um nadinha de satânico; apenas o suficiente para inspirar verdadeiros sentimentos fraternais aos corações femininos.)

E, como isso tudo nada fosse, sua conversa não é frívola. Não a dele, que maneja a ironia como um estilete, enterrando-o, sem que a gente o perceba, até o coração.

Para ele, de preferência, reserva a magnífica arte de retalhar, tão eficientemente, sem exagerada pressa, rasgando a pele da gente da cabeça aos pés.

Certamente sua taça de iniquidade está repleta!

Ainda não. Que espécie de esposa você acha que esse tipo de escritor deveria arranjar? Uma víbora

que lhe desse de volta o que ele tão ricamente prodigaliza com naturalidade.

Bem, mas não é assim. Bárbara Silverberg é uma doce, gentil e lindíssima moça, que satisfaz amorosamente a todos os caprichos de Robert e que acredita em sua aparência indecentemente inteligente! Ela, por sinal, é engenheira.

Naturalmente, tentei várias vezes ficar a sós com ela para esclarecer alguns pontos de engenharia, dos quais necessitava para algumas de minhas obras mais técnicas.

Você deve achar que o jovem Robert procura compreender necessidades de pesquisas como essas... Mas, apesar de toda aparência externa, ele é mais satânico e matreiro do que se pensa! Em todas as ocasiões, permanece sempre entre Bárbara e eu... e toma nota de tudo!

Acho que essa é uma de suas piores características: simplesmente, ele não tem tato!

Seria bem feito para ele se você se recusasse a ler este livro!

Mas, vamos, leia-o! Você verá que é bom. Esse traidor escreve excelentes histórias!

ISAAC ASIMOV

# Introdução

Estamos vivendo a Era Espacial. Começou, oficialmente, num enervante dia de Outubro de 1957, quando o primeiro "Sputnik" soviético entrou em órbita. Nesse dia, um segmento da Ficção Científica tornou-se realidade, criou vida e transformou-se em parte dos acontecimentos diários. Hoje o lançamento de novos satélites ao Espaço é rotina e raramente ocupam espaço nas primeiras páginas dos jornais. Foram lançados foguetes da Terra à Lua. Foram feitas experiências em relação a Marte e a Vênus. Em somente um punhado de anos os homens estarão pisando a poeira lunar e, em questão de décadas, deverão estar nas planícies vermelhas de Marte.

Cada nova façanha dos nossos cientistas espaciais invade o mundo da Ficção Científica. No entanto, esse domínio continua infinito — os cultores da Ficção Científica têm todo o Tempo e Espaço às suas ordens. Não podemos escrever mais, como ficção, sobre o lançamento dos primeiros satélites artificiais e logo nos será impossível incluir na ficção a primeira viagem do homem à Lua. Mas que tem isso? A biografia do homem não estará terminada depois que ele galgar os primeiros e incertos degraus. As gigantescas passadas dos anos posteriores a nós pertencerão.

Na Ficção Científica podemos encarar desde o futuro dos lançamentos de foguetes de hoje, até a brilhante meada de muitos amanhã. Os homens irão à Lua, sim, a Marte e a Vênus também. E hão de querer ir mais longe, para o distante Plutão e depois para as estrelas. Mas isso levará tempo. Séculos se passarão antes que outros sistemas solares vejam os visitantes chegados da Terra.

E, aí, sempre haverá campo para alguns sonhos criativos a respeito de remotas regiões da Galáxia. As manchetes de poucos anos atrás não roubaram o escopo da Ficção Científica. O Universo está aberto para nós, mas ainda temos muito que viajar — e enquanto esperamos, podemos ir nos divertindo, imaginando visões de como ele poderá ser.

Eis aqui nove histórias de Ficção Científica, portanto. Nove possíveis amanhã, nove aventuras no desconhecido — nove viagens aos mundos do futuro!

ROBERT SILVERBERG

# O Velho

*Num futuro muito próximo, quando o voo no espaço se tornar uma rotina, como o voo comercial de nossos dias, aparecerá uma nova linhagem de homens do espaço. Serão escalados para realizar o mais árduo trabalho do mundo. Ao contrário de John Glenn, Yuri Gagarin e demais homens do espaço, os pilotos das naves espaciais de amanhã não ficarão passivamente sentados numa cápsula, percorrendo uma órbita predeterminada: Estarão no controles dos veículos que se movimentarão em velocidades vertiginosas, cobrindo vastas distâncias, percorrendo complicadas trajetórias. Será necessário um tipo especial de homem para pilotar essas naves espaciais — e esses homens, certamente, terão problemas especiais a resolver.*

O Velho desceu a rampa da nave espacial e permaneceu de pé no limite do campo de pouso, olhando ao redor. Era bom ver a Terra outra vez. Durante um quarto de sua vida, vira a Terra apenas aos pedaços, entre viagens espaciais.

Ali ficou, com uma das mãos sobre o frio metal do corrimão da rampa, olhando para o campo. Chegara essa noite de Calisto e o campo estava brilhantemente iluminado, com cintilantes lâmpadas de sódio e ofuscantes constelações de lâmpadas-guia, que indicavam às naves que chegavam o local exato para o pouso. Era necessário bastante luz. Fazer uma nave pousar era trabalho difícil, que requeria reflexos infernalmente bons. O Velho olhou para as próprias mãos, muito firmes, e sorriu orgulhosamente.

Depois, suspirou e começou a andar pelo campo.

Havia dado uns quatro passos, quando um rapaz vestido com macacão cor de cinza saiu de trás de uma carreta e acenou para ele — Olá, Carter!

— Olá! — respondeu o Velho, amavelmente, mas a ausência de expressão em seu rosto demonstrou que não se lembrava do rapaz.

— Sou Selwyn, Jim Selwyn. Lembra-se agora?

Um sorriso passou pelo rosto moreno e marcado do Velho.

— Claro que sim, Tenente!

— Já não o sou — disse Selwyn, meneando a cabeça. — Retirei-me.

— Lembrava-se de Selwyn nos longínquos dias de treino. O Tenente James Selwyn fora um dos melhores homens da Patrulha Espacial e costumava ir à Academia para falar com os novos recrutas. " um dos quais fora o Velho. O Velho sentiu-se um tanto envergonhado ao se lembrar de sua idolatria, na juventude, pelo herói do espaço que era Selwyn na ocasião.

E ali estava Selwyn agora. Um retirado. Um "ex".

— Que anda fazendo? — perguntou o Velho.

— Mecânica de base. Acho que jamais conseguirei afastar-me dos foguetes. Retirei-me depois de meus voos de reconhecimento a Plutão. Creio que perdi o controle da fôrça do aparelho quando ia começar a fazer a descida da curva ou algo parecido. Foi bom terem-me afastado antes de haver um acidente.

— Sim — disse o Velho. — Foi bom. Mas você tem olhos bastante para dirigir qualquer um desses caixotes! Olhos e mãos! No momento em que seus reflexos ordenam-lhe que vá para a frente, você vai e... — de repente, olhou inquisidoramente para Selwyn: — Escute, Selwyn, diga-me uma coisa.

— Quê?

— Você não ficou aborrecido com esse... esse afastamento, ficou? Quero dizer, não se sente morrer quando as naves partem, deixando-o aqui?

Selwyn riu por entre os dentes: — Diabo! Não. Agora já não. Senti-me no inferno quando recebi a

notícia, mas isso passou. Senti um pouco... Mas reconheci que meu tempo havia terminado, quando eles me puseram de lado. Lembra-se de Huddleston?

O Velho assentiu, desanimado. Huddleston fora um dos poucos que haviam conseguido enganá-los. Deixara passar a idade indicada para o afastamento, enganando-os quanto à sua verdadeira idade — até o dia em que ia descer com sua nave em Marte e não o conseguira. Estava apenas um quinto de segundo fora das coordenadas, mas isso custara centenas de vidas e cinquenta milhões de dólares. Agora, todos andavam de atalaia para que não houvesse um segundo Huddleston.

— Fez boa viagem? — perguntou Selwyn.

O Velho assentiu: — Muito boa. Estive em Calisto Não há muito que ver por lá: gelo azul e faz muito frio.

Por qualquer motivo, o olhar de Selwyn tornou-se sombrio: — Sim, nada para ver... Apenas gelo azul.

— É tudo. Mas a viagem foi boa. Tive de passar pela rota por fora de Netuno, desta vez. Foi um bom trabalho,

— Netuno é um lugar interessante — comentou Selwyn, sentando-se na carreta. - Mas Vênus sempre foi o meu favorito. É...

De repente, soaram uns estalidos e o sistema de intercomunicação do campo começou a funcionar: Piloto Tenente Carter: queira dirigir-se, por favor, à Administração. Piloto Tenente Carter: queira dirigir-se, por favor, à Administração. Obrigado.

— É comigo — disse o Velho. — Preciso ir. Provavelmente querem escalar-me para outra viagem e pagar-me. Pagar... Isso é importante!

Selwyn sorriu e bateu-lhe amigavelmente no ombro: — Boa sorte, Carter! Mande-os para o inferno!

— Por mim, já estariam lá! — riu o Velho.

Pegou a maleta e dirigiu-se para o enorme edifício branco, iluminado, da Administração.

Passou por alguns pilotos — meninos ainda, recém-saídos da Academia — que não demonstravam a calma e a confiança naturais em um veterano. Corriam de um lado para outro, excitadamente, talvez procurando desgastar algum excesso de energia antes da próxima viagem... ou talvez antes da primeira viagem.

— Ei, Velho! — gritaram e correram para ele — Como vão as coisas?

— Não tenho motivos de queixa! — respondeu o Velho, sem se deter.

Pensou outra vez em Selwyn. Então era assim! Apagava-se alguém tão facilmente..Era só deixá-lo andar pelo campo de pouso, empurrando uma carreta, fazendo consertos e abastecendo, controlando o combustível e ele ainda se sentia grato por lhe permitirem cheirar as naves e ouvir o ronco de seus mecanismos, numa grosseira e ilusória imitação do que era antes! Conservam-se os pilotos que ainda têm olhos e mãos, retiram-se os outros.

O Velho balançou a cabeça amargamente. Fora difícil chegar a ser piloto de naves espaciais. Testes para tudo. E sempre mais testes: antes de viajar, ao chegar no destino, antes do regresso, depois de regressar. Tinham-no submetido a um teste em Calisto e a outro, quando o haviam avisado de que se desviara um pouco da rota de Netuno. Queriam vê-lo? Muito bem.

— Olá, Tenente Carter, fez boa viagem?

Era Halvorsen, médico da base.

— Tudo bem, doutor. Nada de anormal.

— Assim que estiver livre, poderá ir ver-me para um exame, Tenente?

— Irei, sim — respondeu o Velho. — Ouvi dizer que sai fora da rota de Netuno — sorriu e continuou a andar.

Pouco depois estava diante da porta do edifício da Administração. A porta de plástico abriu-se sozinha quando ele se aproximou.

Uma elegante e eficiente secretária aproximou-se, exibindo duas fileiras de dentes branquíssimos.

— Boa noite, Tenente Carter. O Comandante Jacobs quer vê-lo o mais depressa possível.

— Diga-lhe que irei já... — respondeu o Velho.

Aproximou-se do reservatório de água gelada e tomou um copo — não podia arriscar-se a tomar algo mais forte, pois temia prejudicar seus reflexos de piloto — depois dirigiu-se para uma porta sobre a qual lia-se : "D. L. JACOBS — Comandante da Base".

O Velho parou por um instante, alisou o uniforme, ajeitou a gravata, ergueu os ombros. Então, bateu à porta.

— Sim?

— Tenente Carter, senhor.

— Entre, Tenente!

O Velho abriu a porta e entrou. O Comandante Jacobs estava sentado à sua escrivaninha, parecendo muito militar e inflexível. O braço do Velho ergueu-se em continência, saudação à qual o Comandante respondeu.

— Sente-se, Tenente.

— Obrigado, senhor.

O Velho acomodou-se e olhou, expectante, para Jacobs. Jacobs também fora um homem do espaço e o Velho o sabia. Tentou imaginar por que Selwyn se tornara mecânico e Jacobs Comandante da base. Concluiu que trabalho nenhum tinha importância depois de se ter sido piloto espacial.

O Comandante abriu uma gaveta e pegou um grande envelope de cor parda. O pagamento, pensou o Velho.

— Como foi a viagem, Tenente.

— Nada má; senhor. Entregarei o relatório depois. Acho que foi uma boa viagem.

— Todas as viagens têm de ser boas, Tenente. Algo menos que isso é desastroso.

O senhor sabe disso, é claro.

— Claro, senhor.

O Comandante sacudiu o envelope e estendeu-o ao Velho: — Eis o pagamento de sua última viagem, Tenente.

O Velho pegou o envelope, guardou-o num bolso e esperou. O item seguinte dessas entrevistas era, usualmente, a marcação de nova viagem. Essas ordens costumavam vir em envelopes verdes.

Mas o Comandante meneou a cabeça: — Por favor, abra o envelope de pagamento, Tenente. Quero que o verifique agora.

O Velho estranhou: — Os computadores de pagamento jamais erram, senhor. Preferiria...

— Abra o envelope, Tenente.

— Sim, senhor.

O Velho passou um dedo pela dobra do envelope, abriu-o e olhou o conteúdo. Havia um cheque azul, que pôs de lado. Olhou a cifra rapidamente e soltou um leve assobio.

Depois, olhou a nota anexa:

"Carter, Tenente Raymond F.

"Viagem a Calisto, ida e volta: \$7,431.62.

"Indenização: \$ 10,000.

"Total: \$ 17,431.62.

Entorpecido, o Velho ergueu os olhos: — Indenização? — sua voz soou estranhamente rouca. — Mas acho que sou... sou...

O Comandante Jacobs fez que não:

— Temo que não. O teste que fez em Calisto..

— Mas fui aprovado!

— Eu sei. Mas falhou no seguinte, Tenente. Estamos querendo prevenir uma desastrosa e inevitável cena.

— Então, vão jogar-me fora? — perguntou o Velho.

O mundo parecia ter desmoronado em seu redor. Sabia que deveria ter esperado por aquilo, mas não o fizera.

— Vamos afastá-lo — corrigiu Jacobs.

— Acho que ainda tenho algum tempo! Não podem deixar-me fazer outro voo a Netuno?

— Não convém arriscar — disse o Comandante, asperamente. — Olhe aqui, Carter, você sabe que um piloto tem que ser rígido como o pico de uma montanha e que se exige dele nada menos do que perfeição. Bem, você já não é perfeito. Isso acontece a todos nós.

— Ainda sou jovem, acho.

— Jovem? — sorriu Jacobs. — Jovem? Absurdo, Carter. É um veterano. Chamam-no "Velho", não? Veja as rugas em torno de seus olhos! Você está velho como piloto. Está prestes a cair aos pedaços. Temo que não encontre o que fazer... Sempre haverá um lugar para você aqui. Um trabalho em terra.

O Velho engoliu com dificuldade, procurando controlar as lágrimas. A lembrança de Jim Selwyn voltou a assaltá-lo e compreendeu que era como todos os demais. Não havia lugar para velhos nas viagens espaciais. Era preciso que se fosse jovem, ativo, com reflexos imediatos.

— Está bem, senhor — disse, cansadamente. — Não vou lutar mais. Voltarei aqui dentro de alguns dias, para falar com o senhor sobre o emprego quando me sentir melhor.

— Assim está bem, Tenente. Estou contente por ter compreendido.

— Claro, claro que compreendi... — disse o Velho.

Pegou o cheque, enfiou-o no bolso, cumprimentou vagorosamente e voltou-se.

Saiu da sala, olhou a fileira de naves brilhantes que logo partiriam para as estrelas Para mim não, pensou, nunca mais!

Mas admitiu a si mesmo que Jacobs tinha razão. Os últimos voos que fizera tinham sido um tanto vacilantes. Tolice querer negá-lo.

Já não havia razão para escondê-lo. Procurou Jim Selwyn com os olhos e começou a andar em direção a ele, para contar-lhe a novidade.

Era ruim, mas era verdade. Estava velho, como o ficam os pilotos do espaço, e nada mais podia esperar. Isso acontecia a todos. Estava velho, de fato.

Pois já estava com vinte anos!

# Novos Homens para Marte

*Os homens atingirão Marte até o fim do século atual, segundo meus cálculos. Não acharão que seja um lugar agradável. O ar é rarefeito demais, faz muito calor e não há sinal de chuva. Mas os homens terão de desbravá-lo, como fizeram nas regiões geladas da Antártica e nos desolados desertos do Saara. Como irão colonizar Marte, então? Construindo prédios, como na Terra, onde os seres humanos se amontoam? Talvez prefiram modificar os homens, a fim de adaptá-los ao planeta.*

## I

A nave interplanetária "Bernadotte" estremeceu no espaço e iniciou o longo, lento movimento que a levaria inexoravelmente às frias, sonolentas e oxidadas vastidões de Marte. À bordo da nave, Michael Aherne, enviado da ONU, que fazia sua primeira viagem ao planeta vermelho, olhava ansiosamente pela vigia, procurando algum sinal de vida.

Nada. A cúpula que abrigava a Colônia Marciana não aparecia e tudo que Aherne conseguia ver era a gelada e estéril areia. Sentia-se nervoso — como sem dúvida se sentiria qualquer espião cuja missão secreta fosse abertamente conhecida por todos.

Tinha de realizar um trabalho desagradável e sabia que severo teste garantia por si.

Aherne ouviu um ruído em qualquer lugar da parte de trás da cabina e voltou-se.

Viu o Capitão cobrindo inteiramente a pequena entrada — Juri Valoinen, um homem alto, careca e muito aborrecido devido a seus gracejos irônicos. Um moderno Finn.

Mas passara mais horas no espaço do que qualquer outro homem vivo.

— Mais uma hora e meia, mais ou menos disse Valoinen. — Logo você poderá ver seu Domo. Desceremos, priticamente, em cima dele Temo que qualquer um destes dias a gente desça mesmo sobre ele... e isso reduziria o orçamento da ONU inteiramente a cinzas!

Aherne esforçou-se por sorrir e voltou as costas para a vigia, a fim de conversar com o Capitão. Aherne era um homem de compleição forte, troncudo, de cabelos acinzentados. Como Adido Especial das Nações Unidas, tivera a seu cargo várias investigações que tinham exigido longos voos, mas essa era a mais longa viagem que fizera em nome da ONU — sessenta e quatro milhões, trezentos e sessenta mil quilômetros através do abismo espacial, a fim de espionar a Colônia Marciana. Espionar!

Dar uma espiada, pensou, amargamente.

Olhou o relógio. Estava certo, de acordo com os planos.

— Eles sabem que estou chegando, não? perguntou Aherne.

"Finn" assentiu, sorrindo conhecedoramente: — Claro que sabem. E, o que é mais, sabem por que você veio. Não duvido que desenrolem um tapete de cerimônias para recebê-lo. Vão querer causar boa impressão.

— É justamente o que temo — disse Aherne, — Preferia que fossem frios para comigo e me deixassem à vontade. Assim, meu relatório seria mais genuíno.

— E quem está querendo relatórios genuínos? — perguntou Valoinen, sardonicamente — Amigo, já é tempo de você ficar sabendo que nossa organização floresce graças a opiniões erradas e enganosa. Os fatos verdadeiros provocam inimigos mortais...

O rosto de Aherne tornou-se instantaneamente sombrio: — Não seja leviano, Valoinen. A ONU é responsável por muitas coisas boas, pelas quais devemos ser gratos... inclusive a preservação de nosso insignificante país — explodiu. — Isso sem falar no excelente salário que você recebe para manter esta nave sempre viajando entre a Terra e Marte!

O Capitão do espaço afastou-se, erguendo as mãos, como se quisesse conter a onda de raiva de Aherne.

— Calma, filho! Também acho que é uma maravilhosa organização. Mas sou velho o bastante para não levar isso tudo muito a sério.

— Bem, talvez quando você for um pouco mais velho, compreenderá que a ONU tem de ser levada a sério — grunhiu Aherne, e voltou-se para a vigia.

Apertou os olhos, tentando penetrar a escuridão da confusa superfície do globo meio visível lá embaixo. Depois de alguns momentos voltou-se novamente para Valoinen, que se encontrava de pé atrás dele, com os braços cruzados e os finos lábios apertados num rito de desagrado.

— Então?

— Acho que estou vendo o Domo — comentou Aherne.

— Congratulo-me com você.

— Não brinque. — Aherne franziu as sobrancelhas, desviou os olhos e tornou a olhar, para se certificar do que vira, e sacudiu a cabeça: Mas... Mas por que há dois Domos lá? Parece haver outro, a dezesseis quilômetros do primeiro! Como apareceu ali? Tenho certeza de que a ONU construiu apenas um!

Valoinen permaneceu calmo, com estranho sorriso nos lábios.

— Exatamente, amigo. Apenas um deles é o Domo da ONU.

— E o outro?

— Você logo o saberá. Não quero... hum... prejudicá-lo. Quero que seu relatório seja genuíno.

Girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a porta.

— E, agora, se me permite, voltarei ao meu trabalho.

A porta maciça fechou-se e Aherne ficou sozinho, olhando pensativamente para as duas cúpulas.

## II

— Ponham os giroscópios ali — ordenou Valoinen Os três membros da tripulação manejaram de modo 3, descer o cesto no local indicado.

— Pronto. Cá estamos — disse o Capitão.

A carga do cesto ficou arranjada em perfeito semicírculo fora da nave, enquanto que o cesto foi posto de lado. Valoinen voltou-se para Aherne, que estava parado, desajeitadamente, ao lado da carga. Aherne sentia-se extremamente desconfortável, em parte por causa do peso e volume estranhos do traje espacial e em arte porque não ajudara em nada durante o desembarque.

— Você está bem, Aherne?

O homem da ONU fez que sim, movimentando o escafandro do traje para a frente e para trás.

— Otimamente — disse.

O tanque de oxigênio pesava-lhe estupidamente nas costas, a ponto de parecer estar despedaçando os músculos deltoides Não se sentia nada bem, mas nunca o admitiria ao Capitão.

— Eles virão buscá-lo logo — disse Valoinen. — Comuniquei-me Com a Colônia, avisando que há carga também, e eles já enviaram os tratores. Disseram que estão ansiosos por encontrá-lo.

Aherne sentia-se tenso. Estava encarregado de complicada e difícil missão. Fora mandado para ali a fim de verificar se as tremendas despesas necessárias para a manutenção da Colônia Marciana eram justificadas pelos resultados produzidos tão lentamente. Aherne teria de fazer um julgamento desapassionado, teria de se manter alheio à futura finalidade. Estava ali para dar sentença de vida ou morte à Colônia Marciana.

A ONU levaria seu relatório a sério. Sempre os tinha levado. Aherne sempre provara sua imparcialidade. Para ele, só uma coisa tinha direito à sua lealdade: a corporação, as criaturas superiores que representavam as Nações Unidas. Como homem da segunda geração sob a ONU, Aherne era o observador ideal.

Mas, agora, imaginava se os colonialistas não iriam tornar seu trabalho mais difícil do que já era. Aherne reconhecia que sentia considerável simpatia natural pelos pioneiros marcianos, um desejo pessoal de ver a Colônia continuar e prosperar. Isso fazia parte dos desejos profundamente arraigados nos homens: sair da Terra e conquistar outros planetas, No entanto, se a Colônia fosse deficiente, mal dirigida, pobremente produtiva, era dever de Aherne dizê-lo em seu relatório. Se a Colônia estivesse em dificuldades de sobrevivência, se um certo progresso estivesse inteiramente fora de questão, Aherne deveria dizê-lo também... mesmo que matasse a Colônia ao dizê-lo.

Imaginou se os colonialistas não iriam perceber sua simpatia e pressioná-lo para não apontar suas deficiências; isso provocar-lhe-ia tremendo conflito interior. Aherne bem o sabia e, enquanto os lentos tratores se aproximavam, através do deserto, sentiu um leve tremor de medo agitar-lhe o queixo.

\*

Observou a lenta chegada dos tratores. O ar estava claro e frio. Seu termômetro, localizado no punho da luva esquerda, marcava a considerável temperatura de 22° abaixo de zero e a agulha de pressão externa indicava cerca de dois mil e setecentos gramas por centímetro quadrado. A pressão interna, notou com alívio, mantinha-se nas confortáveis seis mil oitocentos gramas do nível do mar. Valoinen e seus homens encostaram-se ao cesto vazio, esperando pacientemente que Aherne se reunisse a eles

— O Domo fica para lá — disse Valoinen, apontando para a direção de onde vinham os tratores.

No horizonte, uma fechada cadeia de escuras colinas impedia a visão por uns sete quilômetros de extensão.

— Por trás das colinas — disse Valoinen. O Domo fica por trás delas.

— E o outro?

— Fica um pouco mais distante — respondeu Valoinen.

Calaram-se. Aherne continha-se a custo para não pedir informações sobre o segundo Domo. Ficaram à espera dos colonialistas. O sol, um fraco, pálido corpo esverdeado, estava bem alto no céu e a "Bernadotte", firmemente pousada, com o nariz para cima, produzia uma estranha e longa sombra na plana e calcinada areia sobre a qual estava pousada.

Os tratores iam-se tornando maiores e Aherne pôde vê-los claramente. Eram grandes e volumosos veículos com lagartas, como a de tratores, e resumia-se nisso sua semelhança com tais veículos; tinham uma cúpula de plástico em cima, com lugar para uns dois passageiros e alguma bagagem. Eram seis e movimentavam-se lentamente, lado a lado, como se navegassem num monstruoso oceano de areia vermelha.

Aherne pôde ouvir o áspero e irritante ruído das lagartas deslizando sobre a areia.

Afinal, os tratores ultrapassaram as últimas dunas e pararam perto da "Bernadotte".

Uma figura saltou de uma das cúpulas abertas e trotou em direção deles. Aherne pôde apenas divisar, através do visor de seu escafandro, parte do rosto do homem - cabelos louros, acima de uma testa alta, e penetrantes olhos azuis. O corpo, oculto pela roupa espacial, parecia ser longo e esguio.

— Sou Sul y Roberts — anunciou ele — Alô, Capitão!

— Sua carga está ali, Sul y — Valoinen abriu os braços num gesto expansivo, depois apresentou-lhe algumas faturas.

Roberts aproximou-se e pegou as faturas, olhando atentamente para Aherne. O colonialista verificou e assinou rapidamente os papéis.

— Hum... Bem, afinal chegou o material pedido... Mas nada me garante que você tenha mesmo trazido giroscópios nessas caixas e não ursinhos de corda. Mas não irão querer abri-las agora...

— Não acredita em mim? — perguntou Valoinen, cortantemente.

— Claro que sim — respondeu Roberts. Mas estamos gastando o dinheiro da ONU e não queremos desperdiçá-lo. Temos de ser cuidadosos com nossas propriedades, é claro.

— Claro! — confirmou o Capitão, com ar divertido.

Isso é para mim, pensou Aherne. Estão terrivelmente ansiosos para mostrar-me como são bonzinhos!

— Oh! — exclamou Valoinen. — Como sou desastrado! Esqueci-me de apresentá-los.

Sul y, este é Michael Aherne, das Nações Unidas. Veio para ficar algum tempo com vocês.

Roberts deu alguns passos e apertou desajeitadamente a mão de Aherne, por causa das luvas.

— Como vai? Sou Sul y Roberts, subchefe do Distrito da Colônia. Prazer em conhecê-lo, senhor Aherne, e espero ter sua companhia enquanto permanecer aqui.

— Prazer em conhecê-lo, Roberts.

Roberts fez um gesto e seus homens desembarcaram. Ajudados pelos rapazes de Valoinen, puseram rapidamente a mercadoria nos tratores.

— O senhor pode vir comigo, senhor Aherne — disse Roberts.

— Ótimo.

Aherne içou-se desajeitadamente para a cúpula do trator e Roberts subiu depois dele. Lentamente, sem nenhuma mudança perceptível da imobilidade para movimento, o trator começou a mover-se.

Aherne viu Valoinen fazer uma careta e um aceno, enquanto se afastavam. Depois, enquanto o trator subia as primeiras dunas, Valoinen subiu a escada da "Bernadotte" e sumiu dentro dela. Seus homens seguiram-no, carregando os sacos postais da Colônia Marciana e a porta da nave fechou-se lentamente.

Agora, Aherne era dono de si, já sem nenhum contato com a Terra. Estava ali e tinha um trabalho a realizar.

### III

A brilhante face do Domo apareceu diante dele como se uma enorme bolha amarela se tivesse formado na superfície do deserto. Através da brilhante e alta cúpula de plástico Aherne pôde divisar um sombrio, porém ativo, mundo de edifícios e gente. O Domo tinha cerca de cento e cinquenta e dois metros de altura. Lá dentro, a atmosfera artificial era morna e respirável; fora, o frio e nitrogenado ar de Marte pouco oferecia aos pulmões dos terrestres.

— Vamos por este lado — disse Roberts, apontando para uma porta na base do Domo.

A porta abriu-se à aproximação dos tratores e entraram. Os outros seguiram-nos.

A porta fechou-se lentamente atrás do último trator e o ar começou a assobiar através dela.

Funcionava a ar comprimido.

A um sinal de Roberts, Aherne saiu pela cúpula aberta do trator e pôs-se a andar para desentorpecer as pernas. A viagem pelo oceano de areia fora demorada e cansativa. O trator trotara sobre as areias do deserto como um obstinado camelo e Aherne sentia-se moído como depois de uma longa cavalgada. No entanto, admitia, era o meio mais prático de viajar naquela espécie de terreno.

Viu alguns homens se aproximarem dos tratores, parecendo ocupadíssimos, eficientes, logo começando a descarregá-los, levando as caixas através de outras portas.

Seguindo Roberts, Aherne entrou pela porta principal.

A Colônia Marciana estendia-se diante dele

Aherne sentiu uma onda de orgulho, de admiração, crescer dentro de si, mas sufocou-a. Era uma emoção proibida, por mais que admirasse os valorosos homens e mulheres que haviam erguido aquele Domo e construído uma cidade no inóspito Marte. Estava ali como juiz e não devia deixar-se levar por sentimentos.

— Há um comitê de recepção à sua espera disse Roberts. — Estamos esperando por sua visita desde que nos avisaram de sua chegada.

— Leve-me a eles, então — disse Aherne.

\*

O comitê estava reunido num coreto coberto de aço azulado, colocado no ponto de convergência de todas as ruas, no centro da Colônia. A maioria dos edifícios, notou Aherne, era construída com esse frio e pouco atraente metal. Na Colônia Marciana, a nota predominante era a economia e não a beleza.

O comitê era constituído por seis pessoas. Sul y Roberts apresentou-as rapidamente.

Estavam presentes três subchefes do Distrito, sendo Roberts o quarto. Aherne apertou-lhes as mãos — Martel i, do Quadrante Norte; Richardson, do Leste; Fournier, do Oeste. Roberts representava o setor Sul da Colônia. A julgar pelos nomes e aparências físicas, Aherne concluiu que cada qual representava não somente um distrito geográfico da Colônia, mas também a maioria dos blocos populacionais de cada setor. Na Colônia, a despeito de todas as conversas sobre assimilação, ali havia muito dos grupos separados das nações confederadas do mundo unificado. Cada país, agarrando-se aos últimos resquícios de sua soberania, insistia em ser representado na Colônia; por isso, Marte fora povoado por curiosa mistura racial, que só o passar do tempo e a sucessão de várias gerações anularia.

Isso, pensou Aherne, se houvessem futuras gerações em Marte.

O quinto membro do comitê era o Dr. Raymond Carter, Coordenador Geral da Colônia, homem de uns quarenta e cinco anos, de óculos, cujo nome já estivera em evidência antes da Colônia ser fundada, cinco anos antes. Fora ele o guia espiritual da longa cruzada para a instituição da Colônia em Marte.

O sexto era Katherine Greer, apresentada como delegada do povo, escolhida pelo voto popular dos

colonialistas, para representá-los no comitê de recepção. Era uma jovem esguia, de uns vinte anos.

— Bem, senhor Aherne — disse Carter, e o tom de sua voz era inequívoco — que acha do progresso que fizemos?

Aherne deu alguns passos pelo coreto, olhando nervosamente para os seis colonialistas que, literalmente pendiam de seus lábios.

— Prefiro deixar o julgamento para depois de melhor observação, Dr. Carter, Afinal, é para verificar a extensão do vosso progresso que aqui estou... e não me acho em condições de tirar conclusões finais, dez minutos depois de minha chegada.

Claro que não — disse Carter, asperamente — Não quis dizer que...

— Não se aborreça por isso.

Aherne ficou surpreso e aliviado ao ver que aquelas pessoas estavam, se possível, ainda mais tensas do que ele Estavam desesperadamente ansiosas por causar-lhe boa impressão.

— Reservamos aposentos para o senhor em meu distrito — disse Richardson, o subchefe do Distrito Leste.

Richardson era um esguio e alto negro, cujo perfeito acento britânico acusava ascendência africana.

— Ótimo! — exclamou Aherne.

— Suponho que o senhor queira descansar um pouco agora — sugeriu o Dr. Carter. -

Fez uma viagem longa e cansativa...

— Boa ideia Estou mesmo cansado.

— O senhor Richardson o levará aos seus aposentos e suas refeições serão servidas lá mesmo.

Fizemos consideráveis progressos no campo da alimentação sintética... até que o solo marciano fique suficientemente nitrogenado para ser capaz de permitir desenvolvimento de vegetais, é claro.

— Claro — respondeu Aherne, de mau humor. Previa várias semanas de verdadeira prisão verbal e achou que o exagero dos colonialistas para impressioná-lo estava começando a irritá-lo.

— Depois que tiver repousado — continuou Carter — temos um passeio pela Colônia programado para o senhor. A senhorita Greer será seu guia.

Ao ouvir seu nome ser mencionado, a moça sorriu amplamente e Aherne não pôde conter uma careta. Esses colonialistas não perdiam oportunidade! Que melhor meio para causar favorável impressão do que escolher uma jovem solteira e bonita para seu cicerone? Mais um ponto para Carter e companhia!

Olhou para a senhorita Greer. Estava vestida com a prática e pouco atraente túnica, que todos os colonialistas usavam, mas seu rosto era bonito e interessante. E a ampla túnica — o experimentado olho clínico de Aherne descobriu-o — abrigava muito mais do que um corpo passável.

Sentiu-se melhor. A viagem de inspeção não seria uma prova tão dura para sua consciência, como esperava.

\*

O quarto era confortável, se bem que nada luxuoso, e sentiu-se imediatamente à vontade. Viu que havia várias túnicas colonialistas no armário e tirou a roupa amarrotada de viagem. Sentiu-se confortável dentro de uma daquelas macias e brilhantes túnicas.

Então, quando estava começando a descansar, a libertar-se da tensão sob a qual estivera desde que o Conselho de Segurança lhe dera aquela missão, lembrou-se do outro Domo.

Que seria aquilo? Quem o construíra? Todas as pessoas da Colônia tinham evitado cuidadosamente mencioná-lo, como se fosse algo vergonhoso, algo monstruoso que devia permanecer escondido.

Aherne compreendeu que teria de saber de tudo com detalhes antes de poder apresentar a si mesmo uma decisão final sobre a Colônia Marciana. Não importava o que a Colônia parecia prometer, nem quanto a senhorita Greer poderia entrar nesse ponto. Tinha de estar de posse de todas as informações,

antes de se achar apto a apresentar um relatório.

Os colonialistas tinham-lhe oferecido um quarto agradável, com cama macia e móveis bonitos. Havia uma estante com uns seis volumes encadernados de vermelho. Estava encostada a um canto da parede e o primeiro livro que viu era um romance escrito por um dos colonialistas, editado ali mesmo na Colônia.

— Não precisam de nada! — pensou, sentindo outra proibida onda de orgulho crescer em seu íntimo. Não queria ser precipitado, recomendando a continuação da Colônia que se demonstrava empreendedora e bem dirigida, parecendo ter tudo que necessitava. Quanto mais depressa, melhor.

Aherne adormeceu profunda e calmamente nessa noite. Era a primeira vez que isso acontecia, depois de várias semanas.

## IV

Esperava que um passeio fosse a primeira parte do programa daquela manhã...

Realmente, era o que positivamente desejava. Por isso, quando ouviu leves e gentis batidas na porta, na manhã seguinte, saltou fora da cama e procurou parecer o melhor possível, arrumando-se o mais rapidamente que pôde. A senhorita Greer devia estar esperando à porta.

Mas se enganava. Abriu a porta e viu-se diante de um homenzinho moreno, quase preto, de olhos escuros e cabelos negros.

— Bom dia, señor — disse o estranho, amavelmente — Bom dia — respondeu Aherne, um tanto desapontado.

— Fui mandado para buscá-lo — disse o homenzinho.

Quando o homem entrou no quarto, Aherne notou que tinha enorme caixa torácica — tórax de um homem bem alto, insólito naquele ser pequeno. Falava com acentuado sotaque espanhol.

— Buscar-me?

— Si. Por favor, venha depressa.

Espantado demais para protestar, Aherne lavou-se, vestiu-se — notou, então, que não se sentia assim tão bem com a túnica colonialista — e acompanhou o homenzinho para a rua. Era muito cedo e havia pouquíssima gente fora das casas.

— Aonde vamos? — perguntou Aherne.

— Comigo — respondeu o outro, sem sentido algum.

Aherne tentou imaginar vagamente para onde seria levado, mas decidiu ir sem fazer mais perguntas. Era bem possível que dessa maneira ficasse sabendo muito mais sobre a Colônia do que se estivesse com um guia oficial. Apalpou a fria coroa do revólver Webley, cuidadosamente posto no coldre sob a axila. Poderia recorrer a ele, em caso de encrenca.

O homenzinho parecia bastante preocupado. Levou Aherne, rapidamente, pelas ruas que iam dar ao outro lado do Domo, onde haviam outras portas, conforme verificou.

Vários colonialistas que cruzavam com ele sorriam-lhe, mas nenhum fez menção de pará-lo, para perguntar-lhe onde ia. Isso estava certo, pensou Aherne.

Chegaram a uma porta. Atravessaram-na e ficaram na câmara entre a camada interna e a externa da cúpula. Aherne viu um trator parado lá fora. O homenzinho nada dissera durante a caminhada. Então, apontou para a fileira de trajes espaciais pendurados perto da porta.

— Pegue um — disse. — Vista-o.

Aherne obedeceu. O estranho guia vestiu um dos menores trajes que havia. Juntos, passaram a porta de ar comprimido e saíram do Domo.

— Vamos neste — grunhiu o guia e entrou no trator.

Aherne seguiu-o. O veículo começou a mover-se lentamente sobre o chão ondulado.

Atravessaram as colinas e o trator continuou, pulando, a mover-se sobre a gelada areia do deserto. Uma hora mais tarde, chegaram ao destino: o segundo Domo.

Parecia ter sido construído com as mesmas linhas do outro. Aherne olhava curiosamente em redor, enquanto ele e seu calado companheiro entravam pelas já familiares portas de ar comprimido. Por fim, tirou o traje espacial e entrou no segundo Domo. Era igual ao outro, por dentro e por fora.

Mas, depois de dar alguns passos, Aherne sentiu faltar-lhe a respiração; deu mais alguns e percebeu que seu pulso se acelerava. Ali estava a diferença: a pressão do-ar ali era consideravelmente mais baixa do que a da Terra. Sentiu que seu corpo reclamava a quantidade de oxigênio a que estava habituado e engoliu em seco para aliviar a pressão nos ouvidos.

Enquanto permanecia ali, parado, tentando habituar-se à mudança de pressão, viu um segundo homem, também entroncado, com aparência de espanhol, aproximar-se. Mas, desta vez, tratava-se de um rosto que conhecia bem.

— Você logo se acostumará com a pressão, Aherne — disse o recém-chegado, assim que se aproximou. — Nós a mantemos assim para benefício dos nossos colonialistas — estendeu-lhe uma caixa de comprimidos. — Tome — disse. — Aspirina. Alivia um pouco a reação.

Aherne pegou a caixa, tirou um dos comprimidos brancos e engoliu-o a seco Pouco depois, o peso em sua cabeça diminuiu.

— Que está fazendo aqui, Echavarra? perguntou Aherne.

— Não senti falta de mim, Aherne? Não notaram que não mais expus minhas ideias malucas às Nações Unidas durante os últimos três anos?

— Não — disse Aherne, lentamente. — E, mesmo que o notássemos, pensaríamos que se encontrava em algum lugar, fazendo experiências particulares.

O homem chamado Echavarra piscou gaiatamente: — Isso mesmo. Estou em algum lugar, fazendo experiências particulares — passou um dos braços pelos ombros de Aherne. — Vamos — disse — Vamos para minha casa.

Lá a pressão é melhor do que aqui.

\*

Enquanto caminhavam pelo coração da Colônia, Aherne notou que era povoada quase que exclusivamente por pessoas de baixa estatura e tórax bem largos e que nenhuma delas parecia incomodada pela baixa pressão. O quadro começava a tomar forma.

José Echavarra fora o centro de uma tempestade, no quartel-general das Nações Unidas, durante os dias dos calorosos debates sobre quem iria construir a Colônia Marciana; na ocasião, José Echavarra, geneticista peruano, opusera-se acirradamente ao americano, Carter, que parecia decidido a obter a cobiçada aprovação da ONU.

Carter apresentara o plano de Domos pressurizados, nos quais os terrestres poderiam viver em considerável conforto Echavarra, irritado, declarara que aquele era o caminho errado: os homens tinham de se adaptar ao planeta e não o planeta aos homens.

Deu como exemplo os mineiros andinos, que haviam sido estudados por cientistas peruanos. Esses mineiros viviam em altitudes de três mil a quatro mil e quinhentos metros acima do nível do mar, onde o ar era fino, a pressão baixa e eles se haviam adaptado! Eram capazes de viver confortavelmente com uma pressão de apenas três mil e seiscentos gramas por centímetro quadrado. Echavarra propusera estabelecer uma Colônia composta por esses rudes peruanos e ir gradualmente adaptando-os, de geração em geração, até que pudessem viver confortavelmente na atmosfera de Marte.

Aherne lembrava-se claramente do que acontecera. Echavarra fora absolutamente rejeitado e Raymond Carter fora o escolhido para encabeçar a expedição de pioneiros que iria construir o Domo pressurizado e estabelecer a Colônia da ONU com colonialistas, é claro, escolhidos em todas as nações.

Echavarra desaparecera imediatamente depois disso. Agora, ali estava... com sua completa colônia de peruanos, afinal de contas. E a pressão do ar era baixa, na verdade. Aherne, ofegante, arrastava pesadamente uma perna após outra, acompanhando Echavarra pelas ruas.

\*

— Entre aí — disse o peruano.

Aherne voltou-se para onde ele apontava e entrou num pequeno, austeramente mobiliado quarto, cujo calor e atmosfera rica devolveram as forças e seus exaustos pulmões.

— Conservo um aposento com pressão normal — explicou Echavarra. — Não consigo adaptar-me com esses andinos e preciso descansar de vez em quando.

Aherne jogou-se num sofá que ia de parede a parede e esperou que seu metabolismo voltasse ao normal.

— Ufa! — conseguiu dizer, depois de um momento. — Não estou habituado a tais mudanças de pressão!

— Você sofre com a anoxia — disse Echavarra. — Falta de oxigênio. A baixa pressão deste Domo faz com que seus pulmões tenham dificuldades na retirada de oxigênio e a quantidade de glóbulos vermelhos do sangue aumenta para compensar. É difícil, no começo, depois você se habituará.

Aherne assentiu: — Mas está sendo difícil!

— Acho que você está no segundo limiar da anoxia — comentou o peruano, olhando em volta nervosamente. — Eu esperava que isso acontecesse.

— Que quer dizer?

— Graduamos os níveis do oxigênio necessários em três estágios — explicou Echavarra. — O primeiro é o limiar-reação. Na Terra é, geralmente, encontrado aos mil e oitocentos metros de altitude. O pulso se acelera, os capilares relaxam, levando mais sangue às células. Sentem-se algumas vertigens. Então, começa o segundo estágio, quando a gente começa a se sentir um tanto "alto": é o limiar-perturbação. Você estava justamente chegando a esse nível quando eu o trouxe para cá. As características são deslumbramento da vista, embotamento dos sentidos, atraso nas reações musculares. Você sabe como é... Desagradável, mas não perigoso.

— Eu sei — disse Aherne, que ainda estava recuperando as forças e mantinha-se imóvel. Há um terceiro estágio?

— Sim — respondeu Echavarra. — O limiar crítico. Acontece quando a pressão desce abaixo de meia atmosfera. Perda de visão, aceleração do coração, hemorragia nasal, perda da coordenação muscular, bloqueio da consciência. Possivelmente, convulsões.

O fim da crise é a morte. O homem não está adaptado à baixa pressão. Marte é, constantemente, uma área do limiar-crítico. Na Terra, este é, em geral, apenas encontrado acima de quatro mil e oitocentos metros, como nos Andes peruanos concluiu Echavarra categoricamente.

Aherne sentia-se bem melhor. Sentou-se e olhou atentamente para o peruano, que alisava seu rígido bigode negro.

— Tudo muito interessante, Echavarra, se bem que eu suspeite de que você não me trouxe aqui para falar sobre as condições nas grandes altitudes. Que tal falarmos sobre o que eu quero saber?

Echavarra sorriu amavelmente: — Que quer saber, exatamente?

— Primeiro: que está fazendo aqui? Quem o financia?

O homenzinho tornou-se sombrio:

— É uma triste história. Depois de minha infeliz rejeição na Assembleia Geral, fui de país a país, procurando angariar fundos para o meu projeto. Afinal, consegui o míni-mo necessário, com a generosa ajuda de meus próprios compatriotas. Naturalmente, não podemos produzir na mesma escala em que o Dr. Carter o faz, mas trataremos de conseguir bastante dinheiro para transportar umas cem famílias para cá e construir um Domo maior.

— Por quê?

O outro sorriu:

— Discordo da premissa básica do projeto de Carter e quero uma chance para tentar a meu modo. Todos os meus homens estão aclimatados à meia atmosfera. Trabalham e praticam esportes num meio que mataria qualquer homem normal. Viveram assim durante várias gerações. Geneticamente, estão aptos a

sobreviver em condições de baixa pressão e ar rarefeito. Neste Domo, a pressão vem sendo reduzida gradual e lentamente. Eles não o notam, mas seus organismos vão se adaptando à leve mudança. Espero poder descê-la até se tornar aproximadamente igual a atmosfera normal em Marte. Não estarei aqui para ver. Talvez não aconteça a esta gente, nem a seus filhos... mas um dia acontecerá. Então, puf!, nada de Domo!

— Interessante — comentou Aherne, friamente. — E por que usou de um estratagema para trazer-me aqui?

O peruano abriu as mãos morenas: — Veio para decidir o destino da Colônia de Carter, não?

Aherne assentiu: — E daí?

Echavarra apertou os olhos escuros e uma expressão ansiosa desenhou-se em seu rosto. Aherne notou que este se achava marcado por minúsculas manchas purpurinas de capilares estourados.

— Quis que viesse aqui para ver os resultados de meu programa genético. Quero que vote contra Carter... e transfira a apropriação para mim.

Aherne pensou durante alguns instantes:

— Impossível! A ONU decidiu apoiar Carter e não vejo razões para ir contra tal decisão. Seu trabalho é interessante, sem dúvida, mas acho que pode causar sérios problemas...

— Calma! — disse Echavarra. — Não salte no escuro! Ficaré aqui durante algum tempo, não? Aproveite-o para considerar os méritos relativos às duas Colônias. Veja por si mesmo qual é a mais indicada para se trabalhar e viver em Marte.

Aherne meneou a cabeça:

— Estou inclinado a aceitar a decisão da Assembleia Geral — disse. — Obrigado pelo oferecimento, mas acho que é melhor eu voltar agora para a Colônia da ONU, Echavarra.

— Fique um pouco mais... — pediu o peruano.

Aherne ia responder que não, mas, de repente, ouviram-se sons de violenta altercação lá fora, acompanhada por grande e raivosa gritaria. Então a porta abriu-se violentamente e Sul y Roberts, usando uma máscara de plástico de oxigênio, entrou no aposento com mais seis homens.

Você pagará por isso, Echavarra! — disse Roberts, com raiva.

Seus homens rodearam Aherne, que pôde ver, ao fundo, dois ou três peruanos atordoados, cambaleantes, tentando entrar no quarto.

— Pagar o que, Sr. Roberts?

— Pelo rapto deste homem! — Roberts voltou-se ansiosamente para Aherne: — Não o machucaram?

Aherne fez que não com a cabeça: — Não. Eu...

— Há um engano nisso tudo — disse Echavarra, suavemente. — O senhor Aherne não foi raptado.

Veio para cá voluntariamente, hoje de manhã, inspecionar nossa Colônia.

Não é verdade, senhor Aherne?

O homem da ONU viu os rostos dos seis homens de Roberts tornarem-se tensos.

Estavam aflitos. Será que Echavarra conseguira convencê-lo a passar para seu lado?

Aherne decidiu permanecer neutro por enquanto.

— Eu não diria que fui raptado — respondeu, sorrindo. — Vim para cá voluntariamente, sem dúvida.

— Viram? — exultou Echavarra.

O rosto de Roberts era u'a máscara de angústia e perturbação: — Mas...

— Asseguro-lhe que o senhor Aherne não foi magoado — disse Echavarra, — E, agora, desculpem-nos enquanto terminamos nossa conversa...

— Estão a espera dele para que participe de algumas recepções em nosso Domo -

disse Roberts. — Ficariam desapontados se ele não fosse Cuidadoso uso da terceira pessoa quando fala em mim — notou Aherne. — Teme dar a impressão de querer controlar-me.

— Acho que ele tem razão, senhor Echavarra — disse Aherne. — Tenho obrigações para com a Colônia de Carter, no momento.

— Espero que leve em consideração o assunto sobre o qual conversamos, senhor Aherne.

— Pensarei nele — prometeu Aherne, e depois continuou, diplomaticamente: — Mas, por enquanto, pretendo confiar na decisão da Assembleia — Muito bem — concordou Echavarra, um tanto aborrecido e forçadamente gentil. — Mas espero vê-lo antes que parta de Marte e... talvez mude de ideia — Talvez — murmurou Aherne; depois voltou-se para Roberts: — Acho que está na hora de irmos andando.

\*\*\*

Quando estavam fora, caminhando com dificuldade no ar rarefeito da Colônia peruana, em direção à porta, Roberts deixou escapar um pouco da sua ansiedade: — Tínhamos certeza de que não estava bem aqui, senhor Aherne. Assim que descobrimos que o senhor saíra da Colônia em companhia de um desses índiozinhos, saímos a sua procura.

— Que temia? — perguntou Aherne, enquanto chegavam à porta.

— Bem, como não deixou nenhum recado, ficamos certos de que fora raptado. Claro, jamais imaginaríamos que o senhor decidiria visitar os peruanos sem nos avisar — explicou Roberts.

Escondido nesse palavreado todo — pensou Aherne — há uma crítica velada. O que querem realmente dizer é que não tenho o direito de sair desse modo ou que, talvez, tenha mesmo sido raptado e não queira admiti-lo.

— Echavarra e eu somos velhos conhecidos — disse Aherne. Tive várias oportunidades de conversar com ele nos dias anteriores ao que o projeto dele foi recusado pela ONU.

— É um louco, claro! — afirmou Roberts, rapidamente, ajudando Aherne a subir para um trator e subindo em seguida. — Essa ideia de adaptar homens ao ar rarefeito não é possível, é?

— Não tenho muita certeza disso...

Aherne viu uma expressão de desespero desenhar-se imediatamente no rosto de Roberts e regozijou-se com a própria perversidade. Estava diminuindo Roberts, tirando vantagem do desesperado desejo dos colonialistas de obter sua aprovação e gozava a situação por achá-los falsos.

Depois de longo silêncio, durante o qual os dois homens mantiveram os olhos firmemente fixos na desolada vastidão que se estendia à sua frente, Roberts falou: — Não está pensando em dar-lhe nossa apropriação, não é?

Durante um minuto ou dois, Aherne considerou as possíveis respostas e, depois, não havendo justificativa real para aborrecer Roberts com uma possibilidade que ele próprio rejeitava, respondeu:

— Não. Claro que não. A ONU sempre votou a favor da Colônia de Carter e não vejo motivo algum para colocar Echavarra em evidência.

\*

Rostos ansiosos voltaram-se para ele assim que atravessou a porta e entrou no Domo da ONU. Reconheceu os membros do comitê de recepção e mais numerosos colonialistas, que não escondiam seu nervosismo.

O Dr. Raymond Carter foi o primeiro a se aproximar. Mas, antes que dissesse qualquer coisa, Roberts se interpôs e explicou onde Aherne estivera e por que.

— Visitando Echavarra, hein? — comentou Carter. — Aquele doido! E ele tinha algo interessante a dizer? Segundo as últimas notícias que tive, estava trabalhando num plano para fazer seus índios sobreviverem em Júpiter.. ou seria na fotosfera do Sol?

Aherne sorriu do exagero, mas ignorou o comentário.

— Sinto tê-los perturbado — desculpou-se. Achei que era necessário examinar a Colônia peruana, assim como a dos senhores... a fim de ter alguma base para julgar seu Domo.

Carter encarou-o, pouco à vontade: — Não pretende votar por Echavarra, não?

— Não — respondeu Aherne. — Não vejo razão nenhuma para ir contra a decisão da Assembleia quanto à apropriação. Aherne viu Carter relaxar-se visivelmente e continuou: Claro que quero examinar sua Colônia cuidadosamente, antes de opinar sobre seu progresso e futuras possibilidades.

— Naturalmente — concordou Carter, desassossegado. — Poderá visitar a Colônia toda, imediatamente, se quiser. A senhorita Greer sentir-se-á feliz em acompanhá-lo a qualquer lugar que queira ir.

Carter parecia absurdamente agradecido pelo fato de Aherne não ter passado para o lado do geneticista peruano. Enquanto se dirigia para o centro da Colônia, em companhia da loquaz senhorita Greer, Aherne descobriu-se desejando poder estar em posição de ser honesto com aquela gente, de poder dizer-lhes o quanto admirava o que estavam fazendo, dizer-lhes o quanto estava querendo poder dar uma recomendação positiva para a continuação da Colônia.

Mas tinha de estar seguro primeiro. Uma identificação emocional com esses pioneiros seria perigosa, podendo influenciar seu julgamento. Aherne sabia que sua apreciação deveria ser fria, racional e imparcial. O resultado da missão estava fora de dúvidas, no que concernia ao Enviado Especial Michael Aherne.

## VI

A senhorita Greer era alta, esguia, atraente e . tudo fazia para merecer a total aprovação de Aherne. Este imaginou até que ponto sua atitude poderia chegar se continuasse naquele caminho.

— Você é solteira? — perguntou Aherne, querendo descobrir por que uma garota daquelas teria deixado a Terra e ido para a Colônia.

Os olhos dela tornaram-se sombrios.

— Meu marido morreu — disse. — Voltei a usar meu nome de solteira. É o costume aqui.

— Oh! Sinto muito... — murmurou Aherne, desajeitado, Continuaram a andar junto à longa fileira de casas pequenas que ficava entre uma das portas de ar comprimido e o prédio da escola, que seria a primeira etapa da visita.

— Morreu durante a construção do Domo continuou ela. — Houve onze perdas nessa ocasião e ele foi uma delas. Vim para cá por causa dele e acabei ficando porque quis.

Sinto que pertenço a este lugar: trabalhei para ajudar a construí-lo. Trata-se de algo muito importante, não apenas para mim, mas também para o mundo inteiro.

Aherne grunhiu algo ininteligível. Queria afastar a conversa do terreno sentimental, mas interessava-se pelo fato,

— Como eles morreram? — perguntou.

— Caíram dos andaimes, Foi o mais grave acidente que tivemos.

— Nessa ocasião a Colônia já tinha hospital?

— Sim, porém pequeno demais, Tivemos várias outras dificuldades de pequena monta, também.

Antes que puséssemos guardas nas portas de ar comprimido, as crianças tentavam sair do Domo... Mas paramos logo com isso. Tivemos, também, um surto de ptomaína no ano passado; não houve mortes, mas ficamos bem doentes durante algum tempo. E há uma porção de doenças causadas pela gravidade: esse é nosso maior problema.

— Por quê? — indagou Aherne.

— Bem, você sabe que a gravidade aqui é apenas de quase quarenta por cento da terrestre, e é preciso tempo para que a gente se adapte a ela. Algumas pessoas têm problemas de digestão: a alimentação não é convenientemente assimilada. E outro problema, que ainda não pudemos resolver totalmente, é o da gravidez. As mulheres têm grandes dificuldades em dar a luz em menos de meia atmosfera. Os músculos não trabalham.

Esse era um fator que Aherne não considerara.

— Mas têm nascido crianças aqui, não?

— Oh, sim! — afirmou a senhorita Greer, com os olhos brilhantes. — Espere até ver nossa escola! Mas é muito arriscado. Construimos um quarto pressurizado no qual se realizam os partos. O problema é manter contato com todas as nossas mulheres grá-

vidas e ter certeza de que estarão no quarto especial quando o parto tiver início, Ocasionalmente, ocorrem partos prematuros e não há tempo de levar a parturiente até o quarto. Aí o caso se complica.

Aherne concordou. Ia guardando isso tudo cuidadosamente de memória. A senhorita Greer, concluiu, era o guia ideal. Não apenas era uma companhia agradável, como também não apresentava aquela defensiva consciente e afetada que os homens mantinham constantemente, de modo que revelava a Aherne alguns fatos sobre a Colônia que ele jamais descobriria de outro modo.

Fatos que deviam ser avaliados a fim de serem devidamente encaixados no problema: A Colônia Marciana era prometedora o bastante para que os trabalhos continuassem?

A escola estava funcionando. Aherne viu umas vinte e quatro crianças emaranha-das nos meandros da aritmética, falando sobre essa matéria com muito mais segurança e propriedade do que se poderia esperar. Depois, terminadas as aulas, saíram da sala com a barulhenta agilidade de potrinhos. Não havia no grupo uma só criança que parecesse infeliz, nenhuma que se demonstrasse orgulhosa de si mesma, nenhuma sem graça. Os psicólogos que haviam escolhido os colonialistas para a viagem tinham feito muito bem o seu trabalho.

As crianças tinham de três a dez anos de idade, havendo um grupinho maior de cinco a sete anos. Isso era facilmente explicável, é claro; a Colônia fora iniciada há cinco anos, e para lá não tinha sido levada nenhuma mulher grávida e nenhuma criança com menos de dois anos. Depois, houvera um indefinido hiato no campo de nascimentos; crianças que tinham ido na primeira viagem tinham agora sete anos, enquanto que as nascidas na Colônia não tinham mais de quatro anos.

Aherne notou que as crianças se movimentavam com mais segurança e calma do que os adultos. Explicava-se: tinham crescido na gravidade marciana, seus músculos não haviam sido previamente acostumados à gravidade terrestre, por isso estavam aptos a se habituarem mais facilmente ao clima de Marte. Estavam se adaptando, pensou Aherne.

Continuou a andar, da escola para a livraria local, da livraria para a oficina jornalística, de onde saía o jornal com notícias de Marte. Lá se encontrava exposta, orgulhosamente, uma inacabada e solta cópia da história da Colônia Marciana, escrita por Carter que, certamente, narrava aqueles cinco primeiros anos de atividades. Ao olhar as primeiras páginas, Aherne notou que o volume continha a especificação Volume Um.

A senhorita Greer era uma companheira agradável, afável e jamais deixava de ser uma fonte de conversação divertida e informativa. Mostrou-lhe a central telefônica, o prédio onde funcionava o gerador-atmosfera e o pequeno teatro onde um grupo de amadores iria levar a estreia de Noite de Reis naquela noite.

Shakespeare em Marte? Por que não? — pensou Aherne, enquanto observava o desenvolvimento do ensaio. Os colonialistas interpretavam a poesia do Bardo suave e fluentemente, com rara habilidade e penetração. Aherne permaneceu sentado na pequena plateia por mais de uma hora e depois pediu para ver o diretor.

Foi então que soube que o diretor era o mesmo homem alto, de voz baixo-profundo, que interpretava o papel de Malvolio. Seu nome era Patchford. Aherne cumprimentou-o, tanto pela representação como pela direção.

— Obrigado, senhor — disse o colonialista. O senhor assistirá nossa estreia, não?

— Certamente — respondeu Aherne. — Tem tido muitas oportunidades de encenar Shakespeare?

— Infelizmente não — respondeu Patchford, tristemente. — Nosso "Shakespeare Completo" foi destruído durante a viagem e ainda não obtivemos outro exemplar da Terra. Foi uma sorte eu ter pertencido a uma pequena companhia que estava levando a Noite de Reis pouco antes de eu deixar a Terra. Copiei todas as partes para memorizá-las e é essa versão que estamos levando.

— Pareceu-me muito bem cuidada.

— Espero que sim — disse Patchford, fazendo uma careta. — Até que a ONU nos mande outro microfilme de Shakespeare, é o melhor que tenho para oferecer.

— Estou ansioso por vê-lo, hoje à noite disse Aherne, sinceramente, retirando-se depois com a senhorita Greer.

A próxima parada foi na entrada da cidade, um lugar escarpado onde havia um auditório inacabado. Perto dali ficava o campo de plantas hidropônicas, onde Aherne conversou com os dois rapazes que lá trabalhavam. Ensinou-lhas várias coisas. Percebeu que a conversa sobre hidropônicos causara tremenda impressão na senhorita Greer e não se perturbou com o espanto que lhe causava ao demonstrar seus

conhecimentos, omitindo dizer-lhe que fora um dos técnicos em hidropônicos antes de entrar para a ONU.

Aherne reparou que as plantas hidropônicas desenvolviam-se muito bem e experimentou alguns produtos: rabanete, que lhe pareceu um tanto amargo e sem gosto e tomate, que lhe pareceu bem saboroso.

Então, afinal, a senhorita Greer decidiu que Aherne já vira bastante da Colônia por aquele dia. Acompanhou-o até a casa de Carter, onde estavam convidados para jantar. Depois iriam assistir à representação de Shakespeare, de Patchford, que teria lugar mais tarde, nessa mesma noite. Aherne sentia-se cansado, excitado e alegre. Já não tinha mais tanta dúvida sobre qual seria sua decisão.

## VII

Passaram-se dias ocupadíssimos em que Aherne, sempre o centro das atenções, examinou cuidadosamente a vida da Colônia. Os colonialistas eram todos infalivelmente polidos e amáveis; sabiam que estavam sendo examinados e procuravam viver da melhor maneira que Aherne poderia esperar deles. A vida em baixa gravidade era insípida, às vezes, e a pesada e velha atmosfera artificial fazia Aherne desejar o fresco ar da Terra. Mas, por outro lado, a finalidade técnica da Colônia parecia estar sob controle. Estavam longe de serem autossuficientes, é claro; alimentos enviados da Terra eram de vital importância para a dieta suplementar em deficiência, devido aos hidropônicos e alimentos sintéticos.

Psicologicamente, a Colônia parecia bem equilibrada. Os homens que haviam escolhido os colonialistas tinham-no feito muito bem, apesar de haverem seguido um plano predeterminado de escolha nacionalística. Os mil e onze habitantes do Domo da ONU eram as mais sãs amostras dos povos que Aherne encontrara reunidos ali.

A Colônia, em geral, vivia em expectativa. E, na manhã em que José Echavarrá foi visitá-lo, Aherne estava mentalmente elaborando a espécie de relatório que iria fazer.

\*

O pequeno peruano apareceu inesperadamente.

Aherne, gozando uns instantes de descanso, estava lendo uma novela razoavelmente boa escrita por Roy Clellan, um colonialista, e publicada pela editora da Colônia. Ficou surpreendido quando Echavarrá entrou.

— Olá, Aherne!

— Echavarrá! Como conseguiu passar pelos guardas das portas?

O geneticista sorriu:

— Não há lei que me proíba de vir aqui, há? Disse ao guarda que, se não me deixasse entrar, eu voltaria ao meu Domo e me comunicaria com você pelo rádio, pondo-o a par de que me haviam barrado a entrada. Ele ficou um tanto atrapalhado e não teve outra solução senão deixar-me entrar.

— E aqui está você... — disse Aherne. Que quer?

Echavarrá sentou-se na beirada da cama de Aherne e cruzou as mãos, entrelaçando os dedos finos e morenos de modo complicado.

— Lembra-se de nossa conversa?

— Lembro-me — respondeu Aherne. — Que tem isso?

— Já está pronto para dar sua opinião?

— Se está querendo saber se vou anular a Colônia de Carter e passar a apropriação para a sua, a resposta é não.

Echavarrá franziu as sobrancelhas:

— Então, é não, hein? Quer dizer que ficou bem impressionado por esta coloniazinha.

— Fiquei — confirmou Aherne. — Muito bem impressionado.

O homenzinho fez uma careta expressiva:

— Então, não compreendeu. Essa gente daqui é apenas "convidada" em Marte! São visitantes temporários, que sobrevivem aqui graças ao Domo pressurizado. Mas sempre serão estrangeiros, dependerão sempre de uma atmosfera artificial!

— Não vou discutir isso — disse Aherne, em tom cortante. — Esta gente conseguiu fazer uma verdadeira e maravilhosa organização. Pode dizer o mesmo de seus andinos?

— Não — respondeu o outro. — Ainda não. Mas qualquer dia poderemos respirar o ar de Marte. A

organização social virá depois, como veio a adaptação física.

— Não creio. Você tem homens acostumados a grandes altitudes e baixa pressão.

Mas que espécie de homens são eles? Representam o melhor da humanidade? Não.

São pessoas primitivas, ignorantes, que conseguiram desenvolver certa resistência física. Não se pode constituir um mundo com eles!

— E você não pode constituir um mundo com pessoas que têm de permanecer escondidas dentro de um Domo! — retorquiu Echavarra. — Mas vejo que terei de prosseguir sem você. Posso, pelo menos; esperar que tenha a gentileza de informar às Nações Unidas sobre o andamento de minhas experiências e o êxito de meu projeto?

— Claro que o farei — prometeu Aherne. É uma experiência de valor.

Echavarra pôs um maço de papéis sobre a cama: — Eis meu relatório. Avaliei a tolerância de minha gente à baixa pressão, examinei as adaptações integradas que são necessárias para produzir uma excelente raça marciana e incluí alguns detalhes das análises bioquímicas dos tecidos musculares que meus cientistas estão realizando. Um deles está estudando mioglobina, uma espécie de hemoglobina que é particularmente usada no controle da porcentagem de oxigênio descarregado em... Mas isso nada quer dizer para você, não? Se quiser, examine essa papelada e leia o que lhe interessar.

— Farei isso — disse Aherne. — Olhe, Echavarra, não estou querendo ser deliberadamente cruel para com você. Não vim aqui para decidir se o seu grau de desenvolvimento é maior do que o de Carter; quanto ao que me concerne, isso já foi decidido há muito tempo. Tudo o que devo fazer é verificar se a Colônia de Carter está trabalhando. E está. Dou-me por satisfeito.

— Você está preparando o relatório, então?

— Estou — respondeu Aherne.

Era a primeira vez que dava voz à sua decisão e agora achava, mais do que nunca, que tinha razão.

— Muito bem — suspirou Echavarra. — Não vou tentar persuadi-lo a dar-me tempo.

— Não posso ajudá-lo — disse Aherne.

Aherne sentia verdadeira simpatia por Echavarra, mas do modo que as coisas estavam, nada podia fazer. A Colônia de Carter merecia apoio. Mesmo levando-se em conta que provavelmente eles se haviam preparado para causar a melhor impressão a Aherne, a Colônia parecia ser o primeiro válido exemplo de cooperação entre seres humanos, em todos os pontos de vista, que Aherne já vira.

Aherne pegou os papéis de Echavarra e colocou-os sobre uma estante.

— Vou ler com cuidado — disse.

— Obrigado — murmurou o peruano, simplesmente.

Echavarra ficou olhando para Aherne durante um momento, depois voltou-se e saiu.

\*

Aherne tornou sua decisão pública nesse mesmo dia, mais tarde. Numa curta, concisa declaração que entregou, sem nada dizer, ao Dr. Carter, declarava sua grande satisfação ao ver como a Colônia funcionava e afirmava definitivamente estar disposto a apoiar a continuação da apropriação por tempo indefinido.

Carter leu a declaração imediatamente e depois olhou para Aherne.

— Obrigado — disse em voz rouca.

— Não me agradeça. Foi seu esforço que obteve isto. Estou cem por cento solidário com sua Colônia, Dr. Carter.

— Sinto-me feliz em ouvir isso — disse o grisalho chefe. — No entanto, a princípio, você parecia estar duvidando sobre o rumo que as coisas iriam tomar.

— Foi apenas pose — confessou Aherne.

— Isso era óbvio. Agora, posso dizer-lhe que se percebia que o senhor gostava do que estava vendo. A senhorita Greer contou-nos que o senhor borbulhava de entusiasmo.

— E era mesmo — confirmou Aherne, intimamente aborrecido por não ter sabido ocultar melhor seus sentimentos. — Estou firmemente convencido de que o senhor se encontra no caminho certo.

— Vou anunciar isso a toda a Colônia — disse Carter. — Ficarão alegres ao saber que nossa vida aqui continuará por mais algum tempo.

Meu trabalho está feito, pensou Aherne. Seria bom voltar para a Terra, para a ONU, agora que terminara a pressão a que se submetera para decidir. Sentia-se aliviado por ter podido tomar a decisão conscientemente. Era uma sensação agradável.

Voltou para sua escrivaninha e começou a fazer tentativas para redigir o relatório final que deveria apresentar. Começou por dar noções preliminares da vida na Colônia.

Depois de escrever duas frases parou, perturbado. As palavras severas de Echavarra ecoavam em sua cabeça, parecendo escarnecer dele e chamá-lo de "idiota". Essa gente daqui é apenas convidada em Marte! E, você não pode constituir um mundo com pessoas que têm de permanecer escondidas num Domo!

A voz seca, incisiva, do peruano martelava-lhe o cérebro e recusava-se a ser esquecida. Aherne mastigou a ponta de sua esferográfica durante alguns momentos. O temor continuava em sua mente. Visualizou Echavarra pontuando cada uma de suas palavras com um cutucão no ar — no ar artificial do Domo.

Estarei certo? Quem sabe? — interrogou-se Aherne e, devagar, sem a convicção que sentia antes, começou a fazer seu relatório.

## VIII

Aprofundada no frio solo, geladamente brilhante, uma longa e fina linha cortava o deserto... uma falha, rugindo ao longo da superfície. Uma fenda escura que indicava o fim de uma formação geológica e o começo da próxima.

Ao longo da falha era exercida a pressão de toneladas de areia e montanhas. Gradualmente, vagarosamente, durante o período de séculos, essa falha começara a abrir-se. Um lado cedera; o outro, inexoravelmente, erguera-se. O processo continuara imperceptivelmente, até o dia em que o terreno cedeu, as barreiras finais quebraram-se e a fenda abriu-se onde antes não se percebia falha alguma.

Uma formação geológica inteira — um bloco de granito com algumas centenas de quilômetros quadrados — ergueu-se com um simples estalo. O deserto partido estremeceu e a catástrofe atingiu aos inconscientes Domos, obliquamente colocados sobre a fenda.

Aherne planejara partir naquele dia. Valoinen e sua nave deveriam chegar na ma-nhã seguinte e Aherne estava fazendo visitas de despedida, quando aquilo aconteceu. O chão pareceu convulsionar-se em pânico e tudo começou a cair. As armações do Domo partiram-se, soltando-se do chão, e sua estrutura foi submetida a uma tensão que não fora calculada. Uma enorme fenda abriu-se na cúpula de plástico brilhante, de um lado a outro.

Aherne sentiu o frio golpeá-lo. A atmosfera, tão cuidadosamente gerada, escapou rapidamente e o desagradável, nitrogenado ar de Marte penetrou, substituindo-a.

— Os trajes espaciais! — gritou alguém, e o pânico generalizou-se.

Mil e doze pessoas correram em busca de trajes espaciais, ao mesmo tempo.

Crianças esmagadas, adultos gritando, mulheres aterrorizadas.

Aherne lutou para respirar; sua cabeça zumbia, os olhos escureciam. Que dissera o peruano? Era o limiar-crítico... era o momento do qual não havia escapatória. A luz mortíça do Sol infiltrou-se ironicamente pela fenda do Domo. Era isso, então, o ar de Marte. O irrespirável, frio, amargo ar de Marte. Limiar-crítico.

De algum modo, Aherne encontrou um traje espacial, e de algum modo obrigou os dedos entorpecidos a fazerem os movimentos necessários para enfiar a roupa. Podia ver vagamente; suas mãos meio enregeladas não queriam obedecer. Mas, afinal, encontrou-se dentro do traje com o ar — o verdadeiro ar — em volta de si.

Aherne, então, encostou-se na fria, enrugada parede durante alguns momentos, atordoado, sem compreender o que acontecera. Há um instante estava conversando animadamente com Kate Greer e Sul y Roberts; no momento seguinte, o céu se rompera e vira-se mergulhado na escuridão.

Aspirou o ar, levando-o bem profundamente para baixo e deixando que aquecesse seus pulmões, enquanto seu corpo ia lentamente voltando ao normal. Então, olhou ao redor.

O que viu era estarrecedor. Para onde quer que olhasse, via colonialistas. Muitos haviam conseguido pegar trajes espaciais; os que não o tinham pegado — e isso incluía uma porção de crianças — estavam inconscientes no chão, com o rosto arroxeadado pela falta de oxigênio.

Sul y Roberts estava perto de Aherne, junto a um grupo de pessoas que se atropelavam ao longo da parede, em cujo armário os trajes espaciais estavam guardados.

Roberts conseguira enfiar-se em um deles, mas o chegar ao limiar-crítico fora demais para ele: estava sem sentidos.

— Sul y! Sul y!

Depois de alguns momentos, Roberts abriu os olhos. Pôs-se desajeitadamente de pé, sacudiu a cabeça e cambaleou. Aherne amparou-o.

Aquele parecia um mundo de pesadelo. Roberts apontou para os corpos exangues, que se espalhavam numa distância de uns noventa metros. Os colonialistas que não tinham conseguido chegar até ali.

— Vamos! — disse Roberts, ansiosamente. Talvez possamos salvar alguns deles!

\*

Mais tarde, quando tudo estava calmo e parte da ordem fora restaurada, a castiga-da Colônia movimentou-se para verificar o que restara. Uma reunião geral foi convocada no auditório central e, vagarosamente, as atordoadas figuras em trajes espaciais começaram a entrar.

Aherne sentou-se a um lado. Era o único que começara a reagir ao golpe que os atingira. Sentia-se amargurado, com raiva daquela espécie de cruel piada... Agora sabiam que um martemoto arrasara o Domo. O relatório estava escrito, o futuro da Co-lônia assegurado... e agora aquilo!

Ouviu a voz de Carter fazendo lentamente a chamada: — Anderson, David e Joan.

— Presente.

— Antoneli, Leo, Marie, Helen.

— Presente.

A seguir, o silêncio da morte depois de um nome, sua repetição e a marca quadrada, que significava morte, na longa lista. A chamada continuou pelo resto do dia, até que a extensão da tragédia ficasse estabelecida.

Houvera sessenta e três mortes e cinquenta e sete casos graves. A fenda que o tremor provocara no Domo tinha de ser reparada. A não ser isso, a Colônia não apresentava outros danos muito graves... mas seria preciso voltar ao princípio, outra vez.

Isso, se houvesse algum meio de recomeçar.

Sul y Roberts fora mandado ao Domo peruano para ver como iam as coisas por lá.

Aherne olhou o homenzarrão passar através da desnecessária porta de ar comprimido e entrar num trator.

A situação era trágica, pensou Aherne. Então, aos poucos, começou a achar que não o era. Aquele tremor do solo iria acontecer mais cedo ou mais tarde... porém, como se algum Poder o tivesse guiado, acontecera justamente no momento da decisão de Aherne. Esperara até que a volta tivesse sido marcada e então desencadeara sua fúria para mostrar a Aherne a fatal fraqueza do domo.

Haviam feito planos e planos, mas não tinham imaginado sequer um levantamento do solo, a uns cento e sessenta quilômetros de distância. E jamais poderiam contar com isso.

Agora, somente agora Aherne sabia realmente o que devia fazer.

\*

Ficaram no auditório, quietamente sentados, esperando o regresso de Roberts.

Aherne observava os rostos dos homens que lhe estavam mais próximos... rostos que refletiam um sonho transformado em pesadelo, num simples e imprevisível momento.

A porta abriu-se abruptamente e Sul y Roberts entrou, apenas uns dez minutos depois de ter saído.

— Então, Sul y? — perguntou Carter, do palco. — Não foi até lá?

— Não foi preciso — respondeu Roberts. — Encontrei um grupo deles no caminho, O domo deles também se rompeu, mas eles se puseram em ordem bem mais depressa do que nós. A Colônia peruana em massa vinha vindo para cá, a fim de ver se precisávamos de ajuda.

Roberts afastou-se para o lado da porta e Echavarra entrou, vestindo um traje espacial de cor berrante, que pareceu deslocado na sombria assembleia. Atrás dele Aherne pôde divisar um enxame de pequenas figuras com trajes espaciais — Os andinos.

— Viemos ver se podemos ajudar — disse Echavarra. O tremor danificou nosso Domo também. Mas, naturalmente, meu povo não sofreu tão drasticamente os efeitos da súbita mudança, como aconteceu com vocês, uma vez que estamos condicionados para algo pior.

Claro, pensou Aherne, os peruanos, simplesmente se haviam movimentado, daquele seu modo calmo, até o local em que estavam guardados os trajes espaciais.

Nenhum pânico, nenhum acidente.

Aherne ergueu-se: — Dr. Carter.

— Sim, senhor Aherne?

— Pode acompanhar-me para fora daqui um instante? Quero falar com o senhor e com Echavarra em particular.

\*

Aherne sentiu como se tivesse o futuro de Marte em suas mãos quando olhou, através da mesa, do rosto abatido de Carter para o rosto ansioso de Echavarra.

— Vou falar francamente — disse Aherne a Carter. — Tenho de voltar atrás quanto ao meu relatório. Sua Colônia, definitivamente, não pode continuar.

Carter ficou pálido: — Mas podemos reconstruir o Domo! O senhor disse...

— Sei o que disse — cortou Aherne, decididamente. — Mas tudo mudou por causa desse tremor do solo. O senhor Echavarra mostrou-me esse fato claramente durante um dos nossos encontros: o senhor e sua Colônia são meros hóspedes aqui. Estão sujeitos aos caprichos locais, quanto à sobrevivência. Não se pode trabalhar em bases tão pouco sólidas. Não pode depositar suas esperanças numa frágil cúpula e esperar, assim, constituir uma Colônia estável.

Carter pareceu encolher-se para dentro de si mesmo. Meneou a cabeça: — Então eu estava errado... — disse. — O tremor do solo provou-o.

Os olhos de Echavarra brilharam: — Isso quer dizer que está de meu lado, senhor Aherne?

— Não inteiramente — respondeu Aherne. Já lhe disse porque: seus homens estão o suficientemente adaptados para ultrapassar uma desgraça como esta, que destruiu o Domo, e dentro de umas duas gerações não mais precisarão da cúpula para viver.

Mas não constituem o material indicado para construir um novo mundo: são homens ignorantes, primitivos, com baixas possibilidades culturais, que têm apenas altos quocientes de sobrevivência aqui.

Voltou-se para Carter, sentindo que a situação estava inteiramente em suas mãos pela primeira vez desde que saíra da Terra. Agora via o quadro inteiro com clareza e sabia o que deveria dizer exatamente em seu relatório.

— Dr. Carter, o senhor está do outro lado da moeda. Alto nível cultural, pequeno índice de sobrevivência. Tudo em sua Colônia é maravilhoso... exceto o fato de que se desmantelará como um castelo de cartas ao primeiro defeito que aparecer na cúpula.

Carter assentiu amargamente: — É o que descobrimos.

Aherne inclinou-se para a frente: — Agora... que dizem se eu sugerir uma solução?

— Poderíamos... construir uma cúpula maior para as duas Colônias? — perguntou Carter, hesitante.

— Exatamente. Uma só cúpula. Assimilação. Mistura. Combinar a resistência dos peruanos do Dr. Echavarra com a habilidade de sua gente, Dr. Carter. Criar uma nova raça com os dois tipos — disse Aherne, triunfalmente. — Uma nova raça capaz de viver, de pertencer a Marte!

— A pressão... — começou Echavarra.

— Mantenha-a a quatro mil e quinhentos gramas, por enquanto. Será desagradável para ambos os grupos, mas não o será por muito tempo. Eventualmente, o grupo do Dr. Carter desenvolverá o mesmo tipo de tolerância que sua gente apresenta, Dr. Echavarra. Talvez seja preciso a ocorrência de algumas

gerações, mas dará certo... provavelmente!

Os dois chefes estavam entusiasmados.

— O senhor recomendará isso à ONU? — Indagou Carter.

— Se os senhores concordarem... — respondeu Aherne.

Assentiram ao mesmo tempo.

— Então, vamos contar a todos o que decidimos — propôs Aherne. — Vocês precisarão iniciar imediatamente a construção do novo Domo. Não podem viver em trajes espaciais para sempre, como sabem.

— Certo — concordou Carter.

Levantou-se e voltou para o auditório, onde os colonialistas esperavam, impacientes por saber o que estava acontecendo.

Aherne sentou-se de lado outra vez. O show pertencia a Carter e a Echavarra.

Pretendia manter-se fora daquilo tudo.

— Quando Carter começou a falar, expondo o novo plano, Aherne pôs-se a observar o auditório.

Estava repleto — repleto pelos rostos tensos dos colonialistas da ONU e com os peruanos bem calmos, vestidos com seus brilhantes e coloridos trajes espaciais.

Aherne viu seu relatório tomando forma, agora... o mesmo que poderia servir de modelo para os homens que, futuramente, pretendessem povoar outros planetas Satisfeito por ter encontrado o caminho certo, afinal, recostou-se na cadeira, distendendo-se, enquanto ouvia a voz de Carter soando majestosamente.

Olhou para frente, mais para baixo. Viu um menino peruano de uns nove anos, movendo-se desajeitadamente dentro de seu traje espacial cor de limão, e uma das crianças da Colônia da ONU: uma linda menina de uns quatro anos. Estavam um diante do outro, acanhados, olhando-se com curiosidade.

Aherne observou-os. Eram os precursores, os fundadores da raça do futuro, dos novos homens.

Não. Homens não, pensou Aherne. Homens eram criaturas que pertenciam a Terra. Homens não.

Marcianos.

# Equipes colecionadoras

*Tempo virá em que os homens ultrapassarão os confins do nosso sistema solar e começarão a explorar largamente a galáxia. Há milhões de sóis além do nosso e há bastante chance de que muitos deles tenham planetas e que, enfim, esses planetas sejam habitados.*

*Equipes colecionadoras serão enviadas para examinar, classificar e registrar as estranhas formas de vida encontradas nesses mundos distantes. Alguns dos exploradores, sem dúvida alguma, encontrarão espantosos dilemas...*

Oitenta mil e quinhentos quilômetros adiante a situação parecia prometedora. Havia um pequeno planeta, verde e cinza, agradável ao olhar, sem sinal de cidades ou de qualquer outra complicação. Exatamente a espécie de lugar aprazível, o tipo do lugar que procurávamos para redimir o que até então fora uma fracassada expedição.

Voltei-me para Clyde Holdreth, que olhava pensativamente para o termorregulador.

— Então, que acha?

— Parece ótimo. Temperatura a cerca de vinte e um graus centígrados... bonito e quente, repleto de ar. Acho que vale a pena tentar, Lee Davison saiu da cabina de coleção de animais vivos, cheirando a bichos, como sempre. Estivera cuidando de um dos macacos azuis que capturáramos em Alpheraz e o animalzinho vivia no colo dele

— Encontramos algo, senhores?

— Encontramos um planeta — respondi. Como vamos de espaço, lá dentro?

— Não se preocupe por isso. Temos lugar para um zoológico inteiro antes do espaço terminar. Não foi uma viagem muito compensadora...

— Não — concordei. — Não foi. Então, vamos descer e ver o que há por lá?

— É melhor — disse Holdreth. — Não podemos voltar para a Terra apenas com um casal de macacos azuis e alguns tamanduás, não acham?

— Sou a favor de descermos, também — secundou-o Davison. — E você?

Concordei:

— Vou dar uma espiada nos mapas, enquanto você acomoda os animais para a desaceleração.

Davison desapareceu lá atrás, entrando na cabina dos animais, enquanto Holdreth escrevia furiosamente no livro de bordo, anotando as coordenadas do planeta lá em baixo, sua descrição geral e demais dados. Encarregados de colecionar espécimes para a seção de zoologia do Departamento de Relações Interestelares, tínhamos uma nave dupla. O planeta que víamos no momento estava marcado como inexplorado em nossas cartas espaçográficas.

Olhei para a bola colorida, verde e marrom, que girava lentamente na tela do visor, e senti a sensação de dolorosa tristeza que sempre me assaltava toda vez que íamos descer num estranho e novo mundo. Dominando-me, comecei a calcular-lhe a órbita.

Atrás de mim soava a algazarra furiosa dos macacos azuis, enquanto Davison os co-locava nas câmaras especiais; acima desse barulho, sobressaíam os grunhidos nada musicais dos tamanduás rigelianos, que atestavam claramente seu descontentamento.

\*

O planeta era habitado. Tínhamos pousado acerca de um minuto e toda a fauna local parecia ter-se reunido ali. Ficamos diante do visor, olhando para fora pensativamente.

— Eis aí o que sempre sonhamos! — disse Davison, por fim, esfregando as mãos excitadamente. — Olhe só! Há uma centena de espécies diferentes aí!

— Jamais vi coisa igual! — disse Holdreth, alegremente. — Isso é que se chama dificuldades de milionários, creio eu! Escolheremos uma dúzia das criaturas mais bizarras e pronto... deixaremos o restante para a próxima viagem. Não é nada divertido ficar sempre rodando em torno de Rigel!

— Lá encontramos os tamanduás — lembrou Davison.

Ele os encontrara e se orgulhava deles. Ri sem vontade:

— Sim, encontramos os tamanduás em Rigel... — os tamanduás, nesse momento, começaram a berrar aguda e claramente. — Sabe, é uma espécie de animal que acho bem dispensável...

— Atitude digna de reprovação — disse Holdreth. — Nada profissional.

— Quem disse que sou zoólogo? Sou apenas um piloto espacial, não se esqueça. E se não gosto do modo que esses tamanduás falam... e cheiram... não vejo motivo para não...

— Ei! Olhem ali! — gritou Davison, de repente.

Olhei para o visor e percebi que um novo animal estava emergindo da cerrada vegetação ao fundo. Já vira estranhíssimas criaturas desde que trabalhava no departamento de zoologia, mas esse ganhava o prêmio!

Era mais ou menos parecido com uma girafa, movimentando-se sobre longas, hesitantes pernas, e a cabeça era minúscula, no alto de um longo pescoço. Só que tinha seis pernas e uma corcova com um amontoado de tentáculos vibrantes, que lembravam serpentes; seus olhos eram dois grandes globos cor de violeta, fixos nas pontas de duas grossas hastes. Deveria ter uns seis metros de altura. Movia-se com notável graça entre os animais pesadões que rodeavam a nave, afastando-os suavemente de seu caminho e olhando gravemente para o visor. Um dos olhos cor de púrpura estava diretamente fixo em mim; o outro em Davison. Tive uma sensação estranha, como se o animal estivesse querendo dizer-nos alguma coisa.

— Enorme, não? — disse Davison, finalmente.

— Espero que não pretenda levá-lo também...

— Se pudéssemos levar um filhote... — comentou Davison. — Se conseguirmos encontrar um — voltou-se para Holdreth. — Quando estará pronta a análise do ar? Quero sair e começar a escolhê-los. Meu Deus, que bichos mais estapafúrdios!

Aparentemente, o animal lá fora terminara de examinar-nos, pois, virando a cabeça para outro lado, encolheu as pernas sob si mesmo e deitou-se perto da nave.

Um animalzinho, semelhante a um cachorro, com uma fileira de espinhos ao longo das costas, começou a latir para o bicho enorme, que pareceu nem sequer notá-lo.

Os outros animais, que eram de todos os tipos e tamanhos, continuavam a se movimentar em torno da nave, evidentemente muito curiosos a respeito dos recém-chegados a seu mundo. Pude ver os olhos de Davison brilharem de vontade de levar o bando todo para a Terra. Sabia o que se passava em seu cérebro. Estava sonhando com aquelas milhares de criaturas extraterrestres andando pela Terra, cada qual com um leiteiro: Uma coisa ou outra davisioni.

— O ar é bom — anunciou Holdreth abruptamente, terminando de examinar uns tubos de ensaio. — Saia atrás de suas borboletas e mostre-nos logo o que encontramos!

\*

Havia naquele lugar algo que não me agradava. Era bom demais para ser verdade e, há muito tempo, eu aprendera que nada pode ser inteiramente bom. Sempre há algo para atrapalhar.

Somente aquele lugar parecia desmentir o ditado. O planeta era um paraíso para zoólogos e Davison e Holdreth haviam passado a maior parte de suas vidas dedicados ao estudo das espécies.

— Nunca vi nada como isso! — exclamou Davison, pela quinquagésima vez, aproximando-se de um

animalzinho purpúreo, semelhante a um esquilo, examinando-o curiosamente.

O esquilo recuou, olhando assustado para Davison.

— Vamos levar um destes — disse Davison. — Gosto dele — Leve-o para dentro, então — resmunguei. Não ligava a mínima importância para os espécimes que eles recolhiam, desde que enchessem logo a cabina de animais e me deixassem continuar a viagem. Observei como Davison pegava um par de esquilos e o levava para a nave.

Holdreth aproximou-se de mim. Estava carregando uma espécie de cachorro de olhos facetados como os de insetos, com pelo macio e brilhante.

— Que tal este aqui, Gus?

— Lindo — respondi bruscamente. — Maravilhoso.

Pôs o animal no chão e ele não fugiu; ficou ali; sentado, rindo para nós... e olhando para mim.

Holdreth passou-lhe a mão pelo corpo macio.

— Escute, Gus. Você andou esquisito o dia inteiro. Que bicho o mordeu?

— Não gosto deste lugar — respondi.

— Por que? Tem algum motivo?

— É tudo muito fácil, Clyde. Fácil demais. :Esses animais juntaram-se aqui em volta, esperando para ser capturados.

Holdreth riu, zombeteiro:

— E você esperava que lutassem? Está aborrecido porque tudo aqui foi bom para nós!

— Quando penso no trabalho que tivemos para pegar um miserável par de tamanduás mal-cheirosos e...

— Vamos, Gus! Poderemos armar alguma confusão aqui, se você quiser. Mas este lugar é uma verdadeira mina de ouro, zologicamente falando!

Balancei a cabeça:

— Não estou gostando, Clyde... Não gosto nada!

Holdreth riu de novo e pegou seu cão de olhos facetados: — Diga-me, sabe onde poderei encontrar outro deste, Gus?

— Ali — respondi, apontando. — Perto das árvores. Estão com as línguas pendentes para fora. Estão esperando que você vá apanhá-los.

Holdreth olhou e sorriu: — Você parece entendido no assunto!

Pegou seu espécime ao colo, arranjou outro e carregou os dois para dentro da nave.

Saí andando para dar uma espiada nos arredores. O planeta era incrivelmente bom para que eu o aceitasse tão simplesmente, sem dar uma olhada, apesar da grande facilidade com que meus companheiros apanhavam seus bichos.

Para começar, os animais não vivem desse modo, em enormes e misturadas quantidades, todos juntos e felizes. Eu não notara mais do que poucos de cada espécie e havia, por certo, umas quinhentas espécies, cada qual mais estranha do que a outra.

A natureza não trabalha dessa maneira!

Por outro lado, todos pareciam em termos amigáveis uns com os outros, parecendo que reconheciam uma autoridade tácita na criatura parecida com girafa. A natureza não trabalha desse modo, também. Não vira uma briga sequer entre os animais, até então. Isso significava que eram herbívoros, o que não tinha sentido, ecologicamente.

Sacudi os ombros e saí andando.

\*

Meia hora mais tarde já conhecia um pouco da geografia do nosso paraíso. Estávamos em uma imensa ilha, ou numa espécie de península, pois pudera ver uma imensa massa de água contornando a terra, alguns quilômetros adiante. No lugar em que nos encontrávamos, o terreno era bastante plano, exceto pela

existência de uma grande colina, do alto da qual pude observar os arredores.

Havia uma densa floresta, com grandes árvores, não muito longe da nave. A floresta se prolongava paralelamente à água de um lado, do outro terminava abruptamente. Tínhamos descido perto do fim da clareira. Aparentemente, a maioria dos animais que víamos vivia na floresta.

Do outro lado da nossa clareira estendia-se uma planície enorme, pobre, que parecia transformar-se em deserto a grande distância; pude divisar uma nada convidativa faixa de areia estéril, que contrastava estranhamente com a fértil floresta que havia à esquerda. Havia um pequeno lago junto a ela. Era, eu via, a espécie de lugar excelente para atrair uma fauna variada, uma vez que parecia haver toda espécie de habitat naquela área.

E a fauna! Se bem que eu seja um entomologista apenas por osmose, levando-se em conta que meu conhecimento e interesse nada eram perto dos de Holdreth e Davison, não podia deixar de me espantar com a opulência daqueles estranhos animais.

Tinham as mais diferentes aparências e os mais variados tamanhos, odores, e curiosas cores. A única coisa que tinham em comum era sua amizade. Durante as tardes em que dava meus passeios, centenas de animais tinham se aproximado de mim calmamente, examinavam-me e iam-se embora. Isso incluía uma meia dúzia de espécies que eu não vira antes, mais de uma com olhos pedunculados, parecendo inteligentes girafas ou cães felpudos. Novamente senti como se a girafa me quisesse dizer algo.

Não estava gostando daquilo! Não estava gostando nada!

Voltei para nossa clareira. Holdreth e Davison ainda estavam ocupadíssimos, andando de um lado para outro, procurando pegar o maior número possível de animais que coubessem em nossa cabina.

— Como vão indo? — perguntei.

— Uma beleza! — respondeu Davison. — Agora estamos tratando da seleção alternada.

Vi-o carregando dois dos cachorros peludos de Holdreth e trocá-los por duas coisas de oito pernas, parecidas com pinguins, que se deixaram carregar sem uma queixa.

Holdreth pareceu-me zangado e triste.

— Para que quer essas coisas, Lee? Não acha que esses dois parecidos com cães são bem mais interessantes?

— Não — respondeu Davison. Prefiro estes dois. São animais curiosos, não? Olhe que maravilha de trabalho muscular conecta o...

— Calma, amigos! — intervim, pegando um dos animais dos braços de Holdreth para examiná-lo. — É um animal interessante — comentei. — Tem oito pernas...

— Está se tornando zoólogo? — indagou Holdreth, divertido.

— Não... Mas estou intrigado. Por que estes aqui têm oito pernas, alguns dos outros têm seis e outros somente quatro?

Olharam-me, penalizados, com a arrogância de profissionais.

— Creio que deve ter havido alguma espécie de evolução lógica aqui, não acha? Na Terra desenvolveu-se um padrão de vida animal com quatro pernas. Em Vênus, geralmente, os animais têm seis pernas... Mas notaram a misturada evolutiva que há por aqui?

— Existem as mais estranhas organizações — disse Holdreth. — As simbioses nas árvores de Sirius, as tocas de Mizar... Mas acho que você tem razão, Gus... Esta é uma dispersão evolutiva peculiar. Acho que devemos ficar um pouco mais por aqui para investigar melhor.

Instantaneamente vi o rosto de Davison iluminar-se com tal expressão que percebi ter dado uma "rata"... tornara as coisas piores do que antes. Resolvi dar um jeito: — Não concordo — disse. — Acho que devemos ir embora com o que já temos e voltar depois, para uma expedição maior.

Davison riu divertidamente: — Vamos, Gus! Não seja bobo! Esta é a grande chance de nossas vidas... Por que meter todo o Departamento Zoológico nisto?

Não quis dizer-lhes, mas a verdade é que estava com medo de ficar ali por mais tempo. — Cruzei os

braços: — Lee, sou o piloto da nave e vocês têm de me ouvir. O roteiro indica uma breve parada aqui. Temos de ir embora. E não me chame de bobo!

— Mas você o é, homem! Você é cego não percebendo que está no limiar da maior descoberta do mundo científico para...

— Escute aqui, Lee. Nossos alimentos estão calculados com uma pequena margem e já temos bastante passageiros na cabina. Somos, apenas, uma equipe colecionadora. Não há provisões suficientes para ficarmos aqui ou em qualquer outro planeta A menos que você pretenda viver comendo seus espécimes, sugiro que partamos logo!

Ficaram calados durante alguns momentos.

Então, Holdreth falou: — Acho que nada podemos retrucar a isso, Lee. Ouçamos Gus e vamos embora. Teremos tempo de sobra para examinar o local com mais demora quando voltarmos.

— Mas... Está bem! — assentiu Davison, relutantemente, pegando seus pinguins de oito pernas. — Vou pôr estes bichos na cabina e podemos ir.

Olhou-me de modo estranho, como se eu fosse um criminoso.

Quando ele ia entrar na nave, chamei-o.

— Que é, Gus?

— Olhe, Lee, eu não quero levá-lo embora daqui. É uma simples questão de comida...

Menti, procurando encobrir minha nebulosa suspeita...

— Sei o que é isso, Gus — comentou, entrando na nave.

Fiquei ali, pensando. em nada e em tudo, durante alguns instantes, depois entrei também, para dar início aos preparativos da partida.

Estava para calcular o combustível necessário para a saída quando notei algo estranho. O painel de controle estava com a luz de atenção piscando constantemente, lá na cabina de comando. Alguém sabotara o mecanismo de voo!

Durante um longo momento, fiquei como que petrificado, diante dos controles danificados. Depois voltei-me e entrei na cabina dos animais.

— Davison?

— Que é, Gus?

— Pode vir aqui um minuto?

Esperei fora alguns instantes e ele apareceu, fungando de impaciência.

— Que quer, Gus? Estou muito ocupado e... — ficou de queixo caído: — Olhe o painel de controle!

— Olhe-o você! — explodi. — Estou farto! Vá chamar Holdreth!

Enquanto ele saía, examinei o mecanismo encrocado. Abri o painel de controle e verifiquei-o. Então, senti-me Um pouco melhor: o estrago não era irreparável, se bem que estivesse bastante danificado. Três ou quatro dias de trabalho firme, com parafusos e solda, poriam a nave em bom funcionamento.

Mas isso não diminuiu minha raiva. Ouvi quando Holdreth e Davison entraram, atrás de mim, e voltei-me para encará-los.

— Muito bem, seus idiotas! Qual de vocês fez isto?

No mesmo instante, os dois abriram as bocas, soltando gritos de protesto. Ouvi-os durante alguns instantes, depois berrei: — Um de cada vez!

— Se está querendo dizer que um de nós sabotou deliberadamente a nave — disse Holdreth, — quero saber...

— Não quero dizer coisa nenhuma! Mas, segundo me parece, vocês dois decidiram que preferiam ficar mais tempo, para continuar as investigações, e acharam que o melhor modo de me convencer era danificar os controles — olhei-os raivosamente. — Bem, tenho ótimas notícias para vocês. Posso consertar isto e vou fazê-lo em dois dias. Portanto, vamos, tratem de seus interesses! Peguem todos os

animais que quiserem, enquanto têm tempo. Eu...

Davison colocou gentilmente a mão em meu braço: — Gus — começou, calmamente — nós não fizemos isso. Nenhum de nós dois.

De repente, toda minha raiva desapareceu e foi substituída por medo. Pude perceber que Davison também o sentia...

— Se você não o fez, se Holdreth não o fez, nem eu... Então, quem foi?

Davison sacudiu os ombros.

— Talvez tenha sido um de nós, sem percebê-lo — sugeri. — Talvez... — parei. — Isso não tem sentido! Dê-me a caixa de ferramentas, sim, Lee?

Foram tratar dos animais e eu me sentei, começando a consertar o painel. Procurava afastar de meus pensamentos todas as suposições e suspeitas, concentrando-me somente em unir o Cabo A com o Contato A, o Transistor F com o Potenciômetro K, conforme estava indicado. Era um trabalho lento, enervante, e na hora do jantar ainda estava no começo. Meus dedos começaram a embaraçar-se com o esforço causado pelo pequeno campo de trabalho e decidi deixar para terminá-lo no dia seguinte.

Dormi mal, tendo pesadelos pontuados pelos lamentos dos malditos tamanduás e ocasionais guinchos, uivos, balidos e assobios das várias outras criaturas reunidas na cabina de animais. Deviam ser umas quatro horas da manhã quando mergulhei num sono profundo e o resto da noite passou voando. A próxima coisa de que tive noção foi de duas mãos sacudindo-me e vi-me olhando para os rostos tensos e pálidos de Holdreth e Davison.

Esfreguei os olhos para terminar de acordar. e pisquei: — Hein? Que há?

Holdreth sacudia-me selvagememente: — Levante-se, Gus!

Ergui-me, devagar.

— Diabo! Que negócio é esse de acordar a gente no meio da...

Vi-me empurrado para fora de minha cabina e fizeram-me percorrer o corredor que dava para a sala de controle. Meio zozzo ainda, olhei para onde Holdreth apontava e entrei correndo na sala.

O painel se encontrava aberto. Alguém — ou alguma coisa — destruíra completamente meu trabalho do dia anterior.

\*

Se estavam querendo assustar-nos, tinham-no conseguido. Agora aquilo ultrapassara o nível de qualquer brincadeira; não era caso para rir e os três começamos a trabalhar juntos, tentando desesperadamente, consertar os estragos, antes que fosse tarde demais.

— Deixe-me recapitular a situação — disse Holdreth, andando nervosamente de um lado para outro da cabina de controle — O painel foi sabotado duas vezes. Nenhum de nós o fez e nosso raciocínio lógico indica que eles não o podem ter feito.

Calou-se.

— Isso deixa duas possibilidades. Primeiro, como Gus sugeriu, um de nós o fez sem querer; segundo, alguma coisa o fez quando não estávamos olhando. Nenhuma das duas possibilidades é agradável...

— Precisamos ficar de guarda, então — sugeri. — Eis o que proponho: um de nós ficará acordado, isto é, dormiremos por turnos, sempre com alguém vigiando o painel até que eu acabe de consertá-lo. Retiraremos todos os animais da nave.

— Que?

— Ele tem razão — apoiou Davison. — Não sabemos ao certo o que trouxemos para bordo. Eles não parecem inteligentes, mas não temos certeza. Aquele filhote de "girafa", por exemplo, suponha que nos tenha hipnotizado para que danificássemos a nave? Como podemos assegurar-nos?

— Oh, mas... — começou a protestar Holdreth, depois parou e franziu as sobrancelhas. — Suponho que tenho de aceitar essa hipótese... disse, obviamente aborrecido pela necessidade de ter de soltar os animais. — Vamos esvaziar a cabina de reserva e veja se consegue consertar o painel. Talvez mais tarde

possamos recapturá-los todos, se mais nada acontecer.

Concordei. Então, Holdreth e Davison trataram de esvaziar a cabina de animais, enquanto comecei a trabalhar ativamente para consertar o painel. Quando a noite chegou, conseguira fazer bem mais do que fizera no dia anterior.

Fui deitar-me. Quando me levantei para a primeira substituição, notei que a nave estava estranhamente silenciosa. Na cabina de controle, pus-me a andar de um lado para outro, lutando contra a enorme tentação de dormir e esta era a última coisa de que me lembrava quando Holdreth chegou para render-me.

Assim que entrou, ele sobressaltou-se e apontou para o painel. Estava danificado pela terceira vez.

\*

Desta vez eu não tinha desculpa, nem explicação. A expedição se transformara num pesadelo.

Só pude afirmar que me mantivera acordado, como era meu dever, e que não vira nada, nem ninguém, se aproximar do painel de controle Mas essa era uma afirmativa bem pouco satisfatória, uma vez que me tornara o único possível sabotador ou implicava em que algum poder estranho e invisível estragara o painel três vezes Nenhuma das hipóteses parecia viável, pelo menos para mim.

Até o momento, passáramos quatro dias no planeta e a comida ia ser o maior problema. Minha cuidadosamente estudada carta de voo ordenava que voltássemos à Terra dentro de dois dias, no máximo, agora. Mas não podíamos partir, como há quatro dias.

Os animais continuavam a passear lá fora, cheirando a nave, examinando-a, quase que parecendo amigos dela, com aquelas danadas pseudogirafas sempre a nos olhar ansiosamente. Os animais continuavam mansos como antes, sem sequer imaginar, talvez, como a tensão ia crescendo dentro da nave. Nós três agíamos como zumbis, olhos brilhantes e lábios secos Estávamos todos assustados.

Alguna coisa não queria que deixássemos o planeta, Olhei para a pequena cara, com olhos cor de púrpura, da "girafa" que estava perto do visor, e ela permaneceu encarando-me. Ao seu redor estava agrupado o restante da fauna local, a mesma e incrível mistura de improváveis gêneros e espécies.

Nessa noite, nós três ficamos juntos na cabina de controle O painel se encontrava semiconsertado, então. Os contatos haviam sido soldados em vários lugares: o interior parecia uma massa de brilhante liga metálica e eu sabia que se houvesse mais alguma sabotagem seria impossível consertá-lo, se é que iria funcionar perfeitamente, então.

Na noite seguinte nem saí de lá. Continuei a trabalhar depois do jantar (que, aliás, fora bem fraco, uma vez que nossa comida estava sendo racionada) e passei a noite trabalhando.

De manhã, foi como se eu nada tivesse feito.

— Desisto! — anunciei, ao ver o estrago. Não vejo motivo para continuar consertando uma coisa que não quer permanecer consertada! Estou arrasando meus nervos!

Holdreth assentiu. Estava terrivelmente pálido: — Temos de arranjar outra saída...

— Sim, alguma outra saída...

Fui à cabina de mantimentos e examinei o estoque. Mesmo contando com os alimentos sintéticos que tínhamos para os animais, tendo-os soltado, tínhamos pouca comida. Nossa chance era pequena. Seria uma viagem de fome... se é que haveria viagem de volta.

Saí da nave, subi numa rocha que havia ali por perto e sentei-me nela. Um dos cães peludos aproximou-se e começou a farejar minha camisa. Davison apareceu à porta da nave e chamou-me: — Que está fazendo aí fora, Gus?

— Tomando um pouco de ar. Estou doente de ficar aí dentro!

Afastei o cão, servindo-me de suas pontudas orelhas, e olhei ao redor. Os animais encontravam-se tão congestionados como sempre costumavam estar. Passeavam pela clareira, comendo pequenos montículos de

uma substância branca, pastosa, que caíra durante a noite. Chamei-a "maná". Os animais pareciam viver daquilo. Cruzei os braços e reclinei-me na rocha.

\*

Estávamos terrivelmente magros no oitavo dia. Não mais tentara consertar a nave.

A fome começava a abater-me. Mas vi Davison pegar o soldador.

— Que vai fazer?

— Vou consertar o painel — respondeu ele — Você não quer fazê-lo, mas não podemos ficar sentados, você sabe...

Com o nariz metido no painel, atrapalhava-se, tentando fazer o soldador funcionar.

Encolhi os ombros: — Trabalhe, se quiser.

Nem sequer prestei atenção ao que ele fazia. Tudo o que me interessava era a sensação dolorosa no estômago e o fato de nada termos para comer.

— Gus...

— Sim?

— Acho que devo contar-lhe uma coisa... Venho comendo maná há quatro dias. É bom e alimenta bastante.

— Você andou comendo... maná!? Uma coisa que pertence a um mundo estranho!

Ficou louco?

— Que posso fazer? Morrer de fome?

Sorri desanimadamente, admitindo que ele tinha razão. De algum lugar atrás da nave, ouvimos ruídos de Holdreth se movimentando. Ele levava a situação mais a sério do que nós. Deixara família na Terra e começava a achar que não iria vê-la outra vez.

— Por que não fala com Holdreth? — sugeriu. — Saiam e comam maná... Vocês precisam comer alguma coisa!

— Sim... Que temos a perder?

Movimentando-me como um autômato, fui até a cabina de Holdreth. Podíamos sair, comer o maná e acabar com aquela terrível fome, de um jeito ou de outro.

— Clyde! — chamei. — Clyde!

Entrei na cabina. Clyde estava junto de sua escrivaninha, tremendo convulsivamente, olhando fixamente para os dois riachozinhos de sangue que saíam de seus pulsos cortados.

— Clyde!

Não protestou quando o carreguei para a cabina-enfermaria e fiz torniquetes em seus braços, detendo a hemorragia. Permaneceu alheado, suspirando.

Dei-lhe uma bofetada violenta e ele voltou a si.

Sacudiu a cabeça como se não soubesse onde estava.

— Eu... Eu...

— Calma, Clyde... Está tudo bem.

— Não está bem — disse ele, surdamente. — Estou vivo. ainda. Por que não me deixou morrer? Por que não...

Davison entrou na cabina: — Que houve, Gus?

— Clyde. A tensão fê-lo rebentar. Tentou matar-se, mas acho que está bem agora.

Traga-lhe algo para comer, sim?

\*

Mantivemos Holdreth firme a noite toda. Davison recolheu a maior quantidade de maná que encontrou e tivemos uma festa.

— Espero que tenhamos coragem bastante para matar um dos representantes da fauna local disse Davison. — Então será mesmo um banquete: bifês suculentos e tudo!

— As bactérias... — lembrou Holdreth fracamente. — Não podemos arriscar-nos...

— Eu sei. Mas é uma ideia

— Chega de ideias — exclamei, cortantemente. — Amanhã cedo tratarei de consertar o painel.

Talvez com algum alimento no estômago ficaremos aptos a acordar e a perceber o que está se passando aqui.

Holdreth sorriu: — Ótimo! Não vejo a hora de sair desta nave e voltar à vida normal. Meu Deus, não vejo a hora!

— Durma um pouco — aconselhei. — Amanhã faremos outra tentativa. Vamos voltar — afirmei, com uma confiança que não sentia.

Na manhã seguinte levantei-me e peguei a caixa de ferramentas. Meu cérebro estava claro e conseguia unir as peças do enigma sem grande esforço. Dirigi-me para a cabina de controle Parei.

Olhei pela vigia.

Voltei e fui acordar Holdreth e Davison. — Venham dar uma espiada — disse afobado.

Olharam. Ficaram boquiabertos.

— Parece minha casa! — exclamou Holdreth. — Minha casa lá da Terra!

— Com todo o conforto de um lar, parece-me... — fui até a porta da nave e pus a cabeça para fora.

— Vamos olhá-la.

Aproximamo-nos, enquanto os animais saltitavam ao nosso redor. A enorme girafa aproximou-se, sacudindo gravemente a pequena cabeça. A casa se encontrava no meio da clareira, pequena, bonita e recém-pintada.

Foi então que entendi. Durante a noite, mãos invisíveis tinham-na posto ali. Fora idealizada e construída uma graciosa casa como as da Terra e tinham-na posto ali para que vivêssemos nela.

— Igualzinha à minha casa... — repetia Holdreth, como em sonho.

— Pode ser — disse eu. — Eles copiaram o modelo de sua mente, quando perceberam que não poderíamos viver indefinidamente na nave...

Holdreth e Davison perguntaram ao mesmo tempo: — Que quer dizer?

— Vocês ainda não compreenderam por que não conseguimos sair daqui? — mordi com violência os lábios, obrigando-me a aceitar o fato de que iria passar o resto de minha vida ali. — Não perceberam o que significa esta casa?

Os dois sacudiram a cabeça, atordoados. Olhei ao redor da casa para a nave inútil, para a selva, para a clareira e para o pequeno lago. Agora tudo tinha sentido!

— Querem que sejamos felizes... — expliquei. — Sabem que não podemos viver dentro da nave, por isso... por isso, elas construíram para nós um recanto semelhante ao nosso lar.

— Elas? As "girafas"?

— Esqueça-se das "girafas"! Tentaram nos avisar, mas foi inútil. São seres inteligentes, porém prisioneiros, como nós. Estou falando sobre os seres que mandam neste lugar. Os supercérebros que nos obrigaram a sabotar a nave e que sabiam que fazendo aparecer este tipo de paisagem aqui nos atrairiam... Os seres que, deste modo, têm o maior sortimento de animais de toda a galáxia. Agora, também somos "coleccionados". Este maldito lugar é um zoológico... um zoológico de seres audaciosos e estranhos, como nós, atrevidos o bastante para quererem saber como são "eles"...

Olhei para o brilhante céu azul-esverdeado, onde invisíveis barras pareciam nos aprisionar, e depois

voltei os olhos, tristemente, para a entrada da casa. Sentia-me resignado. Não havia nenhum jeito de lutar contra eles..

Foi então que vi o pequeno cartaz:

HOMENS DA TERRA

Habitat nativo: Sol

## Duplo Desafio

*Outros planetas poderão ser habitados por seres mais parecidos conosco. Se bem que suas peles possam ser de estranhas cores, sua biologia bastante estranha, sua aparência esquisita, seus cérebros poderão funcionar de modo notavelmente humano. E isso poderá criar complicações para os homens da Terra que se introduzam entre os estranhos, a ponto de se verem metidos em delicadas tramas políticas interestelares...*

Quando a nave parou de jogar e se firmou no solo de Domerang, Justin Marner estava começando a duvidar de sua sanidade mental.

— Devemos estar loucos! — comentou, num sopro. — Temos de estar!

O outro terrestre, que ficara grudado à vigia, apreciando a estranha paisagem verde-dourada, voltou-se repentinamente ao escutar as palavras de Marner.

— Hein?

— Há limites até os quais uma prova pode ir — disse Marner, e apontou para a paisagem lá fora: — Esta "pequena" viagem excedeu os limites. Agora que chegamos, Kernridge, estou certo disso. Ninguém faz coisas como esta!

Kernridge ficou claramente irritado: — Não seja tolo, Justin! Você sabe por que estamos aqui e como viemos para cá. Este não é o momento para...

— Está bem... — atalhou Marner.

Ficou olhando durante alguns momentos para seus longos, delicados e afunilados dedos — que poderiam pertencer a um hábil cirurgião, mas eram os de um engenheiro-técnico.

— Não ligue para o que eu disse — continuou. — É o cansaço que me perturba.

A campainha da porta soou melodiosamente.

— Entre — disse Marner.

A porta deslizou, abrindo-se, e o domerangiano, envolto em sua roupa amarelo-brilhante, botas verde-cinza, exibindo um ofuscante diadema de pedras preciosas, entrou na cabina. Agitou dois de seus coriáceos cinco tenáculos à guisa de saudação.

— Olá, senhores... Vejo que levaram a viagem a bom termo — Que devemos fazer agora, Plorvash? — perguntou Marner.

— A nave desceu no espaçoporto próximo da cidade — disse o domerangiano. — Vou levá-los para os aposentos onde ficarão hospedados. Daremos aos senhores as duas melhores acomodações que nosso planeta pode oferecer. Queremos que trabalhem em condições de obter os melhores resultados.

— É bom ouvir isso — disse Marner; relanceou os olhos para o companheiro. — Eles são muito atenciosos, não, Dave?

O mais alto dos dois homens assentiu, gravemente: — Muito!

Plorvash sorriu e disse: — Suponho que queiram acompanhar-me, agora. Devem querer estar bem repousados antes de iniciar o trabalho. Afinal, deverão querer estar em sua melhor forma, uma vez que o orgulho interplanetário está em jogo!

— Claro — concordou Marner.

O domerangiano riu: — O teste começará assim que queiram. Posso desejar-lhes boa sorte?

— Não o necessitamos — respondeu Kernridge acidamente. — Não é, absolutamente, questão de sorte. É Questão de cérebro... cérebro e habilidade.

— Muito bem — disse Plorvash. — Vocês estão aqui justamente para provar isso. De qualquer modo, a coisa promete ser divertida.

Os técnicos em estatística não tinham dados a respeito do assunto, mas o interessante é que as mais sérias divergências de opiniões geralmente se originavam em bares. Fora num bar da Rua Quarenta e Seis com a Sexta Avenida que Justin Marner mantivera uma áspera troca de palavras com um domerangiano, há um mês, e fora no mesmo bar que se desencadeara a série de acontecimentos que tinham culminado com a viagem de dois terrestres a Domerang V.

A princípio, fora uma simples alteração. Marner estava tomando pensativamente um uísque e Kernridge, sentado à sua esquerda, com as longas pernas desconfortavelmente dobradas sob a mesa, brincava com um uísque duplo. O domerangiano entrara no bar com seus característicos passos pesados.

Marner e Kernridge tinham-no fitado com alguma surpresa. O último contato com Domerang V fora tido há mais de um século antes e era raríssimo ver-se domerangianos em New York. Entretanto, tinham-no reconhecido: fora adido ao Consulado Domerangiano, na esquina da Rua Sessenta e Seis com a Terceira Avenida, e haviam conversado com ele por ocasião de alguns reparos no sistema dos circuitos elétricos do prédio. O domerangiano, com sua extraordinária visão periférica, preferia uma luz suave, indireta; Marner e Kernridge tinham sido encarregados de cuidar do plano de iluminação do Consulado.

O domerangiano dirigira-se diretamente para eles e acomodara-se pesadamente na cadeira vaga.

— Ah! Os dois habilidosos engenheiros! rugira o estrangeiro. — Lembra-se de mim, não?

— Sim — respondera Marner rapidamente. Fizemos um trabalho de iluminação para você no ano passado. Como ficou?

— Tão bom quanto poderia ser — respondera o domerangiano, depois voltara-se para o garçom: — Duas cervejas, por favor.

— Que quer dizer com isso? — perguntara Kernridge, enquanto as cervejas eram servidas.

— Um momento, por favor — dissera o estrangeiro, envolvendo delicadamente os copos com dois tentáculos e levando cada um deles às duas bocas rasgadas dos lados do rosto; não escondera sua satisfação: — Maravilhosa bebida, a cerveja de vocês! O único ponto em que a Terra é claramente superior a Domerang é na bebida!

— Voltemos às luzes — interrompera-o Kernridge — Ah, sim... — dissera o estrangeiro. — As luzes... Bem, foi um bonito servicinho. Tão bom quanto se poderia esperar de uma tecnologia de segunda ordem.

— Escute aqui! — saltara Marner, esquentado. E fora assim que tudo começara...

— Tomara que tivéssemos ficado de boca fechada! — disse Marner sombriamente, depois de permanecer pensativo por alguns momentos.

Olhava pesarosamente para o imaculado teto do quarto do hotel em que o domerangiano os instalara.

Kernridge voltou-se selvagememente para encarar o homenzinho: — Escute aqui, Justin: estamos aqui, vamos mostrar a eles e voltar ricos e famosos para casa! Está bem?

— Está bem — respondeu Marner, passando um dedo pelo lábio inferior. — Estou aborrecido por ter estourado desse jeito. Mas deve parecer tolice termos feito essa viagem apenas para provar um ponto de dissensão criado numa discussão de bar...

— Eu sei — disse Kernridge, vivamente. — Mas não teríamos vindo para cá se o Departamento do Estado não houvesse sabido do caso e não achasse que era preciso esclarecê-lo! Os domerangianos têm-se mostrado orgulhosos demais de sua tecnologia, desde que os conhecemos. Acho que foi uma grande ideia mandar um par de honestos cristãos terrestres para cá, a fim de mostrar-lhes, de uma vez por todas, do que somos capazes!

— Mas suponha que não possamos mostrar-lhes?

— Podemos! Nós dois podemos vencê-las em qualquer desafio que nos façam! Não podemos? Não

podemos?

Marner sorriu forçadamente: — Claro que podemos — disse, sem convicção. — Não duvidei nem por um minuto!

— Ótimo! — apoiou Kernridge.

Foi até a porta e, com um leve passar de dedos, encontrou a placa que encobria seu mecanismo. Retirou-a.

— Olhe aqui, por exemplo — disse, depois de examiná-lo durante alguns instantes. -

Um simples mecanismo de cibernética. Não posso imaginar como esta placa de cerâmica verde transmite a onda de força para os controles que estão aqui, mas não deve ser nada que não possamos descobrir com a ajuda de uma chave de fenda e meia hora ou menos de tempo perdido.

Marner pôs-se nas pontas dos pés e olhou.

— É um mecanismo perfeitamente compreensível — comentou. — Nada que seja mais eficiente do que os nossos, também.

— Isso mesmo — disse Kernridge — Estes domerangianos não são metade dos gênios que julgam ser! Olhe, Justin: estipulamos que poderíamos fazer em duplicata qualquer coisa que nos apresentassem, não? Com nosso conhecimento e um pouco de suor, poderemos construir um mecanismo muito melhor do que qualquer um que possam apresentar-nos! Se vencermos aqui, de ponta a ponta, e os dois engenheiros domerangianos que estão na Terra se atrapalharem, atrasando-se no teste, venceremos. O Departamento do Estado conta com a nossa versatilidade. O que precisamos, Justin, é apenas de rapidez!

Os olhos de Marner brilharam: — E isso não é nada, Dave! Sinto muito por ter desanimado agora há pouco. Mostraremos a eles, isso é certo!

Esticou-se um pouco e levou as mãos, cuidadosamente, ao servomecanismo instalado na parede.

— Que está fazendo? — perguntou Kernridge.

— Nada. Comunique-se com Plorvash e diga-lhe que estaremos prontos para começar amanhã. Enquanto você faz isso, vou examinar este aparelho. É bom praticar um pouco!

Estava radiante, com o entusiasmo recuperado.

\*

Quando Plorvash chegou, na manhã seguinte, estavam bem dispostos. Sentiam-se lúcidos, calmos e firmemente convencidos de que poderiam resolver qualquer problema.

As batidas de Plorvash soaram pesadamente na porta.

— Quem é? — perguntou Marner, animado.

— Eu — respondeu o domerangiano. — Plorvash.

A porta abriu-se instantaneamente e o recém-chegado viu, com espanto, que os dois terrestres ainda estavam deitados. Entrou no quarto com ar desconfiado: — Quem abriu a porta? — perguntou, com ar de suspeita.

Marner sentou-se na cama, rindo:

— Experimente outra vez. Vólte para fora, feche a porta e diga "Plorvash", como fez antes.

O domerangiano saiu e bateu a porta atrás de si. Uma vez fora do quarto, murmurou seu nome e a porta abriu-se imediatamente. Entrou afobado e olhou para Marner e Kernridge:

— Que fizeram?

— Estivemos examinando o mecanismo da porta esta noite — disse Kernridge — Antes de pô-lo de volta, decidimos que seria divertido modificar o circuito, fazendo com que a porta se abrisse automaticamente quando as sílabas do nome "Plorvash" fossem pronunciadas do lado de fora. Está funcionando muito bem!

O domerangiano ficou carrancudo: — Ah... sim — disse tristemente. — Muito habilidosos! Agora, segundo os termos do desafio, vocês dois têm certas obrigações. Preparamos um laboratório perfeitamente equipado, para vocês, em Central Sqorvik, um subúrbio não muito distante daqui, e apresentaremos dois problemas preliminares, conforme foi combinado. Quando os tiverem resolvido, se os resolverem, dar-lhes-emos o terceiro.

— E se não os resolvermos satisfatoriamente?

— Bem, nesse caso, terão falhado na demonstração da vossa habilidade, é claro.

Consideramos qualquer falha nas etapas preliminares como conclusão imediata do projeto.

— Bastante razoável — disse Marner. — E quando vencermos as três provas? Irão continuar a apresentar-nos problemas, até falharmos?

— Essa seria a prova absoluta da capacidade dos terrestres, não? — perguntou Plorvash. — Mas fiquem sabendo que não é essa a nossa intenção. De acordo com os termos do tratado entre nosso governo e o de vocês, os testes, em cada planeta, devem constar de três etapas — os lábios rugosos do domerangiano sorriram de modo desagradável. — Consideramos o sucesso nos três testes como ampla prova de vossa habilidade.

— Não estou gostando do modo com que diz isso — comentou Kernridge — Que há escondido em sua manga?

— Em minha manga? Minha manga... Creio que não estou entendendo — disse Plorvash.

— Esqueça. É apenas uma curiosa fôrça de expressão terrestre — explicou Kernridge

\*

Havia um carro a espera deles, na porta do hotel: um longo e baixo veículo, com capota flexível, pulsante, que ondulava de modo afluído.

Plorvash abriu a deslizante porta traseira e fez um gesto para Marner: — Entre — disse. — Vou levá-los para o laboratório, a fim de começarem.

Marner olhou para o domerangiano, depois para Kernridge, que fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Que tal uma rodada? — sugeriu Marner.

— Hein?

— Outra expressão idiomática... — explicou Marner. — Quero dizer: que tal uma bebida? Bebida alcoólica, algo estimulante. De acordo?

O domerangiano sorriu forçadamente: — Compreendo — disse. — Muito bem. Há um dispensário na próxima rua. Mas, para ir até lá, não vale a pena enfrentar o trânsito — apontou para a rua movimentada. — Vamos a pé e logo estaremos lá.

Acompanharam o domerangiano até a faixa rolante e, pouco depois, encontravam-se diante de uma curiosa construção, com formato de cúpula bem junto da rua. Um brilhante letreiro em domerangiano proclamava a natureza do local.

— Não me parece muito confortável... — comentou Kernridge, quando entraram.

Um pungente odor de éter feriu-lhes as narinas. Uns seis domerangianos estavam deitados no chão, segurando tubos de metal. Enquanto eles observavam o local, Plorvash desceu à sala e esparramou-se no chão, deitado de costas.

— Venham para junto de mim — chamou. Tomem uma bebida.

Pegou um tubo que se encontrava numa fenda no chão, à sua esquerda, e enfiou-o numa das bocas — Isto é um bar? — perguntou Kernridge, baixinho. — Parece mais a sala de emergências de um hospital!

Plorvash terminou de beber e levantou-se, limpando algumas gotas de um líquido esverdeado que lhe corriam pelo queixo.

— Bem — disse ele — Não é cerveja, mas é bom. Pensei que quisessem beber...

Marner cheirou o éter que pairava no ar e meneou a cabeça.

— Nós não... não estamos com sede — disse, lentamente. — É preciso tempo para a gente se acostumar com hábitos estrangeiros, creio.

— Também acho — concordou Plorvash. — Muito bem, então. Vamos para o laboratório?

\*

O laboratório, sem dúvida, era suntuoso. Os dois terrestres pararam na entrada do salão, visivelmente maravilhados.

— Estamos impressionados — comentou Marner, finalmente, voltando-se para o domerangiano — Queremos dar-lhes toda possibilidade de êxito — disse Plorvash. — É tão importante para nós quanto para os senhores.

Marner desceu os dois ou três degraus que davam para o laboratório e olhou ao redor. À esquerda, um enorme osciloscópio; a parede do lado direito estava erichada de elaborados servomecanismos de todos os tipos. Na parede do fundo havia um gigantesco balcão de trabalho, com várias banquetas esparsas. A iluminação, indireta, é claro, era brilhante e suave. Havia toda espécie de aparelhos para pesquisas, que ajudariam um engenheiro em complicações com as quais ele nem sequer sonharia.

— Estão tornando as coisas fáceis demais para nós — disse Kernridge — Eu não me sentiria orgulhoso de fazer um milagre num laboratório como este — Somos um povo honesto — disse Plorvash, sentenciosamente. — Se conseguirem passar nos problemas que lhes apresentaremos, teremos de admitir que são melhores do que nós. Se conseguirem, notem bem. Se falharem, não poderão alegar que foi por falta de condições.

— Bonito gesto — disse Kernridge, — Quando podemos começar?

— Imediatamente.

Plorvash remexeu nos bolsos de sua roupa e apresentou um frasquinho de plástico, com uns dez centímetros de altura, que continha um líquido branco-leitoso. Ergueu-o de modo que os dois pudessem vê-lo.

— Isto é um depilatório — disse Plorvash.

Pôs algumas gotas na ponta de um tentáculo, que tomou a forma de colher, e passou o líquido na cerrada e forte barba que despontava em seu rosto escuro. A barba desapareceu como se a tivesse apagado.

— É muito eficiente — comentou o domerangiano; estendeu o frasco para Marner: -

Duplicate-o.

— Mas somos engenheiros e não químicos! protestou Marner, — Deixe, Justin — aconselhou Kernridge, depois, voltando-se para Plorvash: — Muito bem. Este é o primeiro problema. Gostaria que nos dessem o segundo também, de modo que não percamos tempo. Cada um de nós trabalharíamos num deles O domerangiano franziu a testa:

— Querem trabalhar em dois problemas ao mesmo tempo? Está bem.

Voltou-se, saiu do salão e regressou poucos momentos depois, carregando algo que parecia uma enorme ratoeira ou gaiola. Entregou-a a Kernridge — Usamos isto para apanhar pequenas pragas domésticas — explicou Plorvash. — É uma armadilha que atrai automaticamente A maioria dos bichos parasitas são sensíveis a cores e cheiros. Por exemplo, isto atrai os ratões — apertou uma alavanca atrás da armadilha e esta iluminou-se com suave luz verde. — E isto apanha doninhas — abaixou outra alavanca e a armadilha iluminou-se de vermelho, ao mesmo tempo que o inconfundível cheiro de vegetação apodrecida espalhou-se pelo ar.

— Como vêem — continuou o domerangiano — é muito versátil. Vou mostrar-lhes o grande número

de animais nocivos, de várias espécies, que estão lá no fundo do laboratório, presos em gaiolas, e vocês deverão adaptar a armadilha para pegá-los também. Espero que o consigam.

— Isso é tudo? — indagou Kernridge.

Plorvash assentiu: — Terão todo o tempo que precisarem. Faz parte do acordo — Está certo — disse Kernridge — Nós o chamaremos quando tivermos obtido algum resultado.

— Ótimo — disse Plorvash.

Depois que ele saiu, Marner pôs algumas gotas do depilatório na palma da mão.

Sentiu-a arder e limpou-a imediatamente.

— É melhor não facilitarmos com isso, antes de analisá-lo... — sugeriu Kernridge — Se é bastante forte para remover a barba de um domerangiano, provavelmente pode dissolver a pele de um terrestre. Esses meninos têm ideias ocultas...

Marner esfregou a mão até limpá-la inteiramente.

— Que você acha das coisas, em geral?

— Fáceis demais... — disse Kernridge — Não levaremos mais do que uma semana para resolver estes dois problemas, a não ser que haja complicações. Parece-me que poderiam arranjar testes melhores do que estes — Espere até vir o último — disse Marner. Estes são apenas para "esquentar".

\*

Quatro dias depois, quando os dois problemas estavam resolvidos, Marner chamou Plorvash ao laboratório.

O vulto maciço do domerangiano apareceu na tela.

— Olá — disse Plorvash suavemente. — Que há de novo ?

— Terminamos o trabalho — disse Marner.

— Os dois?

— Ambos — respondeu o terrestre.

— Irei até aí.

Quinze minutos depois, Plorvash entrou no laboratório e os dois terrestres, que estavam ocupados com as gaiolas de animais, no fundo do laboratório, fizeram um gesto à guisa de cumprimento.

— Fique aí onde está! — gritou Kernridge Afastou-se, apertou um botão e as trintas gaiolas abriram-se ao mesmo tempo.

Quando a horda de animais domerangianos dirigiu-se, saltando, deslizando, correndo, rastejando e rolando pelo chão, em direção de Plorvash, o domerangiano pulou rapidamente para trás: — Que negócio é esse?

— Não tenha medo! — disse Marner, lá do fundo do laboratório. — Estarão todos presos em um minuto!

Os animais ignoraram a presença de Plorvash e, para sua grande surpresa, desviaram-se para um complexo e zumbidor arranjo de engrenagens e alavancas que se encontrava ao lado da porta. Quando se aproximaram, começaram a brilhar várias cores, a ser emanados estranhos odores e a soar uma porção de sons e ruídos curiosos. A horda agitou-se mais em direção dessa balbúrdia toda e, quando chegou bem perto, dois braços mecânicos abriram-se de repente e empurraram todos os animais para um buraco que se abriu ao nível do soalho. Em um momento estavam todos dentro de uma enorme caixa.

Marner se aproximou, sorrindo, acompanhado por Kernridge — Melhoramos um pouco o modelo de vocês — explicou. — Construimos uma armadilha mais completa: pega todas as espécies ao mesmo tempo. A de vocês pegava apenas um determinado tipo de cada vez.

Plorvash engoliu em seco, barulhentemente,

— Muito bem — disse. — Realmente notável.

— Temos os esquemas em nosso quarto — disse Kernridge — Talvez a armadilha tenha algum valor comercial para vocês.

— Provavelmente — admitiu Plorvash. — Que conseguiram com o depilatório?

— Aquilo foi fácil — disse Marner. — Com a quantidade que nos deu, a análise foi questão de instantes. Temo que tenhamos aperfeiçoado demais o original, também.

— Que quer dizer?

Marner passou a mão pelo rosto: — Experimentei o líquido em mim mesmo, há uns dois dias, e minha pele continua lisinha como a de um nenê. O efeito parece ser permanente.

— É claro eue vocês ultrapassaram as provas — disse Plorvash. — Mas acho que apenas passaram pelas duas primeiras etapas do teste... ah... razoavelmente bem. Curiosamente, seus concorrentes lá na Terra também tiveram êxito nas preliminares.

Estive em contato com nosso Cônsul em New York, creio que o conhecem, e ele disse que os dois domerangianos ultrapassaram com sucesso as duas primeiras etapas.

— Alegra-me ouvir isso — mentiu Marner. Mas a terceira é que vai ser o caso, não?

— Exatamente — concordou Plorvash. — Com licença, deixe-me ir buscar o terceiro problema.

\*

Cinco minutos depois, Marner e Kernridge estavam olhando para um complicado ninho de brilhantes relés e tubos, que pareciam impulsionados por um arranjo de pistões e barras. Plorvash carregara o aparelho com a máxima delicadeza e o colocara sobre o balcão no fundo do laboratório.

— Que é isso? — perguntou Marner.

— Verá — prometeu o domerangiano

Procurou algo atrás do aparelho, desenrolou um comprido fio e levou-o até uma tomada na parede. Ligou-o. Um tubinho no coração da máquina brilhou, com um tom vermelho-cereja, e um momento depois os pistões começaram a se movimentar, primeiro lentamente, depois num ritmo rápido. Depois, de um instante o aparelho estava trabalhando, firme e aceleradamente, com os pistões subindo e descendo, movimentando-se sem nenhum propósito aparente.

Kernridge inclinou-se e examinou o aparelho o melhor que pôde. Afinal, ergueu os olhos:

— Então? — perguntou. — É uma simples máquina. Que há com ela?

— É um aparelho especial... — disse Plorvash. — Retire o plugue da tomada.

O terrestre desligou a máquina, voltou-se e ficou olhando-a por longos momentos.

Então, soltou o fio, que ficou caído no chão.

— Ela... não vai parar, não é? — perguntou Kernridge, calmamente. — Os pistões continuarão em movimento...

— É a nossa fonte de energia — explicou Plorvash, orgulhosamente. — Usamo-la em veículos e em outras coisas. Podem construir um aparelho assim? É o terceiro problema.

— Vamos tentar — respondeu Marner. — Desejamos consegui-lo.

— Estamos muito interessados no resultado disse Plorvash. — E, agora, desejo-lhes um bom dia.

— Claro — disse Marner, deprimido. — Obrigado.

Ficaram olhando o grande domerangiano retirar-se solenemente do laboratório, esperaram que a porta se fechasse atrás dele e voltaram-se para a máquina.

Continuava movimentando-se.

Marner mordeu os lábios e relanceou os olhos para Kernridge — Dave — disse, sombriamente — conseguiremos construir um aparelho de moto-contínuo?

\*

A máquina trabalhava sempre, quer estivesse ligada à tomada, quer não, uma vez tendo recebido o impulso inicial. Os pistões não cessavam seu vaivém. Os componentes básicos do aparelho pareciam bastante simples.

— O primeiro passo a darmos — disse Marner — é parar essa maldita máquina para darmos uma espiada lá dentro.

— E como o faremos?

— Revertendo a fonte de energia, suponho. Introduzindo-se uma pulsação negativa através da força-motriz, conseguiremos um instante zero que a deterá. Temos de reverter a polaridade do sinal.

Meia hora de árduo trabalho com chave de parafuso e solda o conseguiu. Ligaram o plugue, com os fios invertidos, na tomada: a máquina tossiu duas vezes e parou.

— Está bem — disse Marner, esfregando as mãos demonstrando um entusiasmo que realmente não sentia. — Agora, vamos examinar esse nenê e ver como funciona... — voltou-se, pensativamente, para Kernridge — E tome isto por lema: se os domerangianos conseguiram construir esta coisa, não é impossível fazê-lo, certo?

— Essa parece ser a única base à qual nos podemos apegar — acrescentou Kernridge Continuaram a pensar no lema, enquanto começavam a trabalhar. Marner inclinou-se e apontou para algo: — Isto aqui é como um disco-regulador do realimentador de reflexos — observou. — E estou quase apostando que há algo como um tubo tyatron por trás dele A tecnologia deles se aproxima bastante da nossa. De fato, o conjunto de dados é onde nos podemos agarrar, tecnicamente...

— Hum... E o resultado é um sistema regenerador fechado, com impulso positivo — disse Kernridge, rapidamente — Energia infinita, girando e regirando em ciclo. Mesmo que se retire cem watts ou mais... bem, infinito menos cem é sempre infinito!

— De fato — admitiu Marner, limpando algumas gotas de suor que lhe perlavam a testa. — Dave, vamos nos enredar para conseguir tirar esta coisa a limpo. E não podemos falhar ao desafio!

Gesticulou ameaçadoramente com a chave de fenda: — Lembre-se do nosso lema! — resmungou. — Usaremos nossos conhecimentos e habilidades naturais, um pouco de suor e o conseguiremos!

Três semanas depois, experimentaram o primeiro modelo, que trabalhou durante meia hora e parou. Um mês depois disso, conseguiram outra máquina, que não funcionou.

\*

Hesitantes, chamaram Plorvash.

— Ei-la — disse Marner, apontando para o objeto bizarro que estava ao lado do modelo original. Ambas as máquinas zumbiam alegremente, com os plugues fora das tomadas.

— Funciona? — perguntou Plorvash, desconfiado.

— Não parou ainda — respondeu Marner. Marner tinha olheiras profundas e roxas.

Seu rosto, geralmente bem disposto, estava sombrio, com a pele muito esticada sobre os zigomas. Tinham passado dois meses em esforço constante e ambos o demonstravam.

— Trabalha, hein? — indagou Plorvash. — E como?

— Uma função de hiperespaço muito complicada — disse Kernridge — Não estou disposto a explicar agora. Encontrará tudo no relatório. Mas trata-se de verdadeira acrobacia topológica. Não conseguimos fazer uma cópia do modelo de vocês, mas obtivemos os mesmos efeitos, o que preenche as exigências do acordo — O desafio foi perfeitamente respondido disse Marner. — Não queremos pensar em como o conseguimos, o fato é que conseguimos... aí está!

— Não acredito que possam fazê-lo de novo — comentou Plorvash, asperamente; aproximou-se e

examinou atentamente o aparelho. — Vocês disseram que ele trabalha? Honestamente? — indagou, com voz emocionada.

— Claro — respondeu Marner, indignado.

— Queremos fazer-lhe uma pergunta — disse Kernridge, apontando para uma caixa retangular, preta, colocada entre as ligações internas do modelo original. — Isto aqui intrigou-nos bastante... Não conseguimos abri-la para examinar, de modo que a deixamos de lado e idealizamos um novo sistema para substituí-la. Que é isso?

Plorvash voltou-se pesadamente para encará-los: — Isto — disse, com voz estrangulada — é a fonte de energia. É a miniatura de um amplificador fotelétrico que faz com que o modelo trabalhe durante... oh, umas duas semanas ou mais. Então, é preciso ligá-lo outra vez a uma tomada.

— Que está dizendo? — indagou Marner, boquiaberto.

— Já é tempo de dar-lhes uma explicação disse o domerangiano, penosamente. — Não temos nenhum aparelho de motocontínuo, vocês foram cruelmente levados a inventar um para nós. É uma covardia, mas confesso que jamais pensei que o conseguissem. Foi preciso a união de nossos melhores cérebros para que fosse feito o modelo que lhes entregamos...

Marner aproximou-se do balcão do laboratório e sentou-se, pálido. Kernridge permaneceu de pé, com o rosto, muito branco, demonstrando incredulidade. Afinal, Marner conseguiu falar:

— Quer dizer que nós inventamos essa coisa e vocês não...

Plorvash assentiu: — Estou tão espantado quanto vocês — acrescentou.

Aproximou-se do balcão e sentou-se também. A armação rangeu sob seu peso Kernridge foi o primeiro a se recuperar:

— Bem — disse, depois de um momento de silêncio — agora que tudo acabou, pegaremos nossa máquina e voltaremos para a Terra. Isto invalida o desafio, é claro.

— Temo que não o possam fazer... — disse Plorvash. — Por um estatuto promulgado há centenas de anos atrás, qualquer descoberta realizada no laboratório do governo domerangiano pertence automaticamente a ele. O que quer dizer, é claro, que confiscaremos... hum... o projeto de vocês.

— Nem se fala nisso! — disse Marner, zangado.

— E há mais — continuou Plorvash, suavemente. — Pretendemos confiscar vocês também. Queremos que fiquem aqui e que nos mostrem como construir essa máquina.

— Isto causará uma guerra! — exclamou Kernridge. — A Terra não permitirá que levem avante este.. este rapto!

— Provavelmente não — respondeu Plorvash. — Mas diante do rumo que os fatos tomaram, é a única coisa lógica que podemos fazer. E não acredito que a Terra nos declare guerra por causa de vocês.

— Queremos falar com o nosso Cônsul! — exigiu Marner, — Muito bem — concordou Plorvash. — É um direito que lhes cabe, suponho.

\*

O Cônsul da Terra era um cavalheiro forte, de cabelos brancos, chamado Culbertson, que apareceu em cena mais tarde, nesse mesmo dia.

— Isto é muito embaraçoso para todos nós... — disse o Cônsul, quando ficou a par da situação.

Passou a mão nervosamente por suas tradicionais calças, ajeitando os vincos.

— Vai ajudar-nos a sair disto, é claro — disse Marner. — Esta máquina é propriedade nossa e eles não têm direito de manter-nos prisioneiros aqui para construí-la, têm?

— Não, claro que não... — concordou Culbertson — Não, diante das leis terrestres. Mas permanece o fato, infelizmente, que de acordo com as leis deles, têm todos os direitos sobre a invenção de vocês. E segundo o tratado de... ah... 2.716 da soberania extraterritorial, os terrestres em Domerang estão sujeitos

às leis domerangianas e vice-versa — terminou, abrindo os braços num gesto de frustração.

— Quer dizer que temos de ficar aqui? — perguntou Marner, sombriamente.

Fechou os olhos, lembrando o pesadelo que era o equivalente domerangiano de um bar, pensando na mórbida perspectiva de passar o resto de seus dias naquele pouco aprazível planeta, tudo por causa de um desafio idiota.

— Vamos — disse. — Diga-nos a verdade.

O Cônsul juntou delicadamente as palmas das mãos.

— Pretendemos fazer todos os esforços para ajudá-los, é claro, uma vez que temos uma grande dívida para com vocês dois. O que realizaram espalhará a fama da Terra por todo o Universo.

— Grande recompensa para, nós! — Ironizou Marner — Contudo — continuou o Cônsul — estamos ansiosos por corrigir este desagradável incidente. Posso assegurar-lhes que faremos o que estiver ao nosso alcance para tornar a permanência de vocês aqui o mais agradável possível, sossegada e que...

— Olhe aqui, Culbertson — interrompeu-o Kernridge secamente — não queremos passar férias aqui, nem mesmo com um grupo de belas garotas vinte e quatro horas por dia e suaves violinos como fundo musical! Não gostamos daqui! Queremos voltar para a Terra. Seu pessoal meteu-nos nisto... agora têm de nos livrar!

O Cônsul pareceu outra vez ficar muito abatido.

— Preferia que não escolhessem esse caminho... — disse — Faremos o que for possível. — Calou-se por um momento, pensou e depois continuou: — Há um fator neste caso que ainda não foi explorado...

— Qual é? — indagou Marner, desassossegado.

— Lembra-se dos dois engenheiros domerangianos que foram enviados à Terra para defender a outra parte do desafio? — o Cônsul olhou em redor, todo o laboratório. — Este laboratório é controlado de algum modo?

— Creio que não — disse Kernridge — Pode falar livremente. Que podem eles fazer por nós?

— Há uma pequena chance para vocês — disse o Cônsul, baixando a voz. — Entrei em contato com as autoridades na Terra e informaram-me sobre o progresso dos dois domerangianos. Como sabem, os dois também passaram facilmente as duas primeiras partes do teste, como vocês.

Os dois terrestres assentiram, impacientes.

O velho diplomata sorriu, como quem pede desculpa: — Sinto ter de admitir isto, mas parece-me que o pessoal da Terra teve a mesma ideia dos domerangianos...

— Quer dizer... motoperpétuo?

— Não é bem isso — corrigiu Culbertson. — Estavam pensando em um aparelho de antigravidade e disseram aos domerangianos que o reproduzissem... exatamente como aconteceu-lhes aqui. Nossa psicologia parece ser bem semelhante.

— E que aconteceu? — indagou Marner.

— Até agora, nada — respondeu o Cônsul, tristemente. — Mas soube que continuam trabalhando. Se são tão habilidosos quanto dizem, conseguirão, mais cedo ou mais tarde. Temos de ser pacientes e esperar o resultado. Entretanto, vocês devem tratar de tomar cuidado, é claro, e...

— Não sei se aguentarei.. Que pretendem fazer conosco? — perguntou Marner.

— Se eles conseguirem — respondeu o Cônsul — terão também um grande invento. Então, penso eu, tentaremos fazer uma espécie de troca...

Marner irritou-se: — Mas isso poderá levar anos! Poderá durar para sempre! Eles jamais descobrirão um aparelho de antigravidade! E nós, então?

O Cônsul fez um gesto de desânimo.

Um rápido relâmpago passou pelos olhos de Kernridge Voltou-se para Marner: — Justin, você conhece alguma coisa sobre aplicação do tensor e campos gravitacionais?

— Que está imaginando? — perguntou Marner.

— Temos um laboratório ideal, aqui. E tenho certeza de que aqueles dois domerangianos não conseguirão nada quanto à antigravidade, se ninguém lhes der uma mãozinha... hein?

— Você quer dizer — entreviu o Cônsul que construirão o aparelho e o enviarão à Terra para que o entreguem aos domerangianos, a fim de que o utilizem como ponto de partida e...

Parou de falar, ao ver que não o escutavam e olhou ao redor. Marner e Kernridge estavam no fundo do laboratório, escrevendo equações febrilmente...

# O Polegar do Soberano

*Haverá mundos com seres subdesenvolvidos, também — civilizações perdidas ao longe no espaço, que irão olhar-nos com temor e supersticiosa reverência. Esses primitivos dos mundos do futuro deverão ter leis e costumes próprios, que defenderão vigorosamente dos recém-chegados da Terra. O resultado serão conflitos morais para os nossos equivalentes da Corporação da Paz em eras futuras. Colocados entre a ética subestrutural da nossa própria sociedade e o próprio desejo de mostrar respeito pelos costumes estrangeiros, lutarão com dilemas tais como estes.*

Na noite anterior o sol se pusera num crepúsculo vermelho-sangue e o Coronel John Devall dormia mal por causa disso. A atmosfera em Markin não era normalmente condutora para proporcionar crepúsculos dessa cor, se bem que acontecessem ocasionalmente, em tardes nas quais o azul da luz do sol se espalhava de modo bastante particular. Os markianos ligavam crepúsculos vermelhos a complicações que se aproximavam. O Coronel Devall, que dirigia a missão cultural e militar da Terra em Markin — mas, em si mesmo, era mais cultural do que militar — estava bastante inclinado a aceitar a crença markiana de que aquele tipo de crepúsculo era uma premonição de conflitos.

Era um homem alto, bem constituído, firme nas atitudes, com olhos brilhantes, agudos, e as maneiras ríspidas dos militares. Tentara, com êxito, aparentar ser um oficial exigente e autoritário; seus homens respeitavam e temiam a imagem que conheciam dele. Era formado em antropologia. A educação militar era uma ideia superada, mas ele a recebera; fora o que lhe proporcionara o comando do posto em Markin. O Departamento de Negócios Extraterrestres insistia em que todas as missões nos mundos relativamente primitivos deviam ser dirigidas por um estado maior de militares — e, raciocinava Devall, enquanto eu conseguir aparentar ser o que quero, quem irá ficar sabendo que não sou o soldado que imaginam? Markin era um mundo bastante pacífico. Os nativos eram inteligentes, bastante avançados culturalmente, se bem que não em tecnologia, facilmente conduzidos por uma base racional de existência.

Isso explica por que Devall dormiu mal na noite do crepúsculo vermelho. Apesar de sua elegante postura e frio comportamento, considerava-se, essencialmente, um estudioso e não um militar. Tinha sérias dúvidas sobre seu possível comportamento diante de um inesperado momento de crise. Seu falso desempenho de comando, provavelmente, desmoronaria sob certa pressão e ele o sabia.

Adormeceu, finalmente, de madrugada, depois de ter atirado as cobertas ao chão e amarfanhado o lençol e o travesseiro, na maior confusão. Era uma noite cálida — como a maior parte das noites de Markin — mas ele sentia calafrios.

Acordou apenas poucos minutos antes do toque do rancho dos oficiais. Vestiu-se apressadamente, para ficar pronto e chegar em tempo. Claro que um oficial comandante tinha o privilégio de dormir até mais tarde, se quisesse, porém, levantar-se antes dos demais era uma parte da máscara que Devall se impusera. Vestiu a impecável farda de verão, passou o barbeador rapidamente pelo rosto amorenado, abotoou corretamente o dólmã, pôs o cinturão e demonstrou ao ordenança que estava acordado e pronto.

A possessão terrestre estendia-se por dez acres, a meia hora de distância da maior cidade de Markin. Um jipe esperava em frente ao domo particular de Devall e ele subiu, fazendo um breve aceno ao ordenança.

— Bom dia, Harris.

— Bom dia, senhor. Dormiu bem?

Era um ritual.

— Muito bem — respondeu Devall, automaticamente.

Entretanto, o motor do jipe rugia e impulsionava o pequeno veículo através do acampamento, para a sala de rancho. Sobre o assento do jipe, junto ao lugar de Devall, estava o programa das atividades diárias, preparado pelo oficial de dia, enquanto ele dormia. Nessa manhã o programa estava assinado por Dudley, um major de formidável eficiência — no Serviço Espacial há anos, recebera a Asa Militar por carreira e mais nada. Devall verificou os compromissos matinais, esmeradamente escritos com a letra complicada de Dudley:

"Kely, Dorfman, Melors, Steber, para Detalhes Linguísticos, como de hábito. Mesmo compromisso de ontem, na cidade.

"Haskel, exame médico. Exame de sangue, análise de urina.

"Matsuoko para manutenção do Estado-Maior (até quarta-feira).

"Jolli para o destacamento do Zoo.

"Leonards, Meyer, Rodriguez indicados para viagem ao campo. Botânica. Jipe extra para recolher espécimes."

Devall leu o restante da lista, mas, como esperava, Dudley realizara um trabalho perfeito na distribuição dos homens onde seriam mais úteis e mais felizes. Devall pensou brevemente sobre Leonards, na viagem ao campo para estudos botânicos.

Uma viagem de dois dias levaria até a perigosa faixa florestal ao sul. Devall sentiu um pesado começo de aborrecimento. O rapaz era seu sobrinho, filho de sua irmã — um razoavelmente competente botânico assalariado, com os galões nos ombros sempre impecáveis e brilhantes. Era a primeira expedição do rapaz; fora enviado para a unidade de Devall por acaso, como novo homem. Devall não revelara seu parentesco com Leonards aos outros, sabendo que isso tornaria as coisas mais fáceis para o rapaz, mas assim mesmo sentia certo impulso protetor.

Diabo! O garoto pode cuidar de si! — pensou e escreveu suas iniciais no fim da ordem do dia e tornou a pôr o papel sobre o assento; deveria ser afixada enquanto os rapazes arrumavam suas camas e os oficiais comiam, pois às nove horas todos já deveriam estar iniciando o trabalho. Havia muito a fazer, pensou Devall, e pouco tempo para fazê-lo. Havia tantos mundos...

Saiu do jipe e entrou na sala de rancho. A sala de refeição dos oficiais era num cômodo pequeno, à esquerda do grande salão; quando Devall entrou, viu sete homens de pé, em posição de sentido, à sua espera.

Sabia que não haviam permanecido de pé daquele modo o tempo todo; punham-se em posição de sentido somente quando o vigia — provavelmente o Segundo Tenente Leonards, o mais jovem de todos — avisara que ele estava chegando.

Bem, pensou, isso não importa. As aparências estão salvas. Pró forma.

— Bom dia, senhores — disse, secamente, e ocupou seu lugar à cabeceira da mesa.

\*

Por enquanto, parecia que o dia que se iniciara iria ser bom. O sol subiu para um céu sem nuvens e o termômetro do acampamento assinalava 40°C. Quando faz calor em Markin, faz calor. Para a tarde, Devall já o sabia, deveriam esperar algo por perto de 60°C à sombra... e, depois, um lento e suave declínio até 20°C, ali pela meia-noite.

O grupo botânico partiu logo depois, saindo do acampamento com seus dois jipes, e Devall ficou de pé durante algum tempo à porta da sala do rancho, olhando-os afastarem-se, observando os outros homens que se dirigiam para os postos que lhes haviam sido destinados. O Sargento Jolli, de rosto bexiguento, cumprimentou-o enquanto se dirigia para o destacamento do Zoo, onde pretendia conseguir alguns casais representantes da fauna selvagem de Markin, a fim de levá-los para a Terra, quando partissem. O pequeno, porém forte, Matsuoko passou, carregando ferramentas de carpintaria. O

destacamento linguístico entrou em seu jipe e dirigiu-se para a cidade, onde iria continuar os estudos da língua markiana.

Estavam todos ocupados. A expedição ficaria em Markin mais quatro meses; oito meses do tempo total já se haviam escoado. A menos que fosse concedido um aumento de tempo, teriam de largar tudo e voltar à Terra para seis meses de licença — com apresentação de relatórios — e depois, seriam mandados para algum outro mundo, para mais um ano de residência.

Devall não se sentia ansioso por deixar Markin. Era um mundo agradável, se bem que um tanto quente, e não havia modo algum de saber como poderia ser o próximo mundo. Talvez uma frígida bola de metano gelado, onde teriam de passar um ano dentro das roupas-respiratórias Valdez, tentando entrar em contato Com algumas espécies de moluscos inteligentes respiradores de amônia. "Melhor o diabo que já conhecemos" — concluiu Devall seu pensamento.

Mas teria de ir embora. Esse já era o décimo primeiro mundo que percorria e havia mais para serem visitados. A Terra tinha equipes bastante qualificadas para cobrir mais ou menos uns cento e dez mundos, e a vida existia em dez milhões de planetas Pretendia conservar consigo membros da atual equipe, que os satisfaziam por trabalhar bem, e substituir os que não o satisfaziam. Começaria o próximo trabalho dez meses depois, a partir daquele momento.

Aproximou-se da escrivania e pegou o diário do acampamento; soltando a capa, retirou a primeira folha em branco que encontrou e colocou-a na máquina de escrever automática. Para começar, repetiu o erro de costume: clareou a garganta depois de ter ligado a máquina e esta disparou a trabalhar com a dificuldade que sempre tinha para encontrar a palavra correspondente ao Brghhumph que emitiu.

A luz-guia tornou-se vermelha. Devall começou: — 4 de Abril de 2.705. Coronel John Devall relatando. Ducentésimo-quadragésimo dia de nossa estada em Markin, Mundo 7 do Sistema 1106 – suba. "Temperatura 40°C às nove horas; ventos suaves, do Sul... "

Passou a discorrer sobre os acontecimentos: como fazia todas as manhãs, e terminou com todos os detalhes. Pegou o maço de relatórios especiais que tinham sido postos em sua mesa na noite anterior e começou a lê-los distraidamente; a autotipo trabalhava maciamente e um aparelho, em algum lugar da base do elevado E-T Edifícios de Relações Espaciais no Rio de Janeiro reproduzia suas palavras para um subrádio que as retransmitia.

Tinha muito trabalho. Devall imaginava se não seria muito mais feliz realizando um simples trabalho no campo de antropologia, como fizera em outros tempos, em vez de estar aguentando o oneroso fardo da rotina de um posto administrativo vinculado.

Mas alguém terá de carregar esse fardo, pensou.

Fardo do terrestre. Somos a raça mais adiantada; ajudamos as outras. Mas nenhuma delas nos abre os braços para que voltemos a esses mundos e repartamos com elas o que temos. Chamo a isso compulsão interior.

Pretendia trabalhar até o meio-dia. À tarde um alto sacerdote de Markin ia ao acampamento para falar com ele e a entrevista, provavelmente, se prolongaria até o pôr do sol. Mas ali pelas onze horas foi interrompido pelo ruído de motores de jipe que chegavam inesperadamente ao acampamento. Elevou-se um grande clamor de vozes de terrestres e markianos.

A calorosa discussão parecia ir progredindo, mas o grupo estava ainda muito longe e o conhecimento de Devall sobre markianos ainda era fraco demais para que pudesse compreender o motivo da confusão. Um tanto aborrecido, desligou a autotipo, ergueu-se e foi até a janela que dava para fora.

Dois jipes se aproximavam — a equipe de botânica, que saíra há cerca de duas horas — e quatro nativos acompanhavam os três terrestres. Dois dos nativos empunhavam lanças com pontas farpadas, o terceiro era uma mulher e o quarto um velho.

Protestavam calorosamente contra alguma coisa.

Devall sentiu um sobressalto. Pelos pálidos, tensos e desanimados rostos dos terrestres, compreendeu

que algo muito sério acontecera. Aquele crepúsculo vermelho-sangue prognosticara acertadamente, pensou, enquanto ouvia passos se aproximarem de seu escritório.

Sete pares de olhos fixaram-se nele quando se viu diante do grupo. Oito olhos brilhantes, de um dourado cálido, dos markianos, e seis aflitos e preocupados olhos terrestres.

— Que está havendo? — perguntou Devall .

Os markianos desandaram a falar agitada e confusamente, ao mesmo tempo, qual um quarteto de esquilos gritões. Devall não conseguia entender nada, como antes.

— Silêncio! — berrou.

Na calma que se seguiu, disse suavemente: — Tenente Leonards, pode me dizer, exatamente, que confusão é esta?

O rapaz parecia muito assustado. Seu queixo tremia visivelmente e os lábios estavam brancos.

— Sim senhor — disse, hesitante. — Peço-lhe perdão, senhor... Acho que matei um markiano.

\*

Na relativa intimidade de seu escritório, Devall encarou a todos: Leonards, sentado muito quieto, olhando para as botas brilhantes; Meyer e Rodriguez, que eram os outros dois componentes da infeliz equipe de botânica. Os markianos haviam ficado fora. Haveria tempo para acalmá-los, mais tarde.

— Está bem — suspirou Devall . — Leonards, quero que repita a história exatamente como contou há pouco, pois vou passá-la à autotipo. Comece a falar quando eu apontar para você.

Aproximou-se do aparelho e disse:

— Depoimento do Segundo Tenente Paul Leonards, Botânico, feito em presença do Comandante Oficial a 4 de Abril de 2.705 — e apontou com o indicador para Leonards.

O rosto do rapaz parecia de gesso; gotas de suor cobriam-lhe a testa pálida e cortada de veias, os cabelos louros estavam úmidos e despenteados. Apertou os lábios, com expressão angustiada, limpou a testa com uma das mãos e, afinal, começou: — Bem, saímos do acampamento hoje de manhã, ali pelas nove horas, dirigindo-nos para o sul, região ocidental, a fim de fazer um reconhecimento dos lugares mais distantes. Nosso propósito era recolher espécimes botânicos. Eu... era o encarregado do grupo, do qual participavam os Sargentos Meyer e Rodriguez...

Fez uma pausa, depois continuou: — Nós... nós fizemos muita coisa na primeira meia hora; a área mais próxima já fora percorrida por nós mesmos, antes. Mas, ali pelas nove e quarenta e cinco, Meyer notou uma área com bastante vegetação, não muito longe, à esquerda do nosso caminho, e chamou-me a atenção para ela. Sugeri que parássemos e investigássemos. Era impossível penetrar naquele local com os jipes, por isso fomos a pé. Deixei Rodriguez cuidando dos apetrechos, enquanto Meyer e eu nos afastávamos.

"Estávamos atrás de um tipo de transitórias árvores angiosperma, de uma espécie que já começáramos a estudar, e descobrimos que estávamos num local afastado de seu natural crescimento, inclusive o de várias espécies que víamos anteriormente e que não tinham sido catalogadas. Encontramos uma que nos chamou especialmente a atenção. Tratava-se de um arbusto constituído por um único talo, grosso, de um verde suculento, com talvez um metro e vinte de altura, encimado por uma enorme flor verde e dourada. Filmamos todos os detalhes, tiramos amostras de seu perfume, amostras de pólen e pegamos algumas folhas".

Devall interrompeu-o repentinamente: — Você não colheu a flor? — perguntou.

— Claro que não. Havia apenas uma espécie nas proximidades e não costumamos destruir um espécime só para incluí-lo em nossa coleção. Mas retirei algumas folhas do talo e no momento em que o fiz, um nativo saltou sobre mim, vindo de um maciço de samambaias.

"Estava armado com uma dessas lanças denteadas. Meyer viu-o primeiro e gritou.

Saltei para trás, justamente quando o markiano desferiu o golpe de lança. Consegui desviar o corpo e deter a lança com o braço, por isso não fui ferido. O markiano deu alguns passos para trás e gritou-me algo em sua língua, que ainda não entendo muito bem. Então, ergueu a lança e ameaçou-me com ela. Eu estava armado com a pistola-radial. Empunhei-a e ordenei, na língua dele, que baixasse a arma, que não pretendíamos fazer danos. Ele ignorou minhas palavras e atacou pela segunda vez. Atirei em defesa própria, procurando destruir a lança ou ferir-lhe o braço, mas ele saltou de lado para tomar impulso ao atacar-me e morreu instantaneamente. Leonards encolheu os ombros. — Isso é tudo, senhor. Voltamos para cá imediatamente.

— Hum... Devall falando. Sargento Meyer, pode dizer se o que acaba de ouvir é substancialmente verdadeiro?

Meyer tinha rosto fino, cabelos escuros e andava sempre sorrindo. Mas não sorria naquela hora.

— Aqui é o Sargento Meyer. Afirmando que o relato do Tenente Leonards é substancialmente verdadeiro. Tudo aconteceu assim, exceto que o markiano não parecia abertamente feroz, apesar de seu modo de agir, na minha opinião. Acho que ele estava fingindo nas duas vezes que atacou e fiquei surpreso quando o Tenente Leonards matou-o. Isso é tudo, senhor.

De cenho franzido, o Coronel disse: — Devall falando. Este foi o depoimento sobre o assassinato de um markiano, cometido pelo Tenente Paul Leonards.

Desligou a autotipo, levantou-se e andou para junto da escrivania, encarando severamente os três botânicos: — Sargento Rodriguez, uma vez que não se encontrava no local do incidente, considero-o livre de toda responsabilidade neste caso e seu testemunho não é necessário.

Diga ao Major Dudley que o senhor está de licença pelo resto do dia.

— Obrigado, senhor — Rodriguez cumprimentou, sorriu agradecidamente e retirou-se.

Quanto aos senhores dois — continuou Devall, lentamente — ficarão confinados na base até que a situação seja resolvida. Não preciso dizer-lhe o quanto isto poderá se tornar sério, tenha sido um crime em legítima defesa ou não. Muita gente não compreende o conceito de defesa-própria... umedeceu os lábios que haviam secado repentinamente. — Não quero antecipar as complicações que advirão deste caso. Mas este é um povo estranho, num mundo estranho e jamais se pode prever seu comportamento.

Voltou-se para Leonards: — Tenente, devo pedir-lhe, para seu próprio bem, que permaneça no alojamento até segunda ordem.

— Sim, senhor. Devo considerá-lo como prisão?

— Ainda não — respondeu Devall. — Meyer, comunique ao pelotão de guarda que o senhor está de licença pelo resto do dia. Provavelmente precisarei de seu testemunho antes que este caso seja encerrado. Podem retirar-se os dois.

Depois que tinham saído, Devall sentou-se pesadamente à escrivania e pôs-se a examinar as unhas. Suas mãos tremiam incontrolavelmente, como se tivessem vida própria.

John F. Devall, formado pela Universidade de Colúmbia em Antropologia, em 2.682, comissionado ao Serviço Militar Espacial em 2.687 e agora numa encrenca pela primeira vez. Como foi se meter nisso, Jack? — perguntou a si mesmo. — Pode provar que essa águia de prata pertence ao seu ombro?

Estava suando. Sentia-se exausto. Fechou os olhos por alguns instantes, abriu-os e disse ao intercomunicador:

— Mande entrar os markianos.

\*

Entraram cinco deles. Fizeram inclinações cerimoniais e alinharam-se nervosamente junto à parede mais distante, como se fossem candidatos a um fuzilamento.

Acompanhando-os, entrou também Steber, um dos membros da equipe linguística, que fora

urgentemente chamado da cidade a fim de servir como intérprete para Devall . O conhecimento da língua markiana do Coronel era razoável, mas insuficiente; queria Steber por perto para o caso de haver algum detalhe que precisasse de esclarecimento.

Os markianos tinham estrutura humanoide, com ancestrais simiescos, o que poderia incluí-los em remoto parentesco com os terrestres, quanto a estrutura fisiológica geral. Mas não havia parentesco algum. Sua pele era grossa, áspera, granulada, de tom bem escuro, tendendo para o marrom-escuro, com ocasionais tonalidades de um púrpura sombrio. Seus rostos haviam adquirido traços reptilíneos no decorrer da evolução, o que os tornava priticamente sem queixo, mas capazes de triturar e engolir os alimentos em grandes bocados, tão grandes que engasgariam um terrestre. Os olhos, de uma cor de ouro líquido, estavam localizados bem altos na cabeça, conferindo-lhes enorme visão periférica; os narizes eram como botões achatados, em alguns casos apenas perceptíveis pela ligeira elevação das narinas.

Devall viu dois jovens, naturalmente guerreiros; tinham deixado as lanças lá fora, mas seus rostos estavam beligerantemente tensos e a perda do companheiro os enraivecera visivelmente. A mulher parecia-se com todas as mulheres markianas, amorfas e insossas, dentro de seu gasto manto de pele. O par restante eram dois sacerdotes, um velho, outro muito velho. Foi para o ancião que Devall se dirigiu: — Sinto que nosso encontro desta tarde seja tão desgostoso. Esperava ter algo agradável para conversar com o senhor. Mas nunca se pode prever o que está por acontecer...

— A morte, lá fora, clama por aquele que foi morto — disse o sacerdote mais velho, no seco e arfante tom de voz que Devall sabia carregado de raiva e escárnio.

A mulher, de repente, soltou um agudo uivo, meia dúzia de lamurientas palavras, pronunciadas tão rapidamente que Devall nada conseguiu entender.

— Que disse ela? — perguntou a Steber.

O intérprete esfregou as palmas das mãos, pensativamente: — É a mulher do homem que foi assassinado. Ela está... pedindo vingança — explicou ele, em inglês.

Aparentemente, os dois guerreiros eram amigos do homem morto. Os olhos de Devall percorreram os cinco hostis rostos markianos.

— Foi um incidente muito lamentável — disse, em markiano. — Mas acho que não irá afetar a amizade que existe entre os terrestres e os markianos, que já vem de longe. Este mal entendido...

— Sangue deve ser vingado — disse o mais jovem e menos impressionante dos dois sacerdotes.

Provavelmente era o sacerdote local, pensou Devall , e certamente estava satisfeito por estar junto de um superior que o apoiasse.

O Coronel enxugou o suor da testa: — O rapaz que cometeu tal ação será castigado. Claro que vocês compreendem que um crime em legítima defesa não pode ser chamado de assassinato, mas admito que o rapaz agiu mal e que irá sofrer as consequências Tais palavras não pareciam satisfatórias a Devall , mas os markianos demonstraram estar impressionados.

O velho sacerdote resmungou duas curtas, secas sílabas. Nada significavam para Devall , que voltou-se para Steber, pedindo ajuda.

— Ele disse que Leonards penetrou no Parque Sagrado. O crime pelo qual estão zangados não é o assassinato, mas sim a blasfêmia cometida.

Apesar do calor, Devall sentiu-se gelar de repente. Não... Não pelo crime? A coisa vai ser bem mais complicada, compreendeu, desanimado.

Disse ao sacerdote:

— Isso muda a natureza essencial do fato? Será punido por nós pelo que fez: não o poderemos perdoar.

— O senhor pode puni-lo por assassinato, se quiser — respondeu o velho sacerdote.

Agora, o ancião falava vagarosamente, para que Devall compreendesse bem as palavras. A viúva emitiu um altíssimo uivo, de som extraterritorial Os jovens continuavam com o imutável ar ameaçador.

— Assassinato não nos compete — continuou o velho. — ele se apoderou de uma vida. A vida pertence a eles e eles a retiram quando a quiserem. A Eles cabe decidir sobre a vida. Mas ele também desrespeitou uma flor sagrada, num campo sagrado.

Esse é um crime muito sério para nós. Além disso, derramou o sangue de um guardião sobre o solo sagrado. Pedimos que o entregue a nós para julgamento em alta corte, pelo duplo crime de blasfêmia. Depois, talvez o senhor possa colocá-lo sob suas próprias leis, seja a qual for que ele tenha desrespeitado.

Por um instante, tudo que Devall via era o rosto coriáceo, implacável do velho sacerdote. Então, voltou-se e deparou com a expressão de espanto e desânimo que havia no rosto pálido de Steber.

Foram precisos mais alguns segundos para que as palavras do velho sacerdote penetrassem nele, e mais alguns, antes que Devall lhes apanhasse o amplo significado.

Pretendem julgar um terrestre — pensou, ofuscado. Sob suas próprias leis. Em sua própria côrte. E aplicar sua própria punição.

Aquilo deixara de ser, abruptamente, um mero acidente local, um caso a ser esclarecido, arquivado e esquecido. Não mais se tratava de uma simples reparação do acidental assassinio de um markiano.

Agora, pensou Devall, esmagado, tratava-se de um caso de amplitude galática, de enorme importância. E era ele o homem que deveria tomar toda a decisão.

\*

Visitou Leonards, naquela tarde. Àquela altura, todos no acampamento sabiam o que acontecera, se bem que Devall tivesse ordenado a Steber que se mantivesse calado quanto à intenção dos markianos de julgarem Leonards por conta própria.

O rapaz olhou para Devall quando este entrou no alojamento e fez uma desanimada continência.

— À vontade, Tenente — Devall sentou-se na beirada da cama do rapaz e encarou-o.

— Você está numa enrascada, filho.

— Senhor, eu...

— Eu sei. Você não sabia que estava arrancando folhas de um arbusto sagrado, nem pretendia matar o nativo que o atacou. Se isso tudo fosse tão simples como parece, eu apenas o repreenderia e castigaria por seu modo de agir impensadamente e deixaria passar. Mas...

— Mas, senhor?

Devall estremeceu e forçou-se a encarar o rapaz: — Mas os markianos querem julgá-lo. Não estão se importando com o crime, mas sim com o duplo ato de blasfêmia. Isso faz com que o sumo-sacerdote queira levá-lo diante de uma corte eclesiástica.

— Mas o senhor não irá permitir que o façam, não é, Coronel? — Leonards parecia estar certo de que tal absurdo jamais aconteceria.

— Não tenho certeza, Paul... — respondeu Devall, sombriamente, usando de propósito o primeiro nome do rapaz.

— Por que, senhor?

— Evidentemente, você cometeu um crime muito sério. O sumo-sacerdote está fazendo uma convocação urgente para julgá-lo. Virão aqui buscá-lo, amanhã à tarde. Foi o que disseram.

— Mas não vai entregar-me a eles, senhor! Afinal de contas, eu estava em meus direitos! Não sabia que estava cometendo uma ofensa! Por que, se nada tenho a ver com a crença deles?

— Faça com que eles entendam isso... disse Devall, secamente — São estranhos para nós. Não entendem o código legal da Terra. Não querem saber de nossas leis. Para eles, você blasfemou e é preciso punir as blasfêmias. Essa é a lei da raça de Markin. Formam uma avançada sociedade, eticamente falando, devido ao fato de não serem tecnicamente avançados. Quanto à ética, estão no mesmo plano que nós.

Leonards tornou-se terrivelmente pálido: — Vai entregar-me a eles?

Devall fez um gesto desanimado: — Não disse isso. Mas, ponha-se no meu lugar. Nosso propósito é viver entre essa gente, aprender-lhes os costumes, ajudá-los o mais possível durante o curto espaço de tempo que passamos aqui. Afinal, temos de tentar demonstrar um pretenso respeito aos seus direitos, como indivíduos e como raça. Compreende?

Calou-se por instantes, depois continuou: — Bem, esta é a questão: somos amigos vivendo entre eles e ajudando-os ou somos soberanos esmagando-os sob nossos dedos?

— Senhor, eu diria que isso é ultrassimplificação.

— Talvez. Mas o caso agora está bem claro. Se demonstrarmos não respeitar seus costumes, provaremos que nos achamos bastante superiores aos estrangeiros, apesar do gigantesco show que fizemos para provar que somos seus irmãos! E a história se espalharia pelos outros planetas. Tentamos parecer amigos, mas nosso modo de agir no "caso Leonards" revelaria nosso verdadeiro rosto. Somos arrogantes, imperialistas, patronais e... bem, compreende?

— Então, vai entregar-me a eles para que me julguem...

Devall meneou a cabeça: — Não sei. Ainda não decidi. Se o entregar, certamente será um perigo precedente. E se não o fizer... não sei ao certo o que acontecerá — tentou sorrir. — Vou referir o caso à Terra. A decisão não é minha.

\*

Mas era sua! — pensou, enquanto saía do alojamento dos rapazes e se dirigia rapidamente para a Sala de Comunicações. Estava dentro do caso e somente ele poderia julgar os fatores complexos que o compunham. A Terra, certamente, passaria a decisão para ele. Estava contente com uma coisa, pensou: até o fim, Leonards não lhe fizera nenhum apelo, referindo-se aos laços familiares. Isso dava-lhe orgulho e certo alívio. O fato do rapaz ser seu sobrinho deveria afastar definitivamente a ideia de que o caso estivesse resolvido só por isso.

O encarregado das comunicações encontrava-se no fundo da sala, ocupado em um painel. Devall esperou um pouco, clareou delicadamente a voz, depois chamou: — Senhor Rory...

Rory voltou-se: — Sim, Coronel?

— Ligue-me, imediatamente, pelo sub-rádio sólido, com a Terra, com o Diretor Thornton, no Departamento E-T. Avise-me assim que conseguir a ligação.

Levou uns vinte minutos para que o impulso subespaço atravessasse os anos-luz que os separavam da Terra, mais dez minutos para ultrapassar o ponto do relé e chegar ao Rio. Quando Devall voltou à sala, foi para encontrar a suave câmara verde do sólido sintonizada e à espera dele. Entrou na câmara e viu-se de pé a poucos passos da escrivaninha do Chefe do Departamento de E-T. A imagem de Thornton era nítida, mas a escrivaninha parecia desvanecer-se dos lados. Os objetos sólidos não orgânicos sempre davam imagem fraca.

Devall resumiu rapidamente a situação.

Thornton ficou pacientemente sentado, imóvel, até ele terminar; as mãos rigidamente cruzadas, o rosto impassível, pareciam fazer parte de uma estátua. Afinal, comentou: — Caso desagradável.

— Demais.

— O markiano irá aí amanhã, o senhor disse? Temo que não haja tempo para no-mear uma comissão que examine o problema, Coronel Devall.

— Creio que poderei protelá-lo por alguns dias...

Os lábios de Thornton apertaram-se, formando uma estreita linha vermelha.

— Não. Aja do modo que achar mais certo, Coronel. Se o nível psicológico dessa raça é tal que

sobrevenham funestas consequências no caso do senhor se recusar a entregar-lhes o homem, então, naturalmente, terá de entregá-lo. De qualquer modo, o rapaz deve ser punido.

Parou de falar e sorriu, friamente, depois continuou: — O senhor é um dos nossos melhores homens, Coronel. Confio em que consiga resolver satisfatoriamente este incidente.

— Obrigado, senhor — respondeu Devall, com voz seca e incerta.

A imagem de Thornton começou a desvanecer-se Devall ainda ouviu as últimas palavras: — Avise-me quando tudo estiver resolvido.

Devall ficou sozinho na Câmara de Comunicações, piscando na repentina escuridão que o envolveu depois que a intensa luz do sólido-fone se apagou. Depois de um momento, pôs-se a andar para a saída e retirou-se da câmara.

Fora como esperara. Thornton era um bom homem, mas era um civil nomeado, um homem sob o controle do governo. Não gostava de tomar decisões importantes demais... principalmente quando um Coronel, a algumas centenas de anos-luz de distância, as pudesse tomar por ele.

\*

Devall convocou seu Estado-maior às nove e quinze da manhã seguinte. Todo trabalho da base fora suspenso. A equipe de linguística estava confinada na área interna e Devall mandara postar guardas em todas as saídas. A violência poderia explodir inesperadamente, mesmo entre os mais pacíficos povos estrangeiros; era impossível prever quando um circuito racial vai entrar em pane e um ódio feroz começar a se expandir.

Ouviram em silêncio a gravação do depoimento de Leonards, dos comentários de Meyer e da breve entrevista que Devall tivera com os markianos. Devall desligou o gravador e olhou rapidamente para os homens que se encontravam ao redor da mesa: dois maiores, um capitão, quatro tenentes formavam seu Estado-maior e se encontravam confinados ao acampamento.

— Eis os fatos. O sumo-sacerdote virá aqui hoje à tarde para saber minha resposta.

Acho que antes de decidir devo submeter o caso à discussão aberta do Estado-maior.

O Major Dudley olhava para o chão.

Era um homem reforçado, pequeno, com olhos escuros, muito brilhantes, e em várias ocasiões, no passado, chegara a discutir violentamente com Devall em virtude de divergência de opiniões. Devall o escalara para quatro viagens sucessivas, apesar disso. O Coronel respeitava diferenças de opiniões e Dudley era tremendamente eficiente em matéria de organização.

— Major Dudley?

— Senhor, não me parece que haja qualquer dúvida sobre a atitude a ser tomada. É impossível entregar-lhes Leonards para que o julguem. Isso seria... desumano ou... extraterreno!

Devall franziu o cenho: — Quer explicar-se, Major?

— É bastante simples. Somos a raça que desenvolveu a conquista do Espaço. Por enquanto, somos a raça mais adiantada da galáxia. Acho que nem era preciso falar nisso...

— Era, sim — disse Devall !. — Continue.

Aborrecido, Dudley prosseguiu: — Apesar de sua opinião, senhor, todos os estrangeiros que temos vindo encontrar tão longe têm nos encarado como seus superiores óbvios. Não creio que isso possa ser negado... e acho, também, que pode ser atribuído somente ao fato de sermos realmente superiores. Bem, se entregássemos Leonards para julgamento, isso abalaria nossa posição. Faria com que parecêssemos fracos, temerosos. Nós...

— Está sugerindo, então — interrompeu-o Devall — que desempenhamos o papel de soberanos da galáxia... e que, atendendo aos nossos servos, perderemos o controle sobre eles. É isto o que pensa, Major? — inquiriu Devall.

Dudley foi calmamente ao encontro da ira do Coronel: — Basicamente, sim. Diabo, senhor! Estou tentando fazê-lo ver isso desde a expedição que fizemos a Hegath! Não estamos aqui nas estrelas para caçar borboletas ou colecionar esquilos! Nós...

— Fora de discussão! — explodiu Devall, friamente. — Isto é mais uma missão cultural do que militar, Major... E enquanto eu estiver no comando, continuará a ser primordialmente cultural — senti que estava perdendo as estribeiras, e, desviando-se de Dudley, disse: — Major Grey, posso ouvi-lo?

Grey era o astronavegador da nave. Em terra, suas funções eram supervisionar o levantamento de paliçadas e a confecção de mapas. Era um homem secarrão, que ria pouco, de rosto fino e pele áspera.

— Acho que devemos ser cautelosos, senhor. Entregar Leonards poderia resultar em tremenda perda para o prestígio terrestre.

— Perda? — berrou Dudley. — Seria nosso fim! Jamais poderíamos erguer honestamente nossas cabeças na galáxia outra vez se...

Devall entrevistou calmamente:

— Major Dudley, o senhor está perturbando a ordem. Voltarei a discutir sua opinião mais tarde — voltando-se para Grey, sem olhar para Dudley, disse: — Não acha, Major... Não acha que tal modo de agir poderia ter um correspondente efeito favorável para o nosso prestígio aos olhos destes mundos inclinados a encarar a Terra com desconfiança?

— É muito difícil determinar tal coisa com segurança, senhor.

— Muito bem, então — ergueu-se Devall, Segundo os regulamentos, levei o caso ao conhecimento das autoridades na Terra e também propus uma discussão aberta entre meus oficiais. Obrigado pelo comparecimento, senhores.

O Capitão Marechal disse, hesitante:

— Senhor, não vamos votar para decidir qual a atitude a ser tomada?

Devall sorriu com frieza: — Como Comandante Oficial desta Base, tomarei a responsabilidade, inteiramente, da decisão deste caso. Isso tornará as coisas mais fáceis para todos, no caso de que venha a ser feito um inquérito e uma Corte Marcial a respeito.

\*

Era o único caminho, pensou, enquanto esperava, em seu escritório, pela chegada do sumo-sacerdote. Os oficiais pareciam firmemente inclinados a uma ação conciliatória em nome do prestígio da Terra. Era vergonhoso demais para ele fazê-los tomar a responsabilidade de uma decisão que parecia repugnar a todos.

Pior para Dudley, riu Devall. Mas uma insubordinação daquele tipo era insuportável; Dudley teria de ser afastado da unidade na próxima viagem. Se é que haverá próxima viagem para mim, acrescentou, em pensamento.

A cigarra do intercomunicador soou suavemente.

— Sim?

— A delegação markiana está aqui, senhor disse o ordenança.

— Não os faça entrar enquanto eu não mandar.

Foi até a janela e olhou para fora. O acampamento, à primeira vista, parecia repleto de markianos. Mas, pouco depois, verificou que havia apenas uns doze, todos vestindo mantos de cores berrantes, carregando lanças e espadas. Meia dúzia de soldados olhavam-nos nervosamente, à distância, com as mãos prontas para empunhar armas, se fosse necessário.

Devall pesou as soluções, pela última vez.

Se entregasse Leonards, a raiva temporária dos markianos seria aplacada... mas poderia sua complacência para com eles dar ao Universo a ideia de que a Terra era fraca?

Por outro lado, pensou, suponhamos que eu me recuse a entregar Leonards aos markianos. Então, isso seria, em essência, como o baixar do polegar do soberano, mostrando ao Universo que os terrestres eram responsáveis apenas por si mesmos e não pelos povos dos mundos aos quais visitavam.

De qualquer modo, concluiu, a estimativa dos terrestres na galáxia teria de sofrer.

Por um lado, pareceriam fracos ou indecisos; por outro, pareceriam tiranos. Lembrou-se de uma definição que lera certa vez: Melodrama é o conflito do certo com o errado; tragédia é o conflito do certo com o certo. Ambos os lados eram certos, nesse caso. Para qualquer lado que se voltasse encontraria dificuldades.

E havia mais um fator: o rapaz. Que aconteceria se o executassem? Considerações familiares pareceriam absurdas em tal momento, mas, assim mesmo, entregar um sobrinho a uma possível execução, nas mãos de um povo estranho...

Respirou profundamente, ergueu os ombros, passou as mãos pelos olhos, como que para afastar uma névoa. Uma olhada ao espelho do armário mostrou-lhe que parecia sempre férreo Comandante Oficial. Não havia em seu rosto um traço sequer do conflito interior que o atormentava.

Apertou o botão do intercomunicador: — Faça entrar o sumo-sacerdote. Os demais devem esperar aí.

\*

O sumo-sacerdote era incrivelmente miúdo e enrugado, como a múmia de um homem cuja pele fora fantásticamente riscada e amarfanhada pela extrema idade. Usava um turbante verde sobre a cabeça careca... sinal de luto fechado, Devall o sabia.

O pequeno markiano inclinou-se lentamente, estendendo os finos braços para trás das costas, num ângulo difícil, indicando respeito. Quando se ergueu, inclinou a cabeça para trás, de modo a fitar diretamente os olhos de Devall : — O júri já foi escolhido. Estamos prontos para iniciar o julgamento. Onde está o rapaz?

Devall imaginou que bem poderia ter pedido os serviços de um intérprete para esta última entrevista. Mas era impossível. Tinha de fazer aquilo sozinho, sem nenhuma ajuda.

— O acusado está no alojamento — respondeu Devall, devagar. — Primeiro quero fazer-lhe algumas perguntas, ancião.

— Pergunte.

— Se eu lhes entregar o rapaz para julgamento, há possibilidade de ser condenado à morte?

— É concebível.

Devall irritou-se:

— Não pode ser um pouco mais explícito a esse respeito?

— Como podemos saber um veredicto, antes do julgamento?

— Esqueça-se disso — disse Devall, vendo que nada tinha de concreto a replicar. — Onde pretendem julgá-lo?

— Não muito longe daqui.

— Posso estar presente ao julgamento?

— Não.

Devall aprendera o bastante da gramática markiana para saber que a forma negativa que o sumo-sacerdote empregara significava, literalmente: Eu-disse-não-e-é-justamente-o-que-queria-dizer.

Umedecendo os lábios, perguntou: — Suponhamos que eu me recuse a entregar o Tenente Leonards para julgamento... Como deveria esperar que seu povo reagisse?

Houve um longo silêncio, afinal, o velho sacerdote disse: — Pretende fazer tal coisa?

— Estou falando hipoteticamente... (Literalmente, a forma era: Estou-falando-como-uma-nuvem.) — Poderia ser muito ruim. Ficaríamos impossibilitados de purificar o jardim sagrado durante meses.

Também.. — e acrescentou uma sentença com palavras que Devall desconhecia.

Devall tentou decifrá-la, sem êxito, durante quase um minuto.

— Que quer dizer? — perguntou, por fim. Diga-o com palavras diferentes.

— É o nome de um ritual. Eu teria de tomar o lugar do Tenente no julgamento... e eu teria de morrer — disse o sacerdote, simplesmente. — Então, meu sucessor viria pedir-lhe que se fosse embora.

O escritório ficou mergulhado em pesado silêncio; os únicos sons que Devall ouvia era o respirar afanoso do velho sacerdote e o ruído característico dos insetos semelhantes a grilos, que infestavam a grama, junto à janela.

Submissão? — pensava — ou o polegar do soberano?

De repente, sentiu que não tinha mais nenhuma dúvida do que devia fazer e admirou-se por ter hesitado durante tanto tempo.

— Ouvi e respeito seu desejo: ancião — disse, usando a fórmula ritual de renúncia que Steber lhe ensinara. — O rapaz é seu. Mas, posso pedir-lhe um favor?

— Peça.

— Ele não sabia que estava infringindo suas leis. Agora o compreendeu e está sinceramente aborrecido pelo que fez. Está em suas mãos... Mas quero pedir mercê para ele. Não tinha maneira de saber que estava ofendendo...

— Isso será levado em consideração no julgamento — disse o velho sacerdote, friamente. — Se ele merecer mercê, terá mercê. Não faço promessas.

— Está bem — disse Devall!

Aproximou-se da escrivaninha e preencheu uma ordem para que o Tenente Paul Leonards fosse entregue aos markianos, para julgamento, e assinou, com seu nome por extenso e títulos honoríficos.

— Tome. Dê isto ao Tenente que o fez entrar aqui. Ele tratará de lhe entregar o rapaz.

— O senhor é sábio — disse o sacerdote. Inclinou-se com dificuldade e dirigiu-se para a porta.

— Espere um momento! — disse Devall, desesperadamente, quando o markiano abriu a porta. — Mais uma pergunta...

— Fale — disse o sacerdote.

— O senhor me disse que tomaria o lugar dele se eu me recusasse a entregá-lo. Bem... Que tal um outro substituto? Suponha...

— O senhor não é aceitável para nós — disse o sacerdote, como se tivesse lido o pensamento de Devall, e saiu.

Cinco minutos depois o Coronel olhou pela janela de sua sala e viu uma solene procissão de markianos dirigindo-se para os postos de saída. Uma boa parte deles se achava fora do acampamento.

Entre a multidão de nativos, sem protestar, estava Leonards. Não olhou uma vez sequer para trás e Devall sentiu-se aliviado por isso.

\*

O Coronel olhou para a fileira de livros da estante, durante algum tempo: as vívidas bobinas que o tinham impulsionado de mundo para mundo, do cinzento Danelon para o tempestuoso Lurrin, para o agreste e seco Korvel, para o Hegath, para o M'Qualt e outros. Afinal, para Markin, sempre quente e de céu muito azul. Sacudindo a cabeça, voltou-se e dirigiu-se cansadamente para sua escrivaninha.

Ligou a autotipo, com gesto violento, e ditou a descrição de suas ações, desde o princípio até a decisão final. Sorriu amargamente. Haveria algum tempo antes que o "fac-símile" da autotipo que se encontrava no E-T Departamento, no Rio, começasse a transmitir e Thornton ficasse sabendo o que Devall fizera.

E Thornton ficaria atordoado como ele, assim como o Departamento de Polícia o ficaria.

Devall dirigiu-se para o intercomunicador e disse: — Não quero ser perturbado de modo algum. Se houver algo muito urgente, que seja tratado com o Major Grey; ele se encontra na chefia da Base até que

eu dê uma contraordem. Mesmo que venham mensagens da Terra, Grey é quem deve recebê-las.

Imaginou se o retirariam imediatamente do comando ou se esperariam até que voltasse à Terra. O último, mais certamente. Thornton tinha alguma responsabilidade, se bem que não muita. Mas, certamente, haveria um inquérito e algumas cabeças teriam de rolar.

Devall encolheu os ombros e inclinou-se para trás. Fiz o que era certo — disse a si mesmo, firmemente. — Era a única coisa que eu podia fazer!

Mas, desejaria nunca mais ter de olhar para o rosto de minha irmã!

Cochilou, durante um momento, com os olhos semicerrados, que depois se fecharam completamente. O sono apoderou-se dele e foi recebido com satisfação, pois estava terrivelmente cansado.

Foi acordado, de repente, por forte gritaria.

Berros jubilosos que saíam de muitas gargantas ao mesmo tempo, vibrando na tarde calma. Devall sentiu-se desorientado durante alguns instantes, depois, movimentando-se rapidamente, aproximou-se da janela e abriu-a.

Uma figura — sozinha e a pé — estava se aproximando do portão aberto. Usava o uniforme regular, mas este estava molhado e manchado em alguns lugares. Os cabelos louros estavam grudados no couro cabeludo, emplastados, como se tivesse dado um mergulho. Parecia cansado.

Leonards.

O Coronel estava a meio caminho da porta de saída, quando percebeu que seu uniforme estava em desordem. Forçou-se a voltar, arranjou a gravata, abotoou-se e, com calma dignidade, passou pela porta uma segunda vez.

Leonards parara, rodeado por rapazes sorridentes e faladores, recrutas e oficiais. O rapaz sorria de modo forçado.

— Atenção! — gritou Devall, e imediatamente fez-se silêncio.

Devall aproximou-se.

Leonards ergueu o braço em exausta continência. Houve alguns murmúrios ao redor e Devall notou-o.

— Voltei, Coronel.

— Eu sei. Mas sabe que terei de devolvê-lo aos markianos, outra vez, para o julgamento... Apesar disso, não hesitou em fugir?

O rapaz sorriu e sacudiu a cabeça:

— Não, senhor... Não compreendeu. Já foi realizado o julgamento. Já fui julgado e sou livre.

— Como assim?

— Foi um julgamento à base de prova, Coronel. Rezaram durante uma meia hora ou mais, depois, jogaram-me num lago que fica abaixo da estrada. Os dois irmãos da vítima mergulharam atrás de mim e tentaram agarrar-me. Nadei mais depressa e cheguei a salvo na outra margem.

Sacudiu a cabeça, como um gato, espirrando gotas de água em volta.

— Eles quase me alcançaram, várias vezes Mas quando cheguei do outro lado, vivo e sem me ter afogado, ficou provado que eu não cometera nenhuma injúria. Então, declararam-me inocente, pediram-me desculpas e deixaram-me voltar. Estavam rezando ainda quando os deixei...

Parecia não haver mágoa na atitude de Leonards, aparentemente, achou Devall.

Compreendera o motivo que o levava a decidir entregá-to, e não queria falar nisso.

Devall sentia-se grato.

— Vá para o alojamento e enxugue-se, Tenente. Depois, vá ao meu escritório. Quero falar-lhe.

— Sim, senhor.

Devall voltou-se e foi até seu escritório. Fechou a porta atrás de si e dirigiu-se para a autotipo. O relatório para a Terra devia ser completado.

Alguns momentos depois, terminara. O intercomunicador zumbiu. Ligou-o e ouviu a voz de Steber:

— Senhor, o sumo-sacerdote está aqui. Quer pedir-lhe desculpas pelo que houve.

Está vestido com roupas de cerimônia e trouxe-lhe uma oferenda de paz.

— Diga-lhe que irei já — disse Devall. — E chame todos os nossos oficiais, também. Inclusive Dudley... especialmente Dudley. Quero que ele veja isso.

Ajeitou o dólma e aprumou-se. Olhando-se ao espelho, acenou aprovadamente.

Bem, bem — pensou. — Então, o rapaz voltou são e salvo... Isso é ótimo!

Mas sabia que o caso de Paul Leonards tinha sido irrelevante, a não ser no ponto de vista pessoal. Existiam maiores considerações que importavam e muito.

Em primeiro lugar, a Terra dera uma demonstração correta da doutrina de igualdade-das-vidas-inteligentes que vinha pregando há tanto tempo. Mostrara que respeitava as leis markianas pelo fato de se encontrarem em Markin e obtivera a afeição dessa raça. O fato do rapaz ter voltado ileso era como que um dom da natureza.

Mas o precedente fora aberto. Na próxima vez, quem sabe, em algum outro mundo, o final poderia não ser tão feliz. Algumas civilizações tinham como hábito arraigado punir criminosos com a morte...

Compreendeu que o fardo que a equipe terrestre de expedições carregava se tornara várias vezes mais pesado — pois, agora, os terrestres estariam submetidos às leis dos planetas que os hospedassem, e excursões de botânica em jardins sagrados não mais seriam toleradas. Mas era melhor assim, pensou. Mostramos-lhes que não somos soberanos e, o que é mais, que não queremos ser soberanos. Agora, o polegar poderá ser invertido para nós, Abriu a porta e saiu. Os oficiais estavam reunidos e o sumo-sacerdote encontrava-se humildemente ajoelhado no início dos degraus da porta de entrada, segurando uma espécie de caixa esmaltada, que era a oferenda. Devall sorriu e, ajeitando a gravata, ajudou o markiano a pôr-se de pé.

Comportamo-nos da melhor maneira possível desta vez — pensou. — Realmente, conseguimos enxergar e subir os degraus. Mas teremos de ser merecedores disto!

# Ozymandias

*E alguns dos mundos da galáxia poderão não ser habitados por criaturas vivas. Quando os homens da Terra a eles chegarem, poderão encontrar somente sinais de civilizações mortas — Pompeias e Chichén Itzás de outros planetas, Alguns mundos poderão não interessar a zoólogos, nem a, diplomatas, mas sim a arqueólogos. E em suas explorações, os arqueólogos poderão descobrir coisas de graves e destruidoras consequências para os mundos de seres viventes...*

O planeta morrera há milhões de anos. Essa foi a primeira impressão que tivemos quando nossa nave se aproximou de sua superfície árida e amarronzada. Logo depois, essa primeira impressão foi confirmada. Tinha havido uma civilização ali, algum dia... mas a Terra girara em torno do Sol milhares de vezes desde que o último ser vivo daquele planeta deixara de respirar.

— Um planeta morto — exclamou o Coronel Mattern, amargamente. — Nada existe aqui que possamos usar. Só nos resta embarcar e irmos embora.

Era surpreendente ver Mattern agir de tal maneira. Querendo uma imediata remoção para qualquer outro mundo de maior valor utilitário, Mattern estava, afinal de contas, servindo apenas aos melhores interesses de seus patrões. Seus patrões eram o Estado-maior Geral das Fôrças Armadas dos Estados Unidos das Américas. Esperavam que Mattern e sua metade da equipe produzissem resultados e, conforme os resultados, esperavam fabricar novas armas e novas alianças militares. Não haviam invertido cerca de setenta por cento do capital daquela viagem apenas para conseguir um punhado de velharias arqueológicas.

Mas, felizmente para nossa metade da expedição — a metade arqueológica — Mattern não tinha voz ativa absoluta nesse sentido. Talvez o Estado-maior Geral tivesse entrado com setenta por cento do nosso orçamento, mas os cautelosos homens da Liga Pública tinham providenciado para que tivéssemos alguns direitos.

O Dr. Leopold, chefe da parte não militar da expedição, disse bruscamente: — Sinto, Mattern, mas vou aplicar a cláusula-limite aqui.

Mattern começou a protestar: — Mas...

— Mas, nada, Mattern. Estamos aqui. Gastamos uma boa quantidade do dinheiro americano para chegar até aqui. Insisto em que temos de despender o tempo mínimo, pelo menos, conferido a pesquisas científicas, uma vez que já estamos aqui.

Mattern ficou carrancudo, olhando para a mesa, com o queixo apoiado nos polegares e o restante dos dedos envolvendo-lhe os lados do rosto. Estava aborrecido, mas era bastante esperto para saber que não adiantava meter-se em discussões com Leopold.

O restante de nós — éramos, ao todo, cinco arqueólogos e sete militares; eles nos considerando como ninharia — olhávamos ansiosos o embate de nossos superiores.

Meus olhos voltaram-se para a enorme vigia e observei a seca planície varrida pelo vento, marcada aqui e ali por ruínas que deveriam ter sido maciços monumentos, milênios atrás.

Mattern disse, asperamente: — Este mundo não tem utilidade alguma quanto a observações estratégicas. Depois, é tão velho que qualquer vestígio de civilização que tenha tido deve ter-se tornado poeira!

— De qualquer modo, reservome o direito que me garante explorar qualquer mundo ao qual chegarmos, durante o período de cento e sessenta e oito horas — retorqui ou Leopold, implacável.

Exasperado, Mattern gritou: — Diabo, por quê? Apenas para me irritar? Apenas para provar a inata superioridade intelectual dos cientistas sobre os homens de guerra?

— Mattern, não estou incluindo personalidades nisto.

— Quero saber o que você está querendo, então! Aqui estamos, num mundo que é obviamente inútil para mim e, provavelmente, quase inútil para você também. No entanto, você me ataca com motivos técnicos e força-me a passar uma semana aqui. Por que, senão por malevolência?

— Fizemos apenas os mais superficiais reconhecimentos, até agora — disse Leopold.

— Quanto a nós, sabemos que este lugar talvez possa responder a várias perguntas da História Galáctica. Poderá ser um repositório de superbombas, afinal de contas...

— Grande esperança! — explodiu Mattern.

Olhou em torno da sala de conferências, fitando cada um dos membros do comitê científico com expressão maldosa. Estava deixando bem claro que seria obrigado a concordar com a enorme perda de tempo por causa do nosso fanático desejo de conhecimento.

Conhecimento inútil! Não o bom e inflexível conhecimento da espécie que eles apreciavam.

— Muito bem — disse, por fim. — Protestei e perdi, Leopold. Estão dentro de seus direitos insistindo em ficar aqui durante uma semana. Mas tratem de estar inteiramente prontos para partir quando o tempo terminar!

Fora bastante explícito, claro. A carta de nossa exploração era bem clara a esse respeito. Fôramos enviados para passar um pente-fino no conjunto de mundos próximos da Galáxia Rim, que tinham sido apenas olhados por anteriores missões de inspeção rápida.

Os inspetores tinham, simplesmente, procurado sinais de vida e, encontrado um que fosse, retiravam-se. Fôramos, então, encarregados de examiná-los detalhadamente. Alguns dos planetas do grupo tinham sido habitados outrora, haviam informado os inspetores. Nenhum deles apresentava sinais de vida atual.

Nosso trabalho seria examinar cuidadosamente os mundos indicados. Leopold, chefiando nosso grupo, tinha a incumbência de realizar pesquisas arqueológicas sobre as civilizações mortas; Mattern e seus homens tinham a incumbência mais imediatamente prática de procurar material de fissão, possíveis armas estrangeiras, possíveis fontes de lítio ou trítio em fusão e quaisquer outras coisas de utilidade militar.

Poder-se-á achar que, no sentido estritamente pragmático, nossa parte do grupo era apenas um peso morto, piorado pela enorme despesa. E estaria certo.

Mas a opinião pública, nos últimos cem anos, na América, cansara-se de expedições puramente militares. E, mais como uma colher de chá para a consciência da Nação, cinco arqueólogos, de pequena consciência empírica bem distante do interesse da segurança nacional, foram incluídos na expedição.

Nós.

Mattern deixou bem claro na reunião que seus rapazes eram os membros Realmente Importantes da expedição, e que nós éramos simples estorvos. De certa maneira, tenho de concordar. A tensão aumentava cada vez mais em nosso tristemente desunido planeta; tornara-se inenarrável quando o Outro Hemisfério despertara de sua quietude de cem anos e decidira aventurar-se mais uma vez no Espaço. Se houvesse algo de valor militar fora da Terra, nós teríamos de encontrá-lo antes que eles o fizessem.

A concorrência dos velhos bons armamentos. Hi-ho! As antigas histórias espaciais que falavam de expedições da Terra. Bem, nós éramos da Terra, abstratamente falando — mas, realmente, éramos da América, ponto final. A união global continuava a ser um sonho, como o fora trezentos anos antes, na remota e primitiva era das viagens espaciais em foguetes-químicos. Amém. Fim do sermão. Vamos trabalhar.

\*

O planeta não tinha nome e não lhe havíamos dado um; uma comissão especial — que fora ridiculamente denominada Organização das Nações Unidas — estava trabalhando no problema de dar nomes às centenas de mundos da galáxia, usando a velha ideia de tomá-los emprestados à velha mitologia terrestre,

como analogia a Mercúrio — Vênus — Marte, nomenclatura do nosso próprio sistema. Provavelmente acabariam atormentando este mundo com algo assim como Totem ou Bel-Marduk, ou, até mesmo, Avalokites. Nós o conhecíamos, simplesmente, como Planeta Quatro do Sistema pertencente ao sol amarelo-branco F5 IV Procyonoid, Catálogo Revisado HD # 170.861.

Era toscamente parecido com a Terra, com um diâmetro de nove mil oitocentos e quinze quilômetros, um índice de gravidade de sete mil gramas, temperatura média de dezessete graus centígrados, com a variação diária de uns dez graus, e uma fina, suja, atmosfera composta mais de dióxido de carbono, com traços de hélio, hidrogênio e levíssimos indícios de oxigênio. Possivelmente o ar fora outrora respirável, pelo menos para a vida humanoide que ali vivera há milhões de anos. Tomamos o necessário cuidado de nos munir de máscaras e tanques de oxigênio antes de nos aventurarmos a sair da nave.

O sol, como já dissemos, era um F5 IV razoavelmente quente, mas o Planeta Quatro ficava a dois milhões seiscentos e setenta quilômetros dele quando no afélio, e se aproximava notavelmente quando no outro extremo de sua excêntrica órbita; a velha e boa elipse Kepleriana tomara aspecto de cruel punição nesse Sistema. O Planeta Quatro lembrava-me, de certa maneira, Marte — exceto que em Marte, é claro, nunca houvera nenhum ser que vivesse o bastante para se desenvolver — ao passo que este planeta, obviamente, tivera uma florescente civilização na época em que o pitecântropo era o ser mais nobre da Terra.

De qualquer modo, assim que resolvemos o problema de ficar ou prosseguir viagem até o planeta seguinte, assinalado em nossa carta de navegação, pusemo-nos a trabalhar. Sabíamos que tínhamos apenas uma semana. Mattern jamais nos concederia uma dilatação de prazo, a menos que lhe apresentássemos algo bastante bom para fazê-lo mudar de ideia, o que era improvável, e queríamos fazer o máximo possível em uma semana. Com o céu cheio de mundos como o é, aquele planeta jamais seria novamente visitado por cientistas terrestres.

Mattern e seus homens sabiam que seu dever era auxiliar-nos, mas o fizeram o mínimo possível e relutantemente. Dirigimo-nos aos três pequenos veículos que havia na nave e verificamos se estavam funcionando bem. Pusemos neles nossos instrumentos, picaretas, pás, escovas, pusemos as máscaras de oxigênio e os homens de Mattern nos ajudaram a retirar os tratores da nave e a colocá-los na direção certa.

Depois, afastaram-se e ficaram a espera de que saíssemos.

— Nenhum de vocês quer nos acompanhar? — perguntou Leopold.

Em cada trator havia lugar para dois homens.

Mattern fez que não com a cabeça: — Vá você com seus companheiros e comuniquem-se conosco se encontrarem algo.

Poderemos utilizar melhor o tempo, do que ficar pegando e catalogando velharias.

Ví que Leopold estava começando a zangar-se.

Mattern mostrava-se abertamente desdenhoso; afinal, ele e seus homens poderiam pesquisar para ver se havia alguma matéria fissionável ou fusível! Mas Leopold engoliu a raiva.

— Está bem — disse. — Façam-no. Se encontrarmos por aí algum veio de plutônio, passarei um rádio.

— Claro! — riu Mattern. — Grato pelo favor! Faça-me saber se encontrar uma mina de latão, também! — riu grosseiramente. — Plutônio! Quase cheguei a pensar que você era um homem sério.

\*

Havíamos feito um levantamento da área e dividimo-nos em três unidades. Leopold, sozinho, dirigia-se para Oeste, em direção do leito seco de um rio que víamos ao chegar. Esperava encontrar depósitos aluviais, creio.

Marshal e Webster, partilhando um veículo, dirigiram-se para uma região montanhosa a Sudoeste do ponto em que a nave pousara. Parecia haver uma grande cidade soterrada por ali. Gerhardt e eu, no terceiro veículo, dirigimo-nos para o Norte, onde esperávamos encontrar remanescentes de outra cidade. Fazia um dia gelado, ventava. A areia que cobria aquele planeta elevava-se em pequenas dunas à nossa frente, e o vento levantava-a em lufadas, fazendo-a bater contra a cúpula de plástico que cobria nosso veículo. Além do barulho das esteiras de aço do nosso trator, ouvia-se um forte ranger metálico vindo da areia, que não era perturbada há milênios.

Nenhum de nós falou durante algum tempo. Depois, Gerhardt disse: — Espero que a nave ainda esteja aí quando voltarmos à base...

De cenho franzido, voltei-me para ele, enquanto dirigia o veículo. Gerhardt sempre fora um enigma: um garoto tímido com u'a mecha de cabelos sempre caída na testa, olhos sempre um tanto cerrados. Diplomara-se pela Universidade de Kansas e passara algum tempo na equipe de campo, com distinção, segundo diziam suas referências.

Respondi: — Que diabo está querendo dizer?

— Não confio em Mattern. Ele nos odeia.

— Não odeia. Mattern não é mau... é apenas um homem que quer cumprir sua obrigação e voltar para casa. Mas, que quis dizer com isso da nave não estar lá!

— Ele poderá partir sem nós. Você viu como nos deixou vir para o deserto e manteve seus homens lá. Repito: vão deixar-nos aqui.

— Não seja paranoico! — berrei. — Mattern não faria uma coisa dessas!

— Pode achar que morremos na expedição — insistiu Gerhardt. — Que outra coisa faria senão ir-se?

O trator subia nesse momento uma corcova do deserto. Tive a impressão de ver um vulto esgueirar-se, mas logo reagi. A vida deixara aquele mundo há muitos anos.

Disse: — Mattern não se importa muito conosco, claro. Mas iria embora largando três ótimos tratores aqui? Jamais faria isso.

Era um bom ponto de vista. Gerhardt grunhiu um assentimento depois de algum tempo. Mattern jamais deixaria equipamentos perdidos, se bem que não teria os mesmos escrúpulos com cinco arqueólogos.

Rodamos silenciosamente durante algum tempo. Até então, tínhamos percorrido trinta e dois quilômetros em cima daquela terra estéril. Segundo pude observar, teria sido melhor ficarmos no lugar em que a nave pousara. Afinal, ali tínhamos, pelo menos, ruínas de construções.

Mas depois de mais uns dezesseis quilômetros encontramos nossa cidade. Parecia ter forma linear, não mais do que oitocentos metros de largura. e estendia-se até onde se podia enxergar — talvez uns novecentos ou mil quilômetros. Se tivéssemos tempo, gostaria de verificar sua dimensão do ar.

Claro que não se tratava bem de uma cidade. A areia cobrira tudo completamente, mas podiam-se ver ruínas surgindo aqui e ali, exibindo pedaços de estruturas de concreto e metal reforçado. Saímos do veículo e empunhamos a pá elétrica.

Uma hora depois estávamos empapados de suor sob os pesados traje espaciais e tínhamos conseguido transferir poucas centenas de metros cúbicos de areia para conseguir uma área de alguns metros de profundidade. Tínhamos feito um grande buraco.

E nada havíamos encontrado.

Nada. Nenhum artefato, nenhum crânio, nenhum dente amarelado. Nenhuma colher, nenhuma faca, nenhum chocalho de criança.

Nada.

As fundações de alguns dos edifícios haviam endurecido por terem permanecido sepultadas milhões de anos sob a areia, vento e chuva. Mas nada daquela civilização sobrevivera. Mattern, em sua teimosia, tinha razão, admiti, relutantemente: aquele planeta era tão inútil para nós quanto para eles. Aquelas ruínas podiam dizer-nos, apenas, que houvera uma civilização ali. Um paleontólogo imaginativo podia

reconstruir um dinossauro a partir de um pedaço de fêmur, podia conseguir um apresentável sáurio com apenas um pedaço fossilizado a ajudá-lo. Mas poderíamos nós extrapolar uma cultura, um código de leis, tecnologia, partindo de fundações em ruínas?

Absolutamente, não.

Sáimos dali e andamos mais um quilômetro e meio, com a esperança de encontrar algum tangível remanescente da civilização que existira. Mas foi tempo perdido. Tudo desaparecera.

"Imensidões nuas, solitárias planícies de areias estendendo-se ao longe" — resmunguei.

Gerhardt parou de cavar:

— Ei, que há? — perguntou.

— Sheley — respondi.

— Oh, ele..

Voltou a cavar.

\*

Mais tarde, afinal decidimos parar e voltar para a base. Permanecêramos no campo umas sete horas e nada tínhamos para mostrar, a não ser alguns centímetros de filme das ruínas.

O sol começava a declinar; o Planeta Quatro tinha dias de trinta e cinco horas e este estava começando a terminar. O céu, sempre sombrio, estava escurecendo, agora. Não havia lua. O Planeta Quatro não tinha satélite. Parecia tristemente abandonado. O Três e o Cinco daquele Sistema tinham quatro luas cada um, enquanto que o maciço gigante de gás, que era o Oito, tinha ao seu redor trinta luazinhas.

Subimos no trator e começamos a voltar, tomando uma rota alternada, cinco quilômetros a oeste da que tínhamos percorrido na ida, para ver se encontrávamos alguma coisa. Mas era uma esperança muito vaga, pensei.

Dez quilômetros de marcha e o rádio começou a chamar. A seca, rabugenta voz de Leopold chegou até nós.

— Chamando tratores Dois e Três. Dois e Três, estão ouvindo? Venham para cá, Dois e Três.

Gerhardt estava dirigindo. Inclinei-me sobre seus joelhos a fim de virar a chave para responder e disse: — Anderson e Gerhardt no Três, senhor. Estamos ouvindo.

Pouco depois, um tanto apagado, chegou o som do trator Dois, entrando na cadeia, e ouvi Marshal dizer: — Marshal e Webster no Dois, Dr. Leopold. Algo errado?

— Encontrei algo — disse Leopold.

Do modo pelo qual Marshal exclamou — Verdade? — compreendi que o trator Dois não tivera melhor sorte do que o nosso. Disse: — Isso nos consola um pouco...

— Não teve sorte, Anderson?

— Nem um pouco. Nem um caco de louça.

— E você, Marshal ?

— Nada. Sinais em ruínas de uma cidade, mas nada de valor arqueológico, senhor.

Ouvi Leopold rir antes de dizer: — Bem.. Eu encontrei algo. É um tanto pesado para manejá-lo sozinho. Quero que venham para dar uma olhada.

— Que é, senhor? — perguntamos, simultaneamente, Marshal e eu, com as mesmas palavras.

Mas Leopold decidira bancar o Homem Misterioso. Respondeu: — Verão quando chegarem aqui. Tomem minhas coordenadas e mexam-se. Quero voltar à base ainda esta noite.

Ansiosos, mudamos o curso para a direção de Leopold. Estava a cerca de vinte e sete quilômetros a Sudoeste de nós. Marshal e Webster tinham um longo caminho igual ao nosso a percorrer; estavam a Sudeste da posição de Leopold.

O céu já estava bastante escuro quando chegamos ao local em que Leopold computara suas coordenadas. Os faróis dos tratores iluminavam o deserto quase que um quilômetro e meio adiante e, a princípio, não havia sinal de ninguém, nem de coisa alguma. Então, divisei o trator de Leopold parado a Este e Gerhardt viu as luzes do trator Três, vindo do Sul, em nossa direção.

Chegamos perto de Leopold ao mesmo tempo. Não estava só. Havia um.. objeto... com ele

— Boas-vindas, senhores! — havia uma expressão travessa em seu rosto marcado. — Parece que fiz uma descoberta.

Afastou-se um pouco e, como se abrisse uma imaginária cortina, deixou-nos ver o que encontrara. Fiquei entre a surpresa e o atordoamento. De pé na areia, por trás do trator de Leopold, estava algo que se parecia muito com um robô.

Era alto, dois metros, mais ou menos, e vagamente humanoide, isto é, seus braços eram extensões do ombro, havia uma cabeça sobre esses ombros e o corpo tinha pernas. A cabeça era uma chapa receptora onde havia olhos, orelhas e boca, que queriam parecer humanas. Não havia outras aberturas. O corpo do robô era maciço e quadrado, os ombros inclinados e a pele de escuro metal estava desgastada e corroída pelo trabalho dos elementos durante incontáveis séculos.

Estava enterrado até os joelhos na areia. Leopold, sempre sorrindo gaiatamente (com um compreensível orgulho pela descoberta) disse: — Diga-lhes algo, robô.

Da boca-receptora saiu um som metálico, o ranger de... — o quê? — de engrenagens e a voz saiu um tanto rouca, porém audível. As palavras eram-nos desconhecidas e pronunciadas num suave cantar, com certas inflexões. Senti um arrepio percorrer-me a espinha.

— Ele entende o que dizemos? — perguntou Gerhardt.

— Acho que sim — respondeu Leopold. — Agora não, mas quando me dirijo a ele diretamente, começa a falar. Acho que é uma espécie de... bem, de guia das ruínas, por assim dizer. Deve ter sido construído pelos antigos para dar informações aos visitantes. Somente ele parece ter sobrevivido aos antigos e seus monumentos.

Refleti sobre aquilo. Parecia. incrivelmente velho e forte; era tão maciçamente sólido que parecia, sem dúvida, ter sobrevivido a qualquer outro vestígio de civilização em seu planeta Parara de falar, então, e ficara simplesmente olhando. De repente, girou lentamente sobre seu eixo, ergueu um braço como que para apontar a paisagem ao redor e começou a falar outra vez.

Pude, dessa vez, compreender algumas das palavras que saíam de sua boca: "... e aqui temos as ruínas do Parthenon, templo principal de Athena, na Acrópole. Terminado no ano de 438 AC, foi parcialmente destruído por uma explosão em 1687 devido o uso de armas com pólvora pelos turcos..."

— Ele parece ser uma espécie de guia — notou Webster. — Tenho a sensação exata de que estamos ouvindo uma narrativa histórica, agora, sobre os monumentos que existiram há muito neste local.

— Se entendêssemos o que ele está dizendo! — exclamou Webster.

— Poderemos tentar decifrar a língua que fala — disse Leopold. — De qualquer modo, trata-se de magnífica descoberta, não? E...

Comecei a rir, de repente. Leopold olhou-me ofendido e disse: — Falei alguma coisa engraçada, Dr. Anderson?

— Ozymandias! — disse eu, quando pude falar. — É claro! Ozymandias!

— Temo não...

— Ouça-o — disse eu. — É como se ele tivesse sido construído e posto aqui para os que viessem depois, para nos contar as glórias da raça que construiu as cidades. Só que as cidades desapareceram e o robô permaneceu. É como se ele quisesse dizer: "Olhai meu trabalho, vós Poderosos, e desesperai!"

— "Nada mais resta..." — continuou Webster. — É fato. Prédios e cidades desapareceram, mas o pobre robô não o sabe e continua a representar inutilmente seu papel.

Sim. Devemos chamá-lo Ozymandias.

Gerhardt perguntou: — Que faremos com ele?

— O senhor não disse que queria levá-lo? — perguntou Webster a Leopold.

— Ele deve pesar uns duzentos e cinquenta ou trezentos quilos. Não se pode mover por vontade própria e não pude erguê-lo...

— Talvez nós cinco... — sugeriu Webster.

— Não — disse Leopold, e um sorriso cruzou-lhe o rosto. — Devemos deixá-lo aqui.

— Quê?

— Temporariamente, apenas — acrescentou ele — Nós o conservaremos como uma surpresa para Mattern. Só o levaremos no último dia, dizendo-o pensar que nada existe neste planeta. Pode escarnecer-nos o quanto queira, mas quando chegar o momento dar-lhe-amos o troco

— Acha que é prudente deixá-lo aqui? — perguntou Gerhardt.

— Ninguém virá mexer com ele — disse Marshal .

— E a chuva não o estragará mais... acrescentou Webster.

— Mas, suponham que ele vá embora? indagou Gerhardt. — Poderá fazê-lo, não?

Leopold respondeu: — Claro. Mas para onde iria? Ficaré onde está, creio. Caso se mova, poderemos reencontrá-lo com o radar. Vamos voltar para a base, está ficando tarde.

Subimos para os tratores. O robô, novamente silencioso, meio enterrado na areia, parecia fitar o céu sombrio, de frente para nós, com um dos braços estendidos, numa espécie de aceno.

— Lembrem-se — avisou Leopold, antes de sairmos — nem uma palavra sequer a Mattern sobre isto!

\*

Nessa noite, na base, o Coronel Mattern e seus sete ajudantes estavam notavelmente curiosos sobre nossas atividades do dia. Tentaram fingir que estavam sinceramente interessados em nosso trabalho, mas era perfeitamente óbvio que estavam nos provocando para nos obrigar a admitir que tinham acertado — que não encontráramos absolutamente nada. Tiveram a resposta que procuraram ouvir, uma vez que Leopold nos proibira de mencionar Ozymandias. A não ser pelo robô, não havíamos mesmo encontrado nada e quando ouviram isso, sorriram com superioridade, como que dizendo que, se os tivéssemos ouvido, estaríamos de volta à Terra sete dias antes, sem perda alguma.

Na manhã seguinte, depois do café, Mattern anunciou que iria mandar uma equipe sair, para ver se encontrava algum material de fissão, a menos que nos opuséssemos.

— Precisamos apenas de um dos tratores disse. — Ficarão dois para vocês. Não se opõem, não é?

— Poderemos nos arranjar com dois — respondeu Leopold, um tanto surdamente. — Desde que se mantenham fora do nosso território.

— Qual é ele?

Em vez de explicar, Leopold disse, simplesmente: — Examinamos cuidadosamente a área a Sudoeste daqui e nada encontramos digno de nota. Nada terei contra se você e seu equipamento se instalarem nessa região, Mattern concordou, olhando de modo curioso para Leopold, como se a óbvia proibição de que ocupasse nossa área de trabalho lhe tivesse despertado suspeitas. Imaginei até onde funcionaria aquela limitação de campo para Mattern. Bem, Leopold queria fazer uma brincadeira, pensei, e um dos modos de impedir Mattern de ver Ozymandias era não lhe dizer onde estávamos trabalhando.

— Pensei que tivesse dito que este planeta era inútil para seu ponto de vista, Coronel... — comentei.

Mattern encarou-me: — E tenho certeza disso. Mas seria idiota de minha parte não dar uma olhada, já que vamos ficar aqui durante algum tempo.

Tive de concordar em que ele tinha razão.

— O senhor espera encontrar alguma coisa?

Ele riu: — Não material fissionável, certamente. Está fora de dúvida que, se houve algo de radioativo neste planeta, já se decompôs há muito. Mas sempre há a possibilidade de existência de lítio, como sabe.

— Ou de trítio — acrescentou Leopold, acidamente.

Mattern simplesmente sorriu, não respondeu.

Meia hora depois estávamos a caminho, rumo ao oeste do local em que deixáramos Ozymandias. Gerhardt, Webster e eu íamos juntos num trator; Leopold e Marshal ocupavam o outro. O terceiro, com os dois homens de Mattern e equipamento de pesquisa, dirigiu-se para Sudoeste, região que Marshal e Webster tinham examinado infrutiferamente no dia anterior.

Ozymandias estava onde o tínhamos deixado, com o sol começando a erguer-se por trás dele, brilhando em sua estrutura. Imaginei a quantos nascer do sol ele teria assistido. Bilhões, talvez.

Paramos os tratores perto do robô e nos aproximamos. Webster filmou-o na brilhante luz da manhã. O vento começara a soprar do Norte, levantando pequenas nuvens de areia.

— Ozymandias ficou aqui — disse o robô, quando chegamos perto.

Em inglês.

Por alguns momentos, não compreendemos o que estava acontecendo e o que se passou em seguida foi um golpe que nos aturdiu. Enquanto nos entreolhávamos, confusos, o robô disse: — Ozymandias decifrou um pouco da língua, de certo modo. Parece ser uma espécie de guia...

— Por quê?... Ele está repetindo fragmentos da nossa conversa de ontem! — disse Marshal.

— Não acho que esteja repetindo — disse eu. — As palavras formam sentido. Ele está falando conosco!

— Construído pelos antigos para dar informações aos visitantes — disse Ozymandias.

— Ozymandias! — indagou Leopold: — Você fala inglês?

A resposta foi um ruído surdo seguido destas palavras: — Ozymandias entende. Não tem ainda palavras bastante. Falem mais.

Nós cinco estávamos trêmulos de excitação. Agora era compreensível o que acontecera e o fato nada tinha de incrível. Ozymandias ouvira pacientemente tudo o que disséramos na noite anterior. Depois que nos fomos, aplicara seu cérebro milhões de anos velho em resolver o problema de organizar com sentido os sons que produzíamos e algo acontecera. Agora, tratava-se apenas de fornecer vocabulário à criatura e deixá-la assimilar novas palavras. Estávamos revivendo a época da Pedra da Roseta!

Duas horas passaram-se tão rapidamente que nem sequer o notamos. Jorrávamos palavras para Ozymandias o mais depressa que podíamos, definindo-as quando possível, a fim de ajudá-lo a relacioná-las com as outras já gravadas em sua mente.

Depois desse tempo, ele pôde manter apreciável conversa conosco. Libertou suas pernas da areia que as tinham mantido presas durante séculos e, desempenhando a função para que fora construído milênios atrás, guiou-nos através da civilização que existira e que o construíra.

Ozymandias era um fabuloso repositório histórico de datas arqueológicas.

Seu povo, disse-nos, denominava-se Taiquenos (ou algo semelhante), tinha existido e prosperado durante trezentos mil anos locais e nos dias do declínio de sua história haviam-no construído: um guia indestrutível para indestrutíveis cidades. Mas as cidades haviam desaparecido e Ozymandias permanecera, sozinho, guardando a memória do que havia sido.

— Esta cidade chamava-se Durab. Em seus bons dias contava com oito milhões de habitantes. Onde estou agora era o Templo de Decamon, que tinha a altura de cento e oitenta e três metros, na medida de vocês. Ficava em frente da Rua dos Ventos.

"A décima-primeira Dinastia começara com a ascensão de Chonnigar IV à Presidência, no ano 18.000 da cidade. Reinava essa Dinastia, que os planetas vizinhos tinham aceito em primeiro lugar.

"A Biblioteca de Durab ficava aqui, nesta elevação. Abrigava quarenta milhões de volumes. Muito tempo depois de seus construtores terem desaparecido passei dias lendo esses livros e memorizei-os...

"A Praga destruiu tudo em novecentos dias a mais do que um ano, naquela época... "

Ozymandias foi se transformando num ciclópico jornal, a medida que absorvia nossos comentários e adicionava palavras novas ao seu vocabulário. Seguíamos o robô em seu caminho pelo deserto, com nossos gravadores registrando cada palavra, nossas mentes entontecidas e maravilhadas pela magnitude de nossa descoberta. Naquele único robô parecia estar guardada a totalidade de uma cultura que fora construída durante trezentos mil anos! Poderíamos ficar ouvindo Ozymandias pelo resto de nossas vidas e não alcançar a última data existente em seu cérebro!

Quando, afinal, tomamos o caminho de volta e deixamos Ozymandias no deserto, estávamos explodindo. Nunca na história da nossa ciência fora encontrada tal maravilha: um relatório tão completo e acessível.

Achávamos que devíamos revelar nosso achado a Mattern, mas — como crianças na posse de um brinquedo de enorme valor — julgamos melhor esconder nosso segredo.

Se bem que nada disséssemos, nossos modos superexcitados certamente demonstraram a Mattern que não tínhamos tido um dia tão infrutífero como dissemos.

Isso, mais a recusa de Leopold em dizer exatamente onde estivéramos trabalhando durante o dia, deve ter despertado suspeitas em Mattern. De qualquer modo, à noite, quando estávamos deitados, ouvimos ruído de tratores se afastando pelo deserto; na manhã seguinte, quando entramos na sala de refeições para tomar o café da manhã, Mattern e seus homens, barbudos e sujos, voltaram-se para nos encarar, com peculiar brilho de vingança nos olhos.

Mattern exclamou: — Bom dia, senhores! Estivemos esperando bastante tempo até que se levantassem!

— Não é mais tarde do que de costume, é?

— Não. Mas meus homens e eu estivemos acordados a noite toda.. Nós... hum... fizemos um pouco de pesquisa arqueológica enquanto vocês dormiam — o Coronel inclinou-se para a frente, alisando a gola amarrotada da túnica, e continuou: — Dr. Leopold, por que o senhor resolveu esconder-me o fato de ter encontrado um objeto de enorme importância estratégica?

— Que quer dizer? — indagou Leopold, com leve tremor que lhe tirou a autoridade da voz.

— Estou falando — respondeu Mattern, calmamente — do robô chamado Ozymandias. Por que resolveu nada dizer-me a respeito?

— Tinha intenção de lhe dizer antes da partida — respondeu Leopold.

Mattern sorriu: — Pode ser. Mas escondeu sua descoberta. Acontece que seus modos, ontem à noite, levaram-nos a investigar a área... e assim que os detetores indicaram a existência de um objeto de metal alguns quilômetros a Oeste, tomamos esse caminho. Ozymandias ficou muito surpreso ao saber que há outros terrestres aqui...

Houve um momento de pesado silêncio. Então, Leopold disse: — Eu devia ter-lhe dito para não mexer com esse robô, Coronel Mattern. Peço-lhe desculpas por não ter falado antes: não pensei que estivesse interessado em nosso trabalho. Mas, agora, insisto em que se mantenha longe dele

— Oh! — disse Mattern, ironicamente — Por quê?

— Porque é uma descoberta valiosíssima para a arqueologia. Não posso explicar o quanto vale para nós. Seus homens poderão fazer alguma experiência com ele e provocar um curto-circuito que interrompa a cadeia de lembranças ou algo semelhante. Quero usar dos direitos do grupo arqueológico desta expedição. Declaro Ozymandias parte da nossa preservação e completamente fora dos direitos dos senhores.

À voz de Mattern tornou-se repentinamente áspera: — Sinto muito, Dr. Leopold. Já não pode usar dessas prerrogativas.

— Por que não?

— Porque Ozymandias pertence à nossa preservação. Está fora dos direitos do senhor, doutor!

Pensei que Leopold fosse ter um ataque apoplético na sala de refeições. Ficou rígido, tornou-se branco e saltou, selvagemmente, atravessando a sala em direção de Mattern. Fez uma pergunta que não consegui ouvir.

Mattern respondeu: — Segurança, doutor. Ozymandias é para uso militar. De modo que o trouxemos para a nave e o pusemos no quarto selado, sob nosso controle. Com o poder a mim delegado em caso de emergência, declaro esta expedição terminada. Voltaremos para a Terra com Ozymandias.

Leopold pareceu vacilar. Fitou-nos, à procura de apoio, mas nada dissemos. Afinal, incrédulo, começou a falar:

— Ele... ele é de uso militar?

— Claro. É guardião da história dos Taiquenos e de suas armas. Poderemos aprender com ele coisas de inestimável importância para nossos propósitos. Por que acha que não existe vida neste planeta, Dr. Leopold? Por que não há sequer uma folha de grama? Um milhão de anos não pode fazer isso. Mas uma superbomba pode. Os Taiquenos desenvolveram essa arma. E outras, também. Armas que podem deixar seu cabelo em pé! E Ozymandias conhece todos os detalhes sobre elas. Acha que iremos perder tempo deixando seu pessoal doido ficar com esse robô, quando ele tem informações militares que podem tornar a América inteiramente inatingível? Sinto, doutor. Ozymandias é descoberta sua, mas pertence a nós. E vamos levá-lo para a Terra.

A sala ficou em silêncio. Leopold olhou para , mim, para Webster, para Marshal e para Gerhardt. Nada havia que pudesse ser dito.

Aquela era uma missão basicamente militarista. Claro, alguns arqueólogos poderiam estar nela, mas, fundamentalmente, era Mattern o homem importante, e não Leopold. Estávamos ali, mas estávamos fora do plano de aumentar o conhecimento geral quanto a novas armas e novas fontes de material estratégico para possível uso contra o Outro Hemisfério.

E novas armas tinham sido encontradas. Novas, jamais sonhadas armas, produtos da ciência que amadurecera durante trezentos mil anos. Tudo se encontrava sob a pele imperecível de Ozymandias.

Com voz cansada, Leopold disse: — Muito bem, Coronel... Creio que não posso impedir...

Voltou-se e saiu, sem ter tocado sequer no alimento. Repentinamente, transformara-se num homem alquebrado, vencido, muito velho.

Senti-me mal.

Mattern insistira em que o planeta era inútil e que ficar ali seria tempo perdido; Leopold discordara, usara de suas prerrogativas. Havíamos encontrado algo de enorme valor.

Tínhamos encontrado uma máquina que podia nos fornecer várias receitas para uma nova morte devastadora. Tínhamos em nossas mãos o sumo e a essência da ciência Taiquena — a ciência que culminara com armas magnificentes, tão soberbas que tinham acabado por destruir inteiramente a vida naquele planeta! Agora tínhamos acesso a essas armas. Mortos por suas próprias mãos, os Taiquenos haviam-nos deixado de herança a morte.

Pálido, levantei-me da mesa e dirigi-me para minha cabina. Não sentia fome.

— Partiremos dentro de uma hora — disse Mattern, antes que eu saísse. — Ponha suas coisas em ordem.

Mal o escutei. Estava pensando na parte da morte que nos cabia, no robô tão desejoso de passá-la adiante, depois de tantos anos. Estava pensando no que aconteceria quando nossos cientistas, lá na Terra, começassem a aprender com Ozymandias.

O trabalho dos Taiquenos agora era nosso. Pensei nos versos do poeta: "Olhai meu trabalho, vós, Poderosos. E desesperai".

## Certeza

*Os seres estranhos com os quais o Coronel Devall lidou em "O Polegar do Soberano" eram pessoas relativamente primitivas, vivendo ainda entre rituais e tabus como espécie de cultura, muitos dos quais semelhantes aos que existiam na Terra. Mas uma outra possibilidade a ser explorada é que nosso homens nas estrelas possam encontrar seres estranhos de maior complexidade, estranhos, com terríficos poderes de persuasão ...*

O Coronel Dean Wharton pegou o sólido firmemente entre o polegar e o indicador, pondo-se a olhar através de suas brilhantes lentes de profundidade. Seu rosto começou a colorir-se vagarosamente de vermelho. O sólido mostrou uma nave, de linhas inconfundivelmente estrangeiras, descendo, em órbita de aterrissagem, em direção do planeta desabitado, conhecido nas cartas espaciais como Bartlett V. O Bartlett V era um posto avançado de observação terrestre. Uma nave estrangeira descer nele era infração contra a soberania terrestre. O Coronel Wharton fez uma carranca.

Voltando-se para o pálido, intrigado rosto do Tenente Crosley, Wharton disse: — Há quanto tempo este filme foi tomado?

— Há uma hora, senhor. Mas o senhor estava no Sono-Profundo e pensamos que...

— Não! Você não devem pensar... — disse Wharton, acidamente — Está bem. Conte o resto da história.

Crosley continuou: — Nós nos comunicamos com eles pela corrente-vaga, através da Terra, da Galática Geral, de Dormirani, de Leesor e de Fawd. Enviamos a mesma mensagem em cada uma das línguas, dizendo que este é um posto avançado da Terra, que não podem descer aqui sem permissão superior, que deveriam retirar-se imediatamente. Entretanto, completaram a aterrissagem. Calculamos sua posição em cento e noventa e três quilômetros a Noroeste daqui, no Platô Creston.

— Obteve alguma resposta?

— Poucos minutos depois. Veio no que Breckenridge diz ser dialeto fawdês. Disseram, de fato, que, por um lado, não reconheciam a soberania terrestre sobre este planeta; por outro, afirmam que vieram fazer algumas observações científicas e que ficarão durante uma semana ou duas, até terminarem os estudos.

— Que responderam a isso? — perguntou Wharton.

Crosley meneou a cabeça:

— Nada, senhor. Soube que o senhor vinha voltando do Sono-Profundo e, então...

— ... então, passou o problema para mim! Muito bem, Tenente. Em seu lugar, eu teria feito a mesma coisa. Mande Breckenridge vir aqui.

— Sim, senhor.

O Tenente Crosley fez rápida continência e saiu. Ao ficar só, Wharton sacudiu a enorme e cabeluda cabeça tristemente. Eis que aparecia uma ameaça depois de um século de absoluta paz galática. Jovens como Crosley não percebiam como uma guerra podia acontecer. E um punhado de estrangeiros achava que era possível invadir um planeta que era um posto avançado da Terra sem consequências, a seu bel-prazer. Wharton suspirou, sentindo a idade, admitindo a si mesmo que esperara servir até o fim dos poucos anos que lhe restavam sem incidentes. Estava chegando ao marco dos cento e vinte e cinco anos; a retirada do mandato chegaria aos cento e trinta anos. E, agora, só com meia hora de Sono-Profundo por dia é que se sentia em ordem. Bem, ia haver um incidente, agora, quer ele o quisesse ou não. O Coronel Wharton sacudiu os ombros.

O Capitão Breckenridge entrou na sala. a técnico em língua era baixo e forte, com feições marcadas,

irregulares e hirsutos cabelos vermelhos.

— Senhor?

— Breckenridge, disse que dessa nave estrangeira falaram em fawdês?

— Em dialeto fawdês, senhor.

— Ia chegar aí, depois. De onde veio essa nave? A Confederação Fawdesa sabe muito bem que é proibido descer numa propriedade terrestre. A menos que Fawd queira provocar guerra...

— Não são fawdeses, senhor — respondeu Breckenridge. — Simplesmente, falam dialeto fawdês. Vários povos do Setor Fawdês falam-no sem pertencer à Confederação.

— O que diz é óbvio... — disse Wharton, irritado. — Quero saber de onde veio a nave.

— O máximo que lhe posso dar são simples conjecturas.

— E então?

— Deve ter vindo de uma região ao extremo oeste do Setor Fawdês, quanto à língua, o que também pode ser deduzido pela direção de onde chegou. Naquela parte há três raças que falam o fawdês: os cyross, os halivanu e os dortmuni — Breckenridge enumerou-as nos dedos. — Os cyross são um povo tecnológico, e não mandam suas naves para cá há séculos. Os dortmuni são de resistência passiva, não são beligerantes. Eles não procurariam encrencas. Restam os halivanu como responsáveis pela vinda dessa nave. O senhor conhece, é claro, as lendas que se contam sobre os halivanu...

— Apenas lendas. É o que são.

— Muito bem documentadas. Podem provar que...

— Não podem provar nada, Breckenridge, ouviu? Nada foi provado sobre os halivanu — Wharton ergueu-se, agarrando-se à beirada da mesa quando percebeu que suas pernas estavam trêmulas; para reforçar o que dissera, continuou: — Não estou interessado em ouvir histórias dos estranhos poderes que os halivanu pensam que têm.

Estou, apenas, interessado em expulsá-los deste planeta e pretendo fazê-lo o mais depressa possível! Venha à Sala de Comunicações comigo. Vou mandar esses halivanu embora imediatamente!

Havia toda espécie de lendas sobre os halivanu, admitiu Wharton, relutantemente para si mesmo, enquanto ele e Breckenridge atravessavam o pátio e entravam na Sala de Comunicações. Homens do espaço que se tinham aventurado no Setor Fawdês haviam voltado contando coisas sobre vampiros mentais, que podiam secar o cérebro de um homem e outras histórias similares. Mas nada fora provado. Os halivanu eram humanoides introvertidos, que pouco tinham a ver com o restante do Universo, fechando-se em si mesmos e não encorajando contatos com outras raças. Assusta-doras lendas corriam sobre os reclusos, pensou Wharton. Procurou afastar as considerações. Seu dever era proteger a integridade dos limites do globo terrestre, limites que esses halivanu — se é que eram halivanu — haviam transigido claramente.

— Ponham-nos em contato com a nave — ordenou Wharton.

O operador Marshal obedeceu e começou a girar diais. Depois de momentos, ergueu a cabeça e disse: — Não creio que entendam, senhor.

— Está bem. Não se preocupe: basta que ouçam. Breckenridge, você é melhor nesse negócio de dialetos do que eu. Pegue o microfone e diga-lhes que ultrapassaram os limites terrestres e que têm, exatamente... ah, dê-lhes três horas... três horas para se retirarem daqui. De outro modo, seremos obrigados a considerar essa aterrissagem como desafio à guerra.

Acenando que sim, Breckenridge começou a falar. Wharton descobriu que podia entender a maior parte do que era dito; conhecia a língua fawdesa básica, é claro, uma vez que era uma das cinco grandes raças das línguas da galáxia. A língua dos halivanu diferenciava-se da fawdesa somente por certa ampliação das vogais, menores simplificações gramaticais e inevitáveis substituições.

Houve um silêncio prolongado depois que Breckenridge terminou.

— Repita — disse Wharton.

Breckenridge repetiu o ultimato. Novamente o silêncio foi a única resposta. Dessa vez esperaram dois minutos; irritado, Wharton estava por ordenar uma repetição, quando o receptor zumbiu e emitiu, num tom seco, rascante, a palavra: — Eritomor.

Era o correspondente fawdês de "terrestres".

Um momento depois soaram palavras fawdesas, ditas vagarosa e cuidadosamente.

O rosto de Wharton ia-se tornando duro à medida que ouvia. O interlocutor halivanu estava explicando polidamente que enquanto o Mundo Livre de Halivanu não reconhecesse a reivindicação terrestre sobre aquele mundo desabitado, não havia razão para que a nave halivanu saísse dali. No entanto, os halivanu não pretendiam reclamar o planeta para si, mas simplesmente pretendiam realizar certas observações solares durante o período de nove ou dez dias Padrão-Galático, depois dos quais estariam prontos para partir.

No final da declaração, Breckenridge disse: — Declaram não reconhecer nosso direito e...

Wharton fê-lo calar-se com um gesto impaciente: — Entendi a Mensagem, Capitão — pegou o microfone e disse, em alto fawdês: — Aqui fala o Coronel Dean Wharton. Se quiserem fazer observações solares aqui, têm de solicitar permissão através das cadeias diplomáticas regulares. Não estou autorizado a permitir nenhuma aterrissagem. Portanto, tenho de exigir que...

Foi interrompido pela voz do alto-falante:

— Eritomor! Vör held d'chayku kon derinilak...

Era o mesmo discurso que o locutor halivanu fizera antes, repetido no mesmo lento e incolor tom, como se tivesse falando com ingênua criança. Aborrecido, Wharton esperou que o halivanu terminasse e tentou falar novamente. Mas pôde apenas dizer algumas palavras, pois o discurso começou pela terceira vez.

— É uma gravação — murmurou Marshal . Uniram o fim com o princípio, de modo que se repita indefinidamente.

— Deixe ligado, por enquanto.

Deixaram. Depois da décima repetição sucessiva, Wharton ordenou ao operador que interrompesse a comunicação. Nada fora conseguido pelos ultimatoss através do rádio, era claro. Os halivanu, simplesmente, não queriam ouvir. A única coisa a fazer era enviar um emissário à nave estrangeira, a fim de explicar os fatos pessoalmente.

E se isso não desse resultado...

Outros passos precisariam ser dados.

— Faça funcionar o Alerta Vermelho — ordenou Wharton. — É melhor deixarmos o local preparado para uma batalha. Só em último caso acrescentou. — Só em último caso...

\*

Os trinta e sete homens do posto avançado Bartlett V ocuparam os lugares de combate com visível despreocupação. Para a maior parte deles uma invasão estrangeira — principalmente de uma só nave — era sem dúvida ótima diversão para homens que estavam servindo ao exército há três anos, num planeta deserto, a milhares de anos-luz do lar. A quebra da rotina de observação e envio de relatórios foi mais do que bem recebida. O Coronel Wharton, porém, não participava dessa alegria. Era bastante velho para lembrar de como era uma guerra — uma vez que em 2716 fora chamado para participar ativamente no conflito Terra-Dormirani, terminado há cem anos. Desde então não houvera outra guerra na galáxia. E como ali no posto não havia homens com mais de noventa anos, nenhum deles tinha exata ideia do que era uma guerra galáctica. Naves sacudindo-se loucamente no Espaço, como peixes fisga-dos, continentes inteiros arrasados em uma só ofensiva, uma geração inteira de rapazes priticamente destinada a... Não. Decididamente nada havia de bonito em uma guerra, vista de qualquer ângulo que fosse! Mas talvez um século de paz tivesse despertado a complacência galáctica. Certamente nenhuma nave estrangeira pensara

em fazer uma aterrissagem como aquela nos últimos cem anos, pensou Wharton. E que se poderia pensar de alguém que se atrevia a replicar um ultimato do comando oficial da Terra?

O pior daquela situação residia no fato da responsabilidade ser inteiramente sua. A mais rápida mensagem de sub-rádio à Terra levaria um mês para chegar e mais um mês para obter-se resposta. Se fosse esperar, a integridade territorial da Terra poderia ser violada mais uma dúzia de vezes. Portanto, o problema estava nas mãos do Coronel Wharton. Se os halivanu insistissem em ficar, teria de escolher entre expulsá-los do planeta — e, provavelmente, provocar uma guerra — ou deixá-los ficar, o que seria um convite para todo o Universo ultrapassar os limites da Terra. Não era escolha agradável, mas ali não havia ninguém a quem pudesse pedir conselhos, exceto homens de seu próprio nível em outros mundos, em postos avançados, e seria sem nexos pedir-lhes ajuda. Tinha de tomar suas próprias decisões.

Breckenridge ficou a seu lado enquanto ele permanecia de pé, observando a transformação do posto avançado em um forte. O posto era amplamente armado e Wharton mantinha uma regular artilharia em treino constante. No entanto, jamais imaginara que teria de ordenar um Alerta Vermelho naquele mundo que nada, ou quase nada, tinha de estratégico.

— Senhor...

— Que é, Breckenridge?

— Quero ser voluntário para ir falar com os halivanu, senhor. Acho que sou o homem mais indicado para falar com eles. Wharton assentiu. Breckenridge é quem escolhera, porém estava fazendo mais do que se apresentar como voluntário.

— Aceito, Capitão. Ordene a Smithson que o leve num jato. Devem ir já.

— Alguma instrução especial?

— Repita nosso ultimato a eles, para começar. Deixe bem claro que os atacaremos imediatamente se não saírem daqui dentro de algumas horas. Deixe bem claro que nada podemos fazer, pois é nosso dever destruir qualquer nave estrangeira que desça aqui sem autorização e que toda responsabilidade de uma possível guerra será deles.

— Assim farei, senhor.

— Bom. Não ordene, não ameace... apenas convença-os de que suas mãos estão atadas. Faça-os ver que estão numa encrenca. Diabo, não quero atacá-los, mas o farei, se for preciso... e será preciso se eles permanecerem aqui. Diga-lhes que poderão fazer as observações que bem entenderem, só que devem obter permissão através dos canais competentes!

Breckenridge assentiu. Havia gotas de suor em seu rosto. Parecia perturbado.

— Não tem de ser voluntário para isto, Capitão — disse Wharton. — Há outros homens que posso mandar...

— É meu dever. Não estou querendo tirar o corpo.

— Está apavorado por causa das histórias loucas que andou ouvindo, Breckenridge. Quase posso entender o que pensa...

— As histórias são... nada mais do que histórias, senhor — disse Breckenridge, estoicamente.

Apenas invencionices. Posso ir agora, senhor?

Wharton sorriu:

— Você é um bom rapaz, Breckenridge! Pode ir.

\*

A jato, seria preciso mais do que uma hora para que Breckenridge chegasse à nave estrangeira. Dando uma meia hora para parlamentação, pensou Wharton, e uma hora, mais ou menos, para o regresso, seriam três horas ao todo. Se Breckenridge obtivesse sucesso, a nave halivanu deveria partir ao mesmo tempo que Breckenridge estivesse voltando para a base. Se, pensou Wharton. Ficou quase meia hora de pé

diante da tela do radar, olhando o ponto brilhante que representava a nave halivanu — a uns 190 quilômetros de distância — e o minúsculo ponto brilhante se dirigindo para o Nordeste, através da tela, era a imagem refletida pelo jato de Breckenridge.

Então, saiu da sala e tentou integrar-se nas atividades de rotina. Mas sua mente não conseguia libertar-se do incidente halivanu. Sentia-se exausto. Não havia nada que desejasse mais do que mergulhar no tanque de Sono-Profundo e deixar os frios fluidos terapêuticos envolver seu corpo.

Wharton obrigou-se a lembrar de que sempre tomara seu Sono-Profundo uma vez por dia. Racionara-o estritamente: uma sessão, e não mais, por dia. O que significava que teria de enfrentar as dificuldades sem fugir.

As sombras da tarde vinham caindo. Bartlett V era um mundo sem luas e com noites escuras. O pequeno sol mergulhava rapidamente no horizonte, derramando uma claridade alaranjada sobre as vazias e estéreis planícies. A tela do radar, agora, mostrava o jato de Breckenridge de volta.

Voltava quatro horas depois de ter saído da base. A tela demonstrava que a nave halivanu continuava sobre o platô, O técnico em idiomas procurou o Coronel imediatamente.

— Então?

Breckenridge sorriu vagamente:

— Tudo arranjado, senhor. Ir-se-ão embora na próxima semana, assim que tiverem completado as observações.

Wharton ergueu-se apressadamente: — Que está dizendo?

— Concordei em que ficassem, senhor.

Wharton sentiu como se tivesse levado uma forte pancada na cabeça. Com voz rigidamente controlada, disse: — Concordou com eles para que ficassem, Breckenridge? Como você é gentil! Mas creio que o mandei lá para que transmitisse um ultimato... não para fazer acordos!

— Claro, senhor. Mas conversei com eles e então concordamos em que seria pouco razoável obrigá-los a ir embora antes de terem terminado suas observações. Eles não querem causar prejuízo algum. Não trouxeram arma nenhuma, senhor.

— Breckenridge, você perdeu a cabeça? perguntou Wharton, zangado.

— Senhor?

— Como pode apresentar-se aqui e falar desse modo comigo? Sua opinião sobre o caso é irrelevante e você o sabe! Saiu daqui para transmitir um ultimato, isso é tudo.

Quero a resposta deles

— Mas já falamos a respeito, senhor! Uma pequena concessão como essa não nos prejudicará!

— Breckenridge, aqueles estranhos lhe fizeram alguma coisa? Está falando como se estivesse doido... Que direito tinha você de...

— O senhor mesmo disse que preferia deixá-los ficar a ter de provocar uma guerra, senhor. Então, como eles insistissem em ficar, segui suas instruções e disse-lhes que estava bem, desde que se fossem assim que...

— Seguiu minhas instruções? — rugiu Wharton e sua mão bateu ameaçadoramente sobre a mesa. — Quando me ouviu dizer tal coisa?

— Bem, logo antes de sair... — disse Breckenridge, inocentemente.

— Agora tenho certeza de que está fora de si! Jamais disse uma palavra sobre aceitar condições deles Disse-lhe, apenas, para dizer-lhes que se não saíssem imediatamente deste planeta eu seria obrigado a destruí-los. Não disse sequer uma sílaba sobre concessões e...

— Sinto ter de contradizê-lo, senhor, mas...

Suspirando, Wharton tocou a campainha para chamar o ordenança. Pouco depois, um homem abriu a porta e o Coronel disse-lhe: — Rogers, leve o Capitão Breckenridge para a enfermaria e diga que deve

ser examinado pelo psiquiatra, cuidadosamente. Mande Smithson aqui.

Smithson entrou alguns minutos depois, parando, com ar desconfiado, junto à porta.

— Diga-me exatamente o que se passou entre o Capitão Breckenridge e os estrangeiros — disse Wharton.

Smithson balançou a cabeça:

— Sinto, Coronel, mas não posso. Não entrei na nave estrangeira. O Capitão Breckenridge mandou-me esperar no jato.

Procurando manter a voz firme, Wharton declarou: — Oh, nesse caso, não me pode ajudar. Pode sair, Smithson.

— Sim, senhor ..

Wharton esperou até que ele fechasse a porta e apoiou a cabeça nas mãos. Seus ombros descaíram cansadamente.

Não dera instrução nenhuma a Breckenridge para parlamentar. O técnico em idiomas voltara e afirmara que ele o fizera. Que poderia fazer com que um homem forte como Breckenridge "estalasse" daquele jeito?

Wharton sacudiu a cabeça. Corriam histórias sobre os halivanu, vagas histórias sobre vagos poderes mentais. Mas isso tudo — Breckenridge mesmo dera o nome certo — não passava de invencionice. Wharton tinha certeza disso. Até então vira muitas lendas se esfumarem como sonhos quando se revelava que nada apresentavam de novo. Os imaginativos homens do espaço sempre atribuíam poderes místicos a povos pouco conhecidos, mas todas as atribuições deviam ser descontadas quase que cem por cento.

Tomando uma inspiração profunda, Wharton apertou a campainha. O ordenança atendeu.

— Mande-me o Tenente Crosley, depressa.

Crosley entrou cinco minutos depois. Agora era quase noite. O Tenente parecia mais pálido e nervoso do que nunca. Era recente produto da Academia, com pouco mais de trinta anos.

Inclinando-se para a frente, Wharton disse: — Estamos com uma complicação, Tenente. Por motivos sérios, estou gravando esta nossa conversa.

— Complicações, senhor?

— Mande Breckenridge à nave estrangeira para transmitir um ultimato, esta tarde.

Mande-o dizer que tinham três horas para deixar o planeta ou abriríamos fogo. Mas, no entanto, ele deu-lhes permissão para ficarem até que terminem suas observações. Voltou dizendo que o fez com minha autorização.

— Eu estava imaginando por que ele foi mandado para exame psiquiátrico...

— Agora já sabe. Não pretendo descobrir por que ele se descontrolou, mas sei que devo mandar outro homem aos halivanu, para cancelar a permissão de Breckenridge e dizer-lhes que devem ir embora.

— Claro, senhor.

Gostaria que você fosse, Crosley, agora mesmo. Leve um dos recrutas com você e faça de modo que vocês dois entrem na nave halivanu. Diga-lhes que o mensageiro anterior não tinha autorização, que você é o mensageiro autorizado e que se eles não tiverem ido embora antes do sol nascer, teremos de obrigá-los a fazê-lo.

Crosley pareceu ficar um pouco mais pálido, porém manteve-se firme.

— Irei imediatamente, senhor.

— Repita a mensagem, antes de sair. Crosley repetiu-a.

— Não deve negociar com eles, Tenente. Está claro?

— Sim, senhor.

— Transmita o ultimato e volte. Não é necessário que fique à espera de resposta. Se ainda estiverem aqui de manhã, atacaremos.

— Sim, senhor.

— Entendeu o que disse, não? Não me virá depois com a história de que o autorizei a negociar?

Crosley sorriu:

— Claro que não, senhor.

— Vá, então.

\*

Passaram-se três horas. Soou o recolher, mas Wharton permaneceu acordado, sem nada fazer, em seu escritório. A luz das estrelas, brilhando na noite sem lua, passava através das janelas. Wharton abriu uma delas e ficou olhando a noite.

Tinha pena de Breckenridge. Parecia diabólico o que acontecera. Afirmar que um fato é verdadeiro, quando é, na realidade, inteiramente falso... Os testes psiquiátricos nada haviam demonstrado; Breckenridge acreditava, firme e positivamente, que fora instruído para parlamentar. "Esquizofrenia" — dissera o psiquiatra oficial. Mas esquizofrenia não é uma doença que se revele de repente, como um tornozelo quebrado, é? Começa a aparecer vagarosamente, construindo uma sequência de ação e pensamento. E Breckenridge dissera que nada lhe haviam feito, e os testes de EEG não tinham revelado nenhum traço de recente drogamento ou hipnose. Não que o EEG fosse absolutamente infalível...

Wharton continuava a refletir diante da janela. Tinha certeza de que os halivanu não possuíam poderes misteriosos. Tratava-se, apenas, de uma raça isolada, entregue a seu próprio destino e desligada do restante do Universo. Não havia motivo para que se acreditasse que possuíam habilidades mágicas.

Uma luz brilhou lá fora. Wharton ouviu o ruído do jato. Crosley estava de volta.

Impaciente, Wharton precipitou-se para fora. O ar da noite estava frio, cortante, quase tangível. Crosley e o piloto, um recruta chamado Rodriguez, estavam saindo do aparelho.

Cumprimentaram-no quando o viram. Retribuindo a continência com um aceno, Wharton foi logo dizendo:

— Tiveram alguma dificuldade?

— Não, senhor. Mas não o encontramos também — respondeu Crosley. — Procuramos durante quatro horas, mas...

— Mas, em nome do cosmos! De que estão falando? — perguntou Wharton, com voz estrangulada. — Não encontraram quem?

— Ora, Breckenridge, é claro — respondeu Crosley, trocando um olhar espantado com Rodriguez. — Viajamos em círculos, como o senhor mandou, até que...

Wharton sentiu-se zozzo:

— Que negócio é esse de Breckenridge?

— O senhor não nos mandou a procura dele? — Ele se perdeu nas planícies quando viajava de volta da nave estrangeira e fomos enviados à sua procura. Senhor... Não está se sentindo bem, senhor?

Dedos gelados pareciam estar oprimindo o coração de Wharton.

— Entre comigo, Tenente... Você também, Rodriguez...

Levou-os até o escritório e fê-los ouvir a gravação que fizera da conversa mantida com Crosley horas antes. Os dois homens ouviram, em crescente confusão.

Quando a gravação terminou, Wharton disse:

— Ainda afirmam que os mandei procurar Breckenridge?

— Mas... Sim...

— Breckenridge está dormindo na enfermaria. Nunca esteve perdido. Voltou há várias horas. Mandei-os para que transmitissem um ultimato. Não reconhece sua própria voz, Crosley?

— Sim, parece a minha voz, mas... Não me lembro... É isso...

Qualquer outra pergunta recebia a mesma resposta. A gravação servia apenas para atrapalhar Crosley

mais ainda. Tornava-se cada vez mais pálido. Estava certo de que apenas haviam viajado em círculos, procurando por Breckenridge, e Rodriguez concordava plenamente com ele a esse respeito. Mesmo quando Wharton afirmou-lhes que acompanhara a viagem pelo radar e que tinham ido diretamente para a nave halivanu e voltado também diretamente, negavam com a cabeça: — Jamais chegamos perto da nave, senhor!

— Está bem, Tenente. Vá deitar-se. Você também, Rodriguez. Talvez amanhã estejam com a memória melhor.

\*

Wharton não pôde dormir. Primeiro Breckenridge, depois Crosley e Rodriguez... Todos eles, ao voltarem da nave estrangeira tinham vindo com atitudes insanas. Começavam a aparecer as primeiras rachaduras na autoconfiança de Wharton. Talvez houvesse algo de verdadeiro naquelas lendas sobre os halivanu.

Não. Era indigno de crédito.

Mas, então, como explicar o que acontecera a seus homens? Esquizofrenia não é contagiosa, é? Era duro admitir o fato de que três homens tinham ido ver os estrangeiros e regressado... diferentes. Era a única palavra para exprimir aquilo. E mudados retroativamente. Crosley até mesmo negava a validade da gravação que fora feita com seu prévio conhecimento.

De manhã, Wharton sabia que só havia uma saída. Não iria tão longe apenas para a conservação da soberania terrestre. Isso era muito importante, mas não tão importante quanto descobrir o que os halivanu haviam feito a seus homens. E o único modo de descobri-lo era ir vê-los pessoalmente. Não podia continuar mandando outros homens. Daquele modo, acabaria com todos os oficiais alterados.

Depois, eram quase crianças, ainda. Cabia a um homem — um veterano da Campanha Dormirani — ir até lá e descobrir o que havia. Mas, é claro, certas precauções eram necessárias... nesse caso.

Quando a manhã chegou, chamou o Capitão Lowel, um dos oficiais veteranos — o oficial veterano — e contou-lhe o que houvera com Breckenridge, Crosley e Rodriguez.

O oficial espantou-se com o caso.

— Lowel, irei pessoalmente até a nave halivanu. Você ficará encarregado da chefia da base até eu voltar. E, ouça bem, vou dar a eles quatro horas para saírem do planeta, No fim desse tempo, quero que os canhões de ciclo-pesado ataquem, mesmo que eu ordene que não o faça. Entendeu? Contrarie qualquer ordem direta minha, se eu a der. Ataque-os quando o tempo esgotar.

Lowel encarou-o, visivelmente confuso: — Mas, senhor, não entendo...

— Não procure entender. Ouça, apenas. Gravei esta conversa. Guarde a gravação e faça-me ouvi-la, quando voltar.

Deixando atrás de si um Lowel extremamente confuso, Wharton dirigiu-se para o jato. Smithson, que levava Breckenridge, estava aos controles. Viajaram em silêncio, o jato sobrevoando rápida e firmemente as planícies. O sol subia enquanto viajavam. Wharton surpreendeu-se sonhando com o conforto do Sono-Profundo. Mas teria de esperar mais algumas horas, pensou. O caso ia ser resolvido, de um modo ou de outro, dentro de poucas horas. Bastava, apenas, Lowel ter coragem de desobedecê-lo, se ele voltasse mudado. Wharton sorriu. Confiava em que voltaria com plena posse de seus sentidos.

Era manhã alta quando o jato pousou no platô em que os halivanu se haviam estabelecido. Wharton viu protetores rodeando a nave estrangeira, que parecia um tanto frágil, e uma meia dúzia de halivanu ocupados com a instalação de seu instrumental.

Eram seres altos, magros, com pele cor cinzento-esverdeada, grosseiramente granulada. Quando o jato pousou, um deles destacou-se do grupo e foi ao encontro de Wharton.

— Seus terrestres gostam de pagar visitas disse o estrangeiro em dialeto fawdês. -

Se não me engano, você é o terceiro...

— E o último — respondeu Wharton.

A despeito de si mesmo, sentia-se desajeitado como uma criança. O halivanu tinha um estranho, picantemente adocicado odor. Wharton encarou-o, olhando para cima.

A criatura tinha cerca de dois metros de altura.

— Qual é sua mensagem? — perguntou o halivanu.

No mesmo instante, Wharton sentiu algo como uma rápida e violenta escovadela no cérebro.

— Eu... Que está fazendo? — pôs as mãos atrás da cabeça, mas a sensação de repuxamento continuava.

Então, o pânico desapareceu.

— Fale — pediu o estrangeiro.

Wharton sorriu: — Sou o Comandante terrestre. Vim para... dizer-lhes que está tudo bem... que podem permanecer aqui durante o tempo que quiserem.

— Obrigado — agradeceu o halivanu seriamente.

Depois a criatura sorriu, mostrando gengivas negras e Wharton retribuiu o sorriso.

— Isso é tudo?

— Sim. Sim, é tudo — respondeu Wharton,

depois voltou-se para Smithson: — Nada mais temos a dizer, não é, Smithson?

Smithson sorriu também:

— Creio que não, senhor.

— Bem, então vamos voltar, agora.

\*

Lowel correu assim que o jato parou no centro do campo.

— Foi tudo bem, senhor?

— Ótimo — respondeu Wharton. — Ter Bailey aqui com o Sono-Profundo é o melhor para mim, hein? Meu Deus, poderia usá-lo mais um pouco, se bem que não me tenha sentido muito cansado nestes últimos dias...

— Os halivanu vão embora, então?

— Embora? — Wharton franziu as sobrancelhas. — Por que teriam de ir embora? Estão apenas começando a trabalhar...

— Mas... Coronel...

— Sim? Que é? — perguntou Wharton, surpreendido.

— O senhor deu uma ordem... Disse que no fim de quatro horas deveríamos abrir fogo se os halivanu ainda estivessem aqui.

Wharton franziu as sobrancelhas e começou a andar.

— Deve haver um engano, Lowel. Dê uma contra-ordem. Bailey! Bailey, apronte o tanque!

Lowel correu e postou-se diante do Coronel: — Sinto, senhor, mas ordenou-me que prosseguisse com o plano, mesmo que o senhor retirasse a ordem!

— Bobagem!

— Há uma gravação em seu escritório...

— Não me interessa! Os halivanu têm permissão para ficar aqui. Não vai querer discutir minhas ordens, não?

Forte rubor cobriu o rosto de Lowel: — Coronel, acho que poderá parecer-lhe estranho, mas o senhor insistiu...

— E eu mesmo estou dando a contraordem! Preciso dar mais algum esclarecimento, Capitão? Por favor, saia do meu caminho. Sei que o senhor é um velho oficial, mas...

Lowel continuou firme. O suor cobria-lhe a testa: — A gravação...

— Quer sair da frente, Lowel ?

— Não, senhor. O senhor especificou definitivamente que eu não deveria obedecer nenhuma ordem sua que contrariasse a primeira. Portanto...

— Qualquer oficial comandante que der uma ordem não retroativa não está bem da cabeça... — explodiu Wharton, e chamou dois soldados que se encontravam por perto. — Ponham o Capitão Lowel sob restrita custódia. Posso ser liberal, mas não tolero insubordinação!

Lowel , ainda protestando, foi levado. Wharton entrou em seu escritório. A gravação se encontrava no gravador. Pensativo, apertou o botão e ouviu: "... vou dar aos halivanu quatro horas para deixarem este planeta. No fim desse tempo, quero que ataque com os canhões de ciclo-pesado, mesmo que eu ordene que não o faça. Entendeu? Contrarie qualquer ordem direta que eu der... "

As bastas sobrelhas de Wharton ergueram-se interrogativamente. Além da dúvida, havia sua própria voz. Mas por que dissera aquelas coisas? Os halivanu tinham todo o direito de estar ali, pois ali, em sua mesa, estava a autorização da Terra, permitindo que ficassem ali para fazerem observações solares, por enquanto. O papel estava ali... Remexeu uma pilha de documentos, sem o encontrar. Sorriu. Provavelmente se havia extraviado. Mas sabia que existia e que estava ali, em algum lugar.

Vira-o com seus próprios olhos!

Então... E aquela gravação? O Coronel Wharton meneou a cabeça e concluiu que estava ficando velho, uma vez que dera a Lowel uma ordem como aquela. Em algum lugar, bem no fundo de sua mente, uma voz frágil protestava insistentemente, mas o protesto, fraquíssimo, não atingia o nível da consciência. Bocejando, cansado, Wharton ligou o botão do gravador para limpar a fita e só o deteve quando a conversa se encontrava inteiramente apagada. Depois, dirigiu-se para a enfermaria, a fim de ter seus noventa minutos de Sono-Profundo.

## Tino para Negócios

*Espionagem e contra-espionagem provavelmente continuarão conosco, mesmo na Era em que os terrestres voarem de Sistema Solar para Sistema Solar, com jovial abandono. Com a galáxia repleta de seres inteligentes, os complexos esquemas de algumas futuras agências de espionagem poderão emaranhar-se e confundir-se, começando a lutar desesperadamente. Através do Universo, algum agente secreto oriundo da Terra poderá encontrar-se diante de perigoso problema: como distinguir uma genuína brigada de socorro de um estrangeiro disfarçado?*

Agora estava claro para ambos que a pequena nave estava completamente inutilizada. Connelly voltou-se para o estrangeiro e fez uma careta de apreciação: — Vocês, nidleanos, são muito espertinhos. Esta é a melhor armadilha que já vi!

Olhou para a tela, divisando a superfície do pequeno e isolado planeta, gelada, varrida pelo vento. Voltou-se, encarando o nidleano. O estrangeiro estava confortavelmente acomodado no canto mais distante do pequeno cruzador, rodeado por brilhante halo de autoconfiança, — Meu povo não gosta quando os terrestres raptam Chefes do Estado-Maior — disse o nidleano. — Costumam tomar suas providências.

Connelly assentiu:

— Respeitáveis providências, aliás! Eu estava ocupado demais com a saída apressada de Nidla, com você, e me deixei apanhar pela armadilha. Deve tratar-se de um gigantesco campo de força magnética que atrai qualquer nave que se aproxime sem tomar os devidos cuidados, hein? — deu uma olhada para o nidleano. — Que acha, Lomor?

— Não tenho opinião a respeito — respondeu o outro, sorrindo. — Tudo o que me diz respeito é o fato de você ter-me tirado do meu planeta de origem: isso significa que fui simplesmente raptado.

O nidleano levantou-se e atravessou a cabina, em direção da tela, andando vagarosamente. A nave mergulhara em direção de um terreno montanhoso, num ângulo de quarenta e cinco graus, e o giroscópio focalizava coisas uns dez graus fora da rota, que se movimentavam com dificuldade. O estrangeiro olhava pensativamente para a desagradável visão.

— Bonito... — comentou Connelly.

— Muito bonito — resmungou o estrangeiro. — Sua pequena experiência de espionagem não está dando muito certo, não é, Connelly?

— Acho que não — respondeu o terrestre, laconicamente — Estamos aqui, os dois, a meio ano-luz do Sistema de Nidla...

— Sim — disse o nidleano. — Meu povo logo saberá que a armadilha funcionou. Antecipamos as tentativas dos terrestres para penetrar nossas defesas e transformamos determinadas áreas como esta... ah... em ratoeiras. É um bom sistema de contraespionagem.

— Oh, sim — concordou Connelly. — Um ótimo sistema.

Aproximou-se do painel de bordo e começou a apertar determinados botões. O nidleano ficou a seu lado, silencioso, tentando, sem conseguir, ler as desconhecidas designações terrestres dos controles

— Que está fazendo? — perguntou, afinal.

— Preparando os canhões para o caso deles virem de frente — explicou Connelly. — Quando eu terminar, este local estará transformado num forte. Com essas rochas atrás de nós e a planície em frente, não lhes será fácil apanhar-nos, como você imaginava, Lomor.

Olhou ironicamente para o estrangeiro, que franziu as sobrancelhas.

— Vocês, terrestres... — disse Lomor, aborrecido. — Sempre tornando as coisas mais difíceis!

Connelly riu para si mesmo, silenciosamente, e continuou a manipular botões e chaves. Através das vigias, o nidleano viu pequenos, porém eficientes canhões aparecerem no casco da nave, nas posições que Connelly desejava.

A nave estava encostada a um paredão de pedra e armada até os dentes. O nidleano sacudiu a cabeça petulantemente. Os terrestres sempre pareciam ter um ou dois trunfos escondidos na manga. Sempre! Por isso Connelly conseguira descer em Nidla, sozinho numa pequena nave, e carregar consigo um importantíssimo personagem da hierarquia militar de Nidla, como Lomor dal Govnim, escapando do planeta com facilidade.

Agora, era verdade, Connelly fora apanhado — fora cair, por sorte, na ratoeira cósmica armada por Nidla. As armadilhas podiam ser evitadas, como Lomor sabia muito bem. Só que uma tolice fizera Connelly ser apanhado e era reconfortante saber que os terrestres também cometiam asneiras.

Mas eram bastante habilidosos para transformar suas maiores tolices em impressionantes triunfos. Aí é que estava a dificuldade em se lidar com eles!

\*

— Pronto? — perguntou Lomor.

Connelly assentiu:

— Acho que sim. Quando as brigadas chegarem para resgatá-lo, encontrarão uma boa lutazinha pela frente... — passou a mão pela nuca. Quanto tempo disse que eles levarão para descobrir que a armadilha funcionou?

— Não muito — respondeu Lomor, friamente. O nidleano estava nervoso e se mostrava abrupto; a calma confiança que Connelly demonstrava o tempo todo — e esse fora o principal fator que fizera Lomor cair em seu poder — estava se tornando sumamente irritante. Connelly demonstrava um terrificante ar de serenidade que fazia Lomor imaginar até que ponto aquilo fora uma tolice do terrestre... ou se ele manobrara propositalmente para cair na armadilha, o que faria parte de um grande plano desconhecido.

— Acha que podem levar dias? — perguntou Connelly.

— Não sei — respondeu Lomor.

Connelly riu: — Você não quer dizer. Mas isso não me aborrece. É natural.

Voltou-se para o subrádio e começou a determinar rapidamente algumas coordenadas. Depois de um ou dois minutos o aparelho começou a zumbir e acenderam-se luzes nele

— Que está fazendo agora? — indagou Lomor.

— Estou pedindo que nos tirem deste lugar abandonado — respondeu Connelly. — Pelo direito dos povos.

A luz vermelha acima do painel indicava que o subrádio estava sintonizado. Connelly apressou-se a testá-lo, depois voltou-se, de rosto fechado, para o nidleano e clareou a garganta.

Começou a lançar um S. O. S. pelo campo aberto para raio-luz. Transmitia ao Universo inteiro uma mensagem onde declarava, nu e cruamente, que ele, Paul Connelly, terrestre, fora apanhado por uma armadilha nidleana que o prendia em um planeta desabitado, que sua nave fora danificada, não funcionava, e que estava à espera de socorro.

Acrescentou alguns detalhes de instrução sobre aproximação, aterrissagem e saída do planeta, sem cair na armadilha nidleana.

Connelly repetiu a mensagem mais duas vezes, depois desligou o aparelho. Voltou-se e deparou com o olhar terrificado de Lomor. Sorriu amplamente.

— Como soube sobre o funcionamento da armadilha? — perguntou Lomor.

— Acaba de cometer uma tolice, amigo... respondeu Connelly, friamente. — Blefei, apenas, com a

mensagem de instruções: agora você acaba de confirmar que minhas suposições sobre a armadilha estão certas. Exceto... — acrescentou, vendo o rosto do nidleano ir se tornando afogueado. Exceto que agora eu sei como a armadilha funciona. Afinal, caí nela!

— Por quê? Deliberadamente?

Connelly sacudiu os ombros: — Oh, não... Na verdade, não. Mas convenhamos que foi uma tolice de minha parte. E, se o foi, aproveitei meu erro para divulgar o segredo das armadilhas ao comunicar ao Universo que fui apanhado. Diga-me, que acha de...

O nidleano sacudiu a cabeça com azedume e reprimiu um comentário ácido. Não adiantava insultar os terrestres: eles apenas riam...

— Esse S. O . S. — disse Lomor — permanecerá na faixa de vácuo?

— Sim — respondeu Connelly, — Alguém a encontrará.

\*

Alguém a encontrou.

Os nidleanos, aproximando-se, pegaram-na primeiro. A mensagem chegou ao escritório de Drilom dal Kroosh, o primeiro assistente de Lomor que no caso de infelizmente ausência do superior, tomava a chefia do escritório — quase ao mesmo tempo que a notícia de que a armadilha funcionara.

Drilom olhou para o jovem oficial que levava ambas as mensagens.

— As duas chegaram agora, ao mesmo tempo?

— Sim, senhor — respondeu o subalterno. — Uma logo depois da outra.

Drilom mordiscou a extremidade de um lápis. — Hummm... Esse terrestre Connelly está querendo provocar um intolerável aborrecimento. Primeiro, foi bastante atrevido para raptar o Chefe do Estado-Maior diante dos nossos narizes, com propósitos que só ele conhece; agora, descobrimos que está apto a mandar S.O.S. em raios-vácuo...

A galáxia inteira ficará sabendo que existe um atrito entre a Terra e Nidla.

— Sim, senhor — confirmou o rapaz.

Drilom encarou-o:

— Não concorde comigo!

— Não, senhor — respondeu o subalterno, confuso.

Drilom ignorou-o. Olhou para os dois despachos durante um longo momento, enquanto brincava com o galão dourado que havia na manga de seu uniforme, procurando a solução que sua cultura militar exigia. Afinal, ergueu os olhos e ordenou: — Mande-me Konno dal Progva.

— Imediatamente, senhor.

O oficial imediato a Drilom chegou um momento depois. Drilom expôs rapidamente todos os acontecimentos.

— Compreendo — disse Konno, sabiamente, quando Drilom parou de falar.

Konno era um esguio, encarquilhado nidleano, dono de respeitável talento estratégico.

— O terrestre está preso em nosso planeta-armadilha... presumivelmente com Lomor como refém...

— Certo.

— E, presumivelmente, também, uma nave da Terra deve ter captado a mensagem e deve estar se dirigindo para o planeta, a fim de socorrer Connelly e levar Lomor para a Terra... onde irão examinar-lhe inteiramente o cérebro...

Drilom assentiu amargamente: — É esse o quadro.

Konno enrugou o fino nariz numa careta de concentração.

— Se enviarmos uma expedição militar para apanhar Connelly, corremos o risco de chegar ao mesmo

tempo que os terrestres... o que poderia derivar em conflito e numa possível catapulta para uma guerra com a Terra, antes que nossos planos estejam prontos, Gotas de suor corriam livremente pelo rosto de Drilom.

— Estou desesperado, Konno. Que posso fazer? Se eu levar o problema para as esferas superiores, perderei muito aos olhos deles e...

O outro ergueu a mão:

— Calma, Drilom, Olhe... que tal se enviássemos uma isca...

— Isca?

— Claro. Imagine que mandemos uma nave com aparência das naves terrestres... sabe, uma dessas pequenas naves terrestres mercantis que apanhamos no mês passado... tripulada por jovens com aparência de terrestres. Essas naves que pegamos estão em ordem — seus olhos, semelhantes a contas, brilharam. — Suponha que o façamos... que passemos por mercados terrestres. Se conseguirmos chegar lá antes que a nave terrestre de socorro chegue, e se conseguirmos convencer a Connelly de que somos os verdadeiros terrestres que correram em seu socorro...

\*

Drilom dal Kroosh examinava a cabina da nave terrestre roubada com olhar indiferente a princípio, porém raivoso a seguir. Quando expusera o plano aos seus superiores não esperara que ordenassem que ele mesmo chefiasse a equipe de falso socorro.

Mas não tivera saída e escolhera sua equipe — todos nidleanos corpulentos, com um metro e oitenta de altura, cuidadosamente escolhidos de acordo com a aparência média normal dos terrestres — e se dirigira com eles para o pequeno planeta Não utilizara o aparelho que anulava o campo de força e seguira as instruções — o terrestre, teve de admitir a contragosto, descobrira exatamente o método certo para iludir a armadilha e o explicara cuidadosamente, na mensagem de S.O.S., para quem quisesse ouvi-la — e aterrissara.

A nave, agora, estava na arenosa planície em frente do paredão de rochas, junto do qual a nave de Connelly caíra. Drilom, olhando para a tela, imaginou que via o vulto indeciso, ao longe no espaço, de uma nave terrestre, mas não teve certeza.

Voltou-se para o operador, um negro nidleano chamado Pribor: — Entre em contato com Connelly — ordenou bruscamente, e deu rédeas soltas ao seu nervosismo, pondo-se a andar de cá para lá na cabina.

Enquanto Pribor procurava conectar o rádio construído na Terra, atrapalhando-se com os controles pouco familiares, Drilom voltou-se para Huompor dal Vornik, o alto nidleano que estava a seu lado.

— Vou lá embaixo olhar a tela do monitor. Se esse terrestre me vir, logo descobrirá a trapaça. Fica tudo nas mãos de vocês. Sejam cuidadosos: sabem como isto é importante!

Huompor cumprimentou rapidamente: — Sim, senhor.

— Lembrem-se — tornou Drilom, ansiosamente — vocês são terrestres. Vieram depressa porque se trata da nave-capitão da equipe mercantil que trabalha na área neutra. Fale o menos que puder... e faça-o rapidamente Assim que Connelly e Lomor estiverem aqui dentro, poderemos acabar com a farsa e voltar para Nidla. Certo?

— Certo, senhor — respondeu Huompor.

— Prontos para comunicação, senhor — disse o operador.

Drilom inclinou-se para descer, depois de dar um último olhar a Huompor. Acertou o monitor no mais baixo nível e ficou observando o que se passava.

Viu o rosto de Connelly aparecer na tela. O terrestre era jovem e parecia gentil, com um modo de olhar desassombrado que irritou Drilom consideravelmente, Connelly não parecia o bastante esperto para causar as dificuldades que causara. Drilom imaginou se seria o bastante vivo para desconfiar da

artimanha que haviam encena-do. Se Connelly conseguisse, de algum modo, voltar à Terra com Lomor, as consequências para as ambições territoriais de Nidla seriam desagradáveis.

Lá em cima, Huompur dal Vornik apareceu na tela e fez a continência usual da Terra. — Tenente Connelly?

— Sou eu — disse o terrestre, amigavelmente

— Meu nome é Smith — disse Huompur, Capitão dos mercadores desta área neutra.

— Oh?

— Interceptamos seu S.O.S... Estávamos na área neutra e viemos socorrê-lo — disse Huompur, um tanto desajeitadamente.

— Vieram socorrer-me? — perguntou Connelly.

— Por que não haveríamos de fazê-lo? Agora, o melhor modo de resolver isto é o senhor deixar sua nave, passar para a nossa e...

Connelly levantou uma das mãos: — Não precisa dizer mais nada, amigo. Não vai apanhar-me! — e a tela ficou repentinamente vazia.

Um momento depois, um dourado raio de energia partia dos canhões da nave de Connelly, em direção da de Drilom, atingindo-a de modo suave, mas tornando tudo tão quente lá dentro que o sistema de refrigeração acabou por sofrer um curto-circuito.

\*

— Definitivamente hostil — disse Drilom vagarosamente.

Agora, sua nave estava a prudente distância da de Connelly e Drilom examinava a situação de tenebroso ponto de vista.

— Que pode ter provocado tal reação? — perguntou Huompur. — Talvez esse seja um sinal de reconhecimento entre os terrestres.

Drilom parecia bastante chocado.

— Esta reação significa apenas uma coisa, mesmo entre os terrestres, meu rapaz: "Saia daqui e mantenha-se longe!" Não sei o que você fez de errado, mas ele percebeu tudo. Assim que você pronunciou as duas primeiras frases ele já sabia que você não era terrestre...

— Não vejo como! — protestou Huompur. Foi uma de minhas melhores personificações disse, pensativamente.

— Não se preocupe — disse Drilom. — Connelly não caiu e Lomor continua lá.

Um dos membros da tripulação apareceu, cumprimentou e disse: — Senhor, vem chegando outra nave!

— Onde?

— Está aproximadamente a quatrocentos metros mais perto de Connelly do que nós. Apareceu em nosso radar há dez minutos. Está se aproximando do mesmo modo que fizemos e parece ser um modelo idêntico a esta!

Drilom franziu as sobrancelhas, aborrecido pela ironia da situação.

— Idêntico? Quer dizer que pode ser a verdadeira nave que vem em socorro do terrestre! meneou a cabeça. — Agora estamos enrascados, se souberem o que viemos fazer aqui. Imagino que isso possa provocar uma guerra antes do tempo...

— Que devemos fazer, senhor? — perguntou Huompur.

— Ficar aqui — respondeu Drilom, desesperadamente, — Ficar aqui e não fazer nada. Venha, vamos ver o que acontece.

Dirigiram-se para a câmara mais próxima e, com dedos trêmulos, Drilom focalizou-a.

O pequeno, fraco sol que iluminava o planeta sem nome já desaparecera há muito, mas à fraca luz da

única lua do planeta, Drilom pôde ver a outra nave. Era, realmente, idêntica ao modelo cruzeiro que os nidleanos estavam usando. Pousara no fim da faixa de deserto.

Drilom chamou o rádio-operador:

— Sintonize, vamos ver se estão dizendo alguma coisa!

Pouco depois o operador voltou:

— É uma nave terrestre mercantil, que veio socorrê-lo.

Drilom olhava, em silêncio. Esperava ver as figuras de Connelly e Lomor saírem do nicho de montanhas e se dirigirem para a nave terrestre, imaginando se haveria algum modo de interceptar os dois antes que tivessem atravessado o deserto. Passaram-se uns momentos e, repentinamente, a árida planície ficou inteiramente iluminada.

— Maldito seja! — disse Drilom, pensativamente. — Atacou-os também.

\*

Imaginou todas as possibilidades, então. A possibilidade de Connelly estar louco, a possibilidade de Lomor ter-se apoderado da nave danificada; a possibilidade, digna de consideração, de que Connelly e a nave terrestre estivessem encenando uma farsa para enganá-lo.

Pribor quebrou a cadeia de febris considerações. Drilom fitou-o carrancudamente: — Bem, que é?

— Acabo de entrar em contato com a nave terrestre, senhor. O Comandante quer encontrar-se com o senhor. Sugere que saia com quatro homens; ele fará o mesmo.

Encontrar-se-iam na metade do caminho entre as duas naves.

A cabeça de Drilom inclinou-se enquanto ele considerava a proposta. Os terrestres, por axioma, não costumavam negociar... mas a proposta parecia ter sido feita depois de muito bem pensada. Talvez, pensou, os terrestres estavam tão espantados com a reação de Connelly que se sentiam realmente perdidos, e tinham necessidade de falar a respeito com alguém. Talvez pensassem que a nave de Drilom era da Terra; talvez conhecessem a verdade e Drilom tivesse chance de realizar um valioso compromisso que o elevasse um degrau ou dois na hierarquia de Nidla.

Não havia modo de descobrir, mas parecia-lhe que devia tentar.

— Diga-lhes que aceito — disse.

Tarde da noite, Drilom e uma pequena comitiva saíram para iniciar o caminho, através do deserto, para o local de encontro. Iam armados até os dentes, uma precaução natural.

O outro Comandante era um homem de voz profunda, que se apresentou como Ledrash. Drilom nada pôde ver dele, a não ser traços escuros de feições rudes, através do capacete.

— Ele atirou contra vocês — disse Drilom. Fez o mesmo conosco e não sabemos por que.

— Ninguém sabe — disse Ledrash. — Chegamos aqui, pelo caminho que nos indicou, para socorrê-lo e veja como nos recebeu! De onde são vocês?

— Da Terra — mentiu Drilom.

— Então, somos todos da Terra disse Ledrash.

Os dois comandantes ficaram a se olhar, atonitamente. Drilom começou a suspei-tar de algo. Connelly atacara a segunda nave, como fizera com a sua. Será que Ledrash e os seus também não eram da Terra e agiam como se o fossem pelos mesmos motivos que ele? Era uma ideia, admitiu.

— Ele parece achar que a Central não enviaria duas equipes de socorro — aventurou Drilom. — Parece estar intrigado pelo fato de haver duas naves ao mesmo tempo, para o mesmo trabalho...

— Eu estava justamente pensando nisso disse Ledrash, sinistramente. — É improvável que nossas duas naves tenham vindo da Terra.

— Nós viemos de boa fé — afirmou Drilom.

— Nós também — disse Ledrash, cruzando os braços musculosos, e Drilom viu a sombra de um

sorriso perpassar sob o capacete. — Um de nós está mentindo...

Drilom, pouco à vontade, olhou para os quatro homens de Ledrash, depois voltou-se para os seus. Era uma situação explosiva e ele estava indo às cegas, em pleno blefe.

— Se vocês são realmente terrestres... começou Drilom.

Mas foi interrompido. Um dos membros da comitiva de Ledrash, que estivera olhando fixamente para as montanhas atrás de Drilom, apontou para cima.

— Outra nave, senhor! — gritou.

Ledrash voltou-se: — Onde?

O acompanhante gesticulava ineficazmente: — Ali... ali... igualzinha à nossa — disse, estrangulando as palavras, tal era sua excitação; afinal, conseguiu dizer: — Do outro lado das montanhas... Partiu!

Ledrash correu alguns metros, para ver melhor, com Drilom a seu lado. Os dois comandantes ficaram olhando para as montanhas enquanto o longo clarão, que ia diminuindo aos poucos, avermelhado, manchava-lhes os corpos. Uma terceira nave estivera ali e havia partido.

Ledrash voltou-se lentamente.

— Volte à nave e diga a Dorni que procure comunicar-se com Connelly — disse. — Depressa!

O homem correu para a nave de Ledrash, enquanto o pequeno grupo permanecia como que petrificado no meio do deserto, esperando. Poucos minutos depois o enviado voltou.

— Não há resposta, senhor. O rádio dele está mudo.

Ledrash sentou-se, cansadamente, numa pedra.

— Não há resposta?

— Não, senhor.

Drilom umedeceu os lábios:

— Foi-se embora.

Ledrash assentiu rapidamente:

Suponho que devamos ir para minha nave e conversar — sugeriu.

Drilom ia dizer que era melhor que fossem para a sua, mas calou-se. Nada havia a temer de Ledrash. Drilom sentia um curioso impulso de amizade pelo outro comandante crescendo em seu íntimo. Fora derrotado, era verdade, mas Ledrash também o fora, e o fato de ter companhia fazia Drilom sentir-se melhor. Agora a verdade estava clara: Ledrash era tão terrestre quanto ele. Enquanto os dois se mantinham a um braço de distância, os verdadeiros terrestres haviam chegado e partido.

Subiram as escadas em silêncio e entraram na nave de Ledrash. Era, notou Drilom, um modelo igualzinho ao da sua. Tiraram as roupas espaciais.

Os outros, observou Drilom, eram humanoides e poderiam passar facilmente por terrestres ou nidleanos. Eram grandes, de ossatura forte e pele morena.

Ledrash passou uma das mãos pelos cabelos: — Fomos vencidos... — disse, secamente, e sorriu sem vontade para Drilom. — Fomos enganados, nós dois.

Vamos ver primeiro — disse Drilom.

— Como?

— Indo até a nave de Connelly — sugeriu Drilom.

Ledrash hesitou, depois apontou para dois de seus homens: — Vão até lá, com dois desses — indicou os homens de Drilom — e deem uma olhada.

Drilom assentiu para seus homens: — Vão com eles — ordenou. — E voltem logo.

\*

Passaram-se ansiosos minutos enquanto os quatro homens atravessavam o deserto. Drilom deixou de vê-los quando chegaram à sombra das montanhas, começando a andar entre as rochas para chegar à nave de Connelly.

O tempo passava e a tensão começou a aumentar. Afinal, depois do que pareceu horas, os homens voltaram.

— Então? — perguntou Drilom, já conhecendo a resposta. — Algo por lá?

— Nem uma alma — respondeu um dos homens. — Deixaram tudo vazio. A nave foi-se.

— Então, ele foi embora... — comentou Ledrash.

— Ambos foram embora — corrigiu Drilom.

— Ambos? Pensei que fosse apenas um terrestre.

— Não — explicou Drilom. — Connelly tinha um importante nidleano a bordo, como prisioneiro.

— Oh!

Olharam-se desconfiadamente, agora certos da mútua trapaça.

— Você não é terrestre, não?

Ledrash meneou a cabeça: — Não adianta mais mentir quando a verdade está clara. Sou de Corilan. E creio que você é um nidleano.

Drilom assentiu. Os dois homens sentados na nave corilana encararam-se. Agora, tudo tomava sentido. Corilan era um pobre planeta localizado entre a Terra e Nidla. A espionagem nidleana tinha sido descoberta há algum tempo em virtude dos corilanos terem realizado uma série de ações que redundariam em proveito próprio, no caso de possíveis desentendimentos entre os outros dois maiores poderes da galáxia.

Portanto, haviam interceptado o S.O.S. de Connelly e tinham arquitetado o mesmo plano que os nidleanos. Enganar Connelly e raptá-lo. Só que também não funcionara.

E o S.O.S. fora captado também por naves terrestres.

— Por que vieram aqui? — perguntou Drilom.

— Queríamos o terrestre — disse Ledrash. — E você?

— A mesma coisa...

— Nada consegui — disse Ledrash. — A situação já estava bem delicada sem isso...

Drilom sorriu para o grande e robusto corilano.

— É... Quando terrestre chegar em seu Sistema com Lomor... com o Chefe do nosso Estado-Maior... não teremos mais nenhum segredo militar!

— Isso é mau — disse o corilano. — Muito mau para Nidla. — Levantou-se e andou pela cabina. — Sabemos que vocês planejavam guerrear a Terra. Isso tornará as coisas piores para vocês.

— Nem fale nisso! — exclamou Drilom. — Deixe que permaneçam alguns segredos entre nós, está bem? Nossos planetas são teoricamente rivais, como sabe.

— Que nos interessa isso? — respondeu Ledrash, olhando fixamente para o nidleano.

— Somos ambos seres humanos — disse, com notável sentimento. — Temos algo em comum que nos aproxima: fomos enganados pelo terrestre.

— É verdade — disse Drilom e sorriu, estendendo a mão. — Companheiros na adversidade — disse.

Ficaram em silêncio durante alguns instantes, até que o sol começou a nascer. Era um pobre nascer de sol. A estrela que iluminava o árido planeta estava moribunda e era definitivamente de terceira grandeza, produzindo uma luz amarelada, doentia, num estranho amanhecer. Drilom, de repente, lembrou-se de que passara a noite acordado e percebeu que estava terrivelmente cansado.

— Vamos até minha nave — sugeriu.

O Comandante corilano concordou: — Boa ideia

\*

Andaram em silêncio, pela areia, durante algum tempo. Depois Drilom falou: — É muito estranho, sabe?

— O quê?

— Olhe, você e eu chegamos separadamente, em naves idênticas, ambos com aparelhagem para anular o campo de força. E ele nos atacou do mesmo jeito...

— Enquanto que os verdadeiros terrestres — continuou Ledrash — fizeram exatamente o que fizemos, na mesma espécie de nave, semelhante às nossas em tudo, e ele foi com eles...

— Isso não quer dizer nada — disse Drilom, pensativamente, enquanto se aproximavam da nave. — As três naves agiram do mesmo modo. Só que os motivos eram diferentes, não o plano. Mas ele não tinha jeito de saber isso. Reconheceu o verdadeiro socorro pela conversa que tiveram por rádio.

— Foi assim que soube... — repetiu o corilano. — Mas como?

Drilom entrou pela porta a vácuo e Ledrash seguiu-o. Tiraram os trajes espaciais e Drilom tirou uma garrafa de um armário. Serviu bebida para os dois.

— Foi por isso que sugeri que viéssemos aqui — disse. — Estamos precisando disto.

Quando estavam bebendo, Drilom ouviu os chamados ansiosos do operador de rádio, Pribor.

— Entre — disse.

Pribor entrou na sala, hesitou diante do enorme corilano largado na cadeira, até que, a um gesto impaciente de Drilom, começou a falar: — Estive examinando as gravações do monitor, senhor. Parece que gravamos a conversa mantida entre a terceira nave e Connelly.

Drilom relanceou os olhos para Ledrash e ordenou: — Ponha para funcionar, queremos ouvi-la.

Pribor ligou o gravador e esperou. Dali a pouco, começou um zumbido e logo ouviram-se vozes: — Connelly? — disse a voz do Comandante da nave terrestre.

— Sim — ouviu-se a voz já conhecida de Connelly responder.

— Meu nome é Danvers, Capitão do Serviço Mercante. Estávamos indo para Mokrin, em nossa rota regular, quando interceptamos sua mensagem. Agora estamos prestes a aterrissar nesse árido planeta em que se encontra. Quer que desçamos?

— Claro que sim — disse Connelly. — Eu gostaria de ir embora!

— Ligue o aparelho de coordenadas, então, Connelly.

— Feito.

— Este pequeno desvio vai custar caro... Qual é a chance de salvar sua nave?

— Vale a pena, ainda pode ser aproveitada.

— Hummm... Talvez seja melhor chamar a Patrulha, em todo caso. A menos que você tenha certeza de que seu Departamento pagará todas as despesas. Nosso orçamento não dá para gastos extras...

— Não se preocupe — disse Connelly, em seguida. — Tudo correrá por conta de meu Departamento se você puder levá-la.

— Está bem, então — disse o Capitão Mercante. — Vamos descer.

— Como é bom ouvir isso! — exclamou Connelly. — E como é bom ouvir a voz de um verdadeiro terrestre... a espécie que sabe regatear!

Drilom deslizou o gravador, com expressão amarga.

— Eis aí o nosso erro! — explodiu.

— Qual?

— Atitudes. Tínhamos perfeita aparência terrestre... mas não o mesmo modo de pensar. Foi por isso que nos traímos. Entramos logo no ponto exato, do modo como o fazem os soldados, bruscos, eficientes, diretor. Um verdadeiro mercador procura ganhar alguma coisa. Não se mete em nada sem um preço!

Ledrash assentiu lentamente.

— Que vai fazer, agora?

— Voltar para mandar meu relatório — disse Drilom, com voz sombria. — Não estamos aptos a enfrentar encencas com os terrestres... Não estamos prontos para isso, de modo algum.

— Precisamos aprender alguns truques deles, primeiro... — sugeriu Ledrash, ironicamente. Aí, poderão dominá-los.

Drilom sacudiu a cabeça: — Não — disse. — Não quero perder tempo. Quando aprender estes truques já terão inventado, pelo menos, mais uma dúzia de novos. Não podemos batê-los nesse campo... — sorriu, de repente. — Mas, talvez... algum dia... seremos espertos o bastante para não precisar combatê-los!

# Os Desajustados

*Numa das histórias deste livro, consideramos o problema de como os homens colonizarão planetas em que forem fisicamente menos capazes de sobreviver em certas condições. Consideramos possível a hipótese de que seja necessário adaptar os humanos aos novos mundos.*

*Imagine essa hipótese com um certo avanço de tempo. No longínquo futuro, os mundos do Espaço estarão povoados por terrestres adaptados, o que poderá tornar os homens — a nossa espécie de homens — inadaptados quando se encontrarem nesses mundos...*

Foss estava parado diante da casa da Colônia Oficial, sentindo a tremenda pressão da gravidade daquele mundo estranho repuxando-lhe os ossos. Tentou andar, mas era difícil. Nos mundos do tipo da Terra, seu corpo esguio suportava setenta e sete quilos; ali, em Sandoval IX, pesava cento e trinta e nove quilos. Essa espécie de acréscimo podia provocar vários distúrbios no interior de um homem.

Um pequeno grupo de Homens Adaptados vinha andando pela rua vazia, gracejando e rindo dele. De baixa estatura e de compleição larga, não eram afetados pela gravidade de Sandoval IX. Tinham sido "feitos" para aquilo; prosperavam ali. E escarneciam abertamente do desconforto de Foss.

Bateu outra vez.

Nada, apenas silêncio. Foss voltou-se para a rua e viu que os Adaptados tinham parado e estavam a observá-lo.

— Ei, vocês aí! Onde está Haldane? Quero vê-lo.

— Está aí, terrestre — respondeu um deles, indolentemente, depois de longo silêncio. — Continue a bater. Cedo ou tarde ele o ouvirá — acrescentou, e começou a rir provocantemente.

Enraivecido, Foss bateu à porta da Colônia Oficial com ambos os punhos. O fato de erguer os braços era torturante; era como ter de movimentá-los estando mergulhados em melaço.

Dessa vez a porta se abriu. Haldane, o Oficial da Colônia, apareceu, com expressão de enfado no rosto largo. Como todos os Homens Adaptados de Sandoval IX, Haldane era baixo — não media mais de um metro e sete centímetros de altura e apresentava tremenda envergadura de ombros e quadris. O pescoço era como um curto pilar; as coxas deviam ser imensas. Seu tipo fora geneticamente planejado para mundos como Sandoval IX.

— Que é? — perguntou, com profunda, sonora voz. — É novo aqui, terrestre? Não me lembro de ter visto seu rosto antes.

— Acabo de chegar — disse Foss, apontando para o campo lá atrás, onde se encontrava a esguia nave dourada em que viera. — Vim de Egri V. Estou procurando alguém e talvez o senhor possa me ajudar.

— Isso é duvidoso. Aqui não estamos à disposição dos terrestres, entende?

Foss sentiu o suor rolar-lhe pelo rosto. Sandoval IX era um mundo quente como nenhum outro.

— Tudo o que quero é uma informação — disse, angustiadamente. — Apenas uma informação. Não estou pedindo mais nenhuma espécie de ajuda.

O Homem Adaptado sorriu forçadamente: — Não terá ajuda nenhuma, quer peça ou não terrestre.

— Já disse que não vou pedir — explodiu Foss.

— Está bem. Entre e tratarei de ouvi-lo.

Dentro da casa havia uma mulher, imensamente larga, principalmente nos quadris, com seios enormes e rosto achatado. Para Foss era repugnante, mas os Homens Adaptados tinham diferente conceito de beleza. Era idealmente constituída para dar à luz num planeta de gravidade pesada e, julgando pelas duas

fortes crianças que brincavam no chão, ela começara bem.

— Minha mulher — grunhiu Haldane, enquanto fazia Foss entrar. — E meus filhos.

Foss sorriu mecanicamente e entrou. Encontrou-se numa pequena sala baixa que, provavelmente, era o escritório do Homem Adaptado. Haldane ajeitou-se cuidadosamente numa vasta pneumopoltrona e não fez gesto algum para que Foss se sentasse. Mas Foss sentou-se assim mesmo numa pequena cadeira, que no entanto era grande o bastante para acomodar um elefante. Respirou profundamente quando a pressão da gravidade diminuiu repentinamente sobre seu coração.

— Qual é seu nome e que quer aqui? — perguntou Haldane.

— Meu nome é Web Foss. Sou um terrestre adido ao Governo Civil de Egri V. Duas semanas atrás minha esposa... foi embora, Veio para cá. Quero levá-la de volta.

— Como sabe que ela veio para cá?

— Eu sei. Não tenho dúvida a respeito. Acho que o senhor pode me ajudar a encontrá-la.

— Eu? — Haldane fez uma cara inocente. Sou um mero oficial local. Ela pode estar em qualquer lugar de Sandoval IX. Sabe que há mais de vinte colônias neste planeta!

— Vinte não é muita coisa — replicou Foss. — Hei de percorrê-las todas, se for preciso.

Um sorriso cortou o largo rosto de Haldane. Com elaborado gesto de cortesia, pegou uma garrafa que estava sobre sua mesa e serviu-se de bebida. Recolocou a garrafa no lugar, sem oferecer a Foss. Bebeu lentamente, ignorando o terrestre. Depois disse:

— Sabe, senhor Foss, que os terrestres não são muito populares nos Mundos Adaptados. Não recebemos tratamento muito bom quando visitamos... ah... os Mundos Normais. Hotéis de segunda, transportes deficientes, risos depreciativos, toda essa espécie de coisas. "Olhem um Homem Adaptado! Não é gozadíssimo?"... Sabe de que estou falando?

— Sei. Não posso responder pelo que pessoas ignorantes fazem ou dizem. Não entendem que os Homens Adaptados são humanos como quaisquer outros, que sem eles muitos planetas seriam áridos. Mas...

— Poupe-me o sermão — interrompeu Haldane. — O fato permanece: somos migalhas do estoque da Terra e somos tratados como coisas não humanas. Diabo! Somos humanos... e muito melhores do que os terrestres, que morreriam se passassem um ano num planeta como este!

— Não é o caso de melhor ou pior — disse Foss. — Num planeta de gravidade pesada como este, vocês são melhores do que nós. Afinal, foram adaptados para isso. Num mundo semelhante à Terra, as coisas mudam. Tudo é relativo. Mas, minha mulher...

— Sua mulher está aqui. Não nesta colônia, mas está em Sandoval IX.

— Onde?

— Esse problema é seu, senhor Foss.

Foss levantou-se, sentindo a gravidade em cada centímetro do corpo.

— O senhor sabe onde ela está. Por que não quer me dizer?

— O senhor é um terrestre — disse Haldane, com calma. — Um ser superior. Encontre-a por si mesmo.

\*

Sem dizer mais uma palavra, Foss voltou-se e saiu do escritório do Oficial da Colônia, andou através do escuro corredor, passou pelas crianças e sua mãe. Saiu para a rua. Procurou manter-se ereto, resistindo à tentação de se curvar. Seria simples, mais fácil para seus músculos pressionados, mas forçou-se a andar erguido, como se a gravidade fosse normal, a da Terra.

Não esperara melhor tratamento por parte de Haldane. Era raro que um Homem Adaptado mantivesse conversa com um terrestre; em geral, tratava-se de um confuso e desajustado Adaptado no mundo da

normalidade terrestre que encontrava apenas sorrisos enquanto tentava movimentar-se num ambiente com fraca gravidade ou com atmosfera tão rica em oxigênio que os deixava meio embriagados. Alguns dos Adaptados eram constituídos para viver em uma atmosfera apenas com oito ou dez por cento de oxigênio; quando encontravam uma com vinte por cento, como a da Terra, passavam todo o tempo em contínua embriaguez de oxigênio.

O sapato agora estava em outro pé e os Adaptados glosavam o fato. Um terrestre se aventurando num Mundo Adaptado, revertendo o fato habitual. Não iriam mexer-se para tornar as coisas fáceis para ele Mas Carol estava ali... em algum lugar. Tinha de encontrá-la.

De qualquer modo.

Saiu para a rua. O grupo de Adaptados ainda estava ali. Foss atravessou a rua, em direção a eles

O grupo subdividiu-se quando ele se aproximou. Espalhou-se em seis direções, como se ninguém quisesse ter nada a ver com o terrestre magro de rosto duro.

— Parem com isso — disse Foss. — Quero falar com vocês.

Continuavam se afastando, olhando para os lados.

— Parem!

Deu um salto para a frente e agarrou um Adaptado pela gola da camisa. Era, pelo menos, setenta e cinco centímetros mais alto do que o Adaptado.

— Pedi que esperasse um pouco — disse Foss. — Quero lhe falar.

— Largue-me, terrestre.

— Disse que quero falar com você.

O Adaptado libertou-se da mão de Foss e atacou-o. Foss viu o soco se aproximando, partindo da altura de seus quadris e se dirigindo para o queixo, mas nada fez. Não podia absolutamente fazer nada contra ele. Seu corpo, aprisionado pela gravidade, simplesmente não podia reagir, se bem que estivesse treinado para fazê-lo. Fez, apenas, uma inútil menção de desviar-se e, então, o punho cerrado do Adaptado bateu-lhe no lado do rosto.

Foi ao chão com espantosa violência. Crac-bum! Caiu como que atingido por uma bola de boliche. Depois de um momento, tentou mover o queixo: parecia formar uma só peça com a cabeça. Compreendeu que o Adaptado apenas lhe dera um pouco mais do que um simples tapa; um soco provavelmente teria sido fatal.

Foss pôs-se de pé, devagar. O Adaptado continuava ali, com as pernas abertas e ar beligerante: — Quer outro?

— Um chega — respondeu Foss, com o queixo dolorido. — Queria apenas perguntar uma coisa.

O Adaptado afastou-se, descendo a rua vazia.

Foss observou-o indo embora. Fizera mal sendo violento: qualquer um dos mais fracos daqueles colonialistas poderia esmagá-lo com um tapa, e Foss não estava em sua melhor forma.

Aquele não era seu mundo, pensou. Pertencia aos Adaptados e ele era um desajustado ali... um homem para quem andar e respirar eram constantes problemas, e não uma segunda natureza. Olhou para cima, para o céu azul do distante Sandoval IX e desanimou. Era duro lidar com os Adaptados.

Imitações dos homens, eram objeto de ridículo quando se encontravam entre os chamados "normais". Estavam simplesmente retribuindo, agora.

Cerrou os punhos, desesperado. Vou mostrar-lhes, pensou, hei de encontrar Carol sem a ajuda deles!

Deu uns dois passos pela larga rua, sabendo que se ficasse parado durante algum tempo seus músculos se endureceriam e ficariam fora de uso.

A colonização estacionara, parecendo semi-terminada. Havia apenas três gerações que o programa dos Homens Adaptados começara e o Sandoval IX fora colonizado há menos de uma década, por um grupo-piloto enviado para verificar seu calor, umidade, grau de atmosfera e gravidade. Haveria talvez dez mil Adaptados ali, agora, em vinte colônias espalhadas pela superfície do planeta Em pouco tempo

aumentariam de número e povoariam o mundo inteiro. Em pouco tempo.

E em poucos séculos esse tipo de raça iria querer espalhar-se de uma galáxia a outra... com muitos mundos proibidos por seres que podiam ser chamados de humanos.

Foss deu um pesado passo. Estava pensando em Carol... em Carol e naquela última briga em Egri V. Penosamente, lembrava-se de como começara... Nunca mais se esqueceria como terminara.

Nunca mais esqueceria a raiva crescente nos olhos de Carol, quando ela disse: — Já aguentei bastante, Web. De você e deste planeta! Vou embora esta noite!

Ele não acreditara. Não, até descobrir que ela e metade de suas coisas haviam desaparecido. Não havia nenhum voo planejado para sair de Egri V, a não ser em três semanas, e, em princípio, pensou que ela estaria em algum lugar do planeta. Até que soube que ela conseguira lugar na nave-postal para levá-la ao espaçoporto mais próximo. Foss falara com a firma: — Levaram-na para Sandoval IX?

— Sim.

— Mas é um Mundo Adaptado! Ela não poderá ficar muito tempo lá!

O homem sacudira os ombros: — Ela queria sair de Egri V o mais depressa possível. Disse a ela para onde eu ia e ela me pagou para levá-la. Não tinha direito de fazer perguntas. Levei-a para lá, pois era para onde eu ia a semana passada.

— Está bem — dissera Foss. — Obrigado.

Então, falou com os pilotos da nave do Ministério e foi atrás dela. Carol não era do tipo pioneiro; não teria ido para Sandoval IX se soubesse que espécie de mundo era. Fora um ato impensado, de desespero, e devia estar lamentando o que fizera.

Chegou à esquina e parou. A quadrada silhueta de um Homem Adaptado vinha em sua direção.

— Você é o terrestre que está procurando a mulher?

— Sim — respondeu Foss.

— Ela está na próxima colônia. Dezesseis quilômetros a oeste daqui. Vi-a na última vez que estive lá, cinco dias atrás.

Foss piscou, surpreendido: — Está me dizendo a verdade, não?

O Adaptado zangou-se: — Eu não mentiria a um terrestre.

— Por que veio me contar? Pensei que nenhum de vocês quisesse me ajudar...

Os olhos escuros e profundos do Adaptado fixaram-se nos dele. Falou lentamente: — Estivemos conversando a respeito. Pareceu-nos mais simples dizer onde ela está. Assim não o teremos por aqui perturbando por muito tempo. Vá buscar sua mulher, amigo. Não os queremos aqui. Um terrestre estraga nosso ar. Faz aparecerem piolhos.

Foss apertou os lábios fortemente, tentando conter seu temperamento.

— Está bem — disse. — Não quero impor minha presença mais do que o necessário. Dezesseis quilômetros a oeste?

— Sim.

— Vou indo... — murmurou Foss.

Pensou por um momento. Não podia abusar da boa-vontade dos que lhe haviam facilitado a nave, e um mundo pesado como Sandoval IX exigia uma alta velocidade de escape. Para chegar à próxima colônia, teria de subir, entrar em órbita e fazer nova aterrissagem dezesseis milhas a oeste, o que consumiria tremenda quantidade de combustível; muito provavelmente, não estaria em condições de subir depois, quando encontrasse Carol. Tinha de deixar a nave ali e arranjar outro modo de percorrer os dezesseis quilômetros.

Voltou-se para o Adaptado: — Gostaria de alugar seu carro, se tiver um. Precisarei dele apenas durante uma hora ou menos. Dez créditos bastam?

— Não.

— Cinquenta?

— Economize seu fôlego, amigo. Meu carro não será alugado por preço algum.

— Cem! — disse Foss, desesperado.

— Já disse que poupe seu fôlego.

— Se não quer alugar o carro, alguém o fará.

Passou pelo Adaptado e prosseguiu pela rua, de cabeça baixa, o mais depressa possível.

— Deveria poupar energia, também... disse o Adaptado, atrás dele — Vai precisar dela para a caminhada.

— Hein?

Foss voltou-se. O Adaptado ria ironicamente: — Ninguém lhe alugará um carro, amigo. Combustível é precioso demais para nós para que o deixemos gastá-lo. São apenas dezesseis quilômetros! Deixe-nos vê-lo percorrê-los a pé, terrestre!

\*

*Apenas dezesseis quilômetros. Deixe-nos vê-lo percorrê-los a pé.*

Foss ouviu as palavras mais uma vez e entrou.

Entrou num bar que havia mais abaixo, na rua. Dez ou doze Adaptados estavam lá, bebendo.

Olharam-no friamente quando ultrapassou a photon-barreira.

— Não servimos terrestres aqui — disse o homem do bar. — Este é um bar restrito, apenas para locais.

Foss encarou-o: — Não entrei aqui para beber — olhou ao redor. — Quero alugar um carro — disse, arfante. — Minha mulher está na colônia próxima. Quero ir buscá-la. Quem me aluga um carro por uma hora?

Não obteve resposta. Foss tirou uma nota de cem créditos da carteira.

— Pagarei cem créditos já pelo carro de alguém. Quem quer alugar?

O homem do bar disse: — Este é um lugar para beber, terrestre, não um mercado público. Se quer fazer negócios, procure outro lugar.

Foss ignorou-o: — Bem, cem créditos?

Alguém no bar riu: — Jogue seu dinheiro fora, terrestre. Não vamos alugar nada. São apenas dezesseis quilômetros... Vá a pé!

Foss ficou calado por uns momentos. Apenas dezesseis quilômetros. Para um Adaptado seria apenas como a revigorante caminhada diária. Para um terrestre queria dizer um dia ou mais de lento arrastar-se. Queriam obrigá-lo a fazê-lo. Queriam vê-lo morrer tentando.

Bem, não lhes daria tal satisfação.

— Está bem — disse, roucamente. — Vou andando e volto andando. E amanhã estarei aqui, de volta, para mostrar-lhes que um terrestre pode fazê-lo.

Voltaram-se para outro lado. Ninguém o olhava.

— Voltarei — disse Foss.

Deixou o bar e encaminhou-se para o campo onde estava a nave. Seus músculos doíam, seu coração trabalhava com dificuldade, no esforço de ter de bombear duas vezes mais depressa. Os seres terra-normal não eram para o Sandoval IX. Poucas semanas, talvez um mês ou dois, naquela espécie de gravidade e o coração exausto estouraria.

Sua garganta estava seca e os olhos nublados quando chegou à cabine da nave.

Arranjou uma bagagem de apetrechos para sobrevivência — orientador, cantil, tabletes de alimento, pílulas salinas e outras coisas essenciais. Pôs o pacote nas costas.

Pesaria uns dois quilos, um fardo que um homem, em condições normais, nem sequer notaria. Ali

equivalia a quatro quilos e Foss sabia que pareceriam mais pesados do que antes de começar a caminhada.

Parou um momento na câmara de aceleração. Depois, lentamente, pôs-se de pé e saiu da nave, descendo os degraus da escada devagar, quando costumava fazê-lo rápida e lepidamente, Um salto, ali, poderia quebrar-lhe os tornozelos.

A tarde e o sol já estavam altos. Dezesseis quilômetros, pensou. Quanto tempo de-moraria para percorrer dezesseis quilômetros? Eram treze horas agora. Se cobrisse três quilômetros por hora, chegaria lá com a noite fechada.

Um grupo de Adaptados que estava olhando gritou algo quando ele começou a andar. Não entendeu que era, mas tinha certeza de que não era nada de encorajador.

\*

A terra estendia-se imensa e plana diante dele enquanto ia andando; era uma boa terra para plantio, macia e marrom, fértil, morena de sol. Longe, distantes, erguiam-se colinas, não altas o bastante para serem consideradas montanhas, formando um colar. O ar era quente. A estrada, de um marrom sujo, corria entre a terra boa, dirigindo-se para a próxima colônia, onde estava Carol.

Era um lugar bonito. Era um bom mundo. Bom demais para perdê-lo, eis porque os homens haviam preparado Adaptados para viver nele Mas Foss não pertencia àquela paisagem e sabia disso.

Empurrava-se para a frente. Os músculos feitos para suportarem um homem de setenta e sete quilos, gemiam sob o peso de cento e quarenta quilos; os ligamentos ressentiam-se; tinha a sensação de ser imenso, grosso, incrivelmente pesado e impossibilitado de respirar. Torrentes de suor molhavam-lhe o corpo.

Depois de algum tempo, parou e arrastou-se para uma árvore à beira da estrada.

Atravessar a vegetação que o separava da árvore exigiu enorme esforço; estava ofegante e zozno quando o conseguiu. Dobrou-se lentamente para a frente, deitando-se devagar.

Percorrera três quilômetros e meio no final da primeira hora. Era um pouco melhor do que pensara, mas o esforço o havia esgotado. Não fora tão bem na segunda hora; o pedômetro que levara consigo mostrava que andara apenas sete quilômetros e meio, no, total. Seu sossego terminou.

Mais oito quilômetros e meio... — pensou. Ergueu-se mecanicamente, não mais se importando com a postura, não se importando com nada a não ser colocar um pé diante do outro, o que o levaria à sua meta.

Cada passo me faz chegar mais perto — pensou. Fez uma melodia com essas palavras: Cada passo me faz chegar mais perto — levando um pé para a frente cada vez que pronunciava as sílabas acentuadas. Cada passo me faz chegar mais perto, e assim sempre, sempre, até que falava: Cada... passo... .. faz... gar... per... — com longos intervalos para respirar.

Afinal, deixou-se cair numa pequena elevação da beira da estrada e ali ficou. Sua respiração estava curta e acelerada. Seu coração batia tão fortemente que o corpo estremecia a cada pulsação. Então, lembrou-se das caçadas dos Adaptados que estavam à espera, lá em algum lugar que ficara para trás — provavelmente o estavam vigiando e esperando que tombasse, inteiramente exausto. Ergueu-se penosamente e recomeçou a andar.

Que é 1.8 grav? — perguntou a si mesmo.

Diabo! Aguento 5 e 6 grav o tempo todo numa nave espacial!

Sim, durante dez minutos cada vez — respondeu a si mesmo.

Consultou o relógio, depois o pedômetro. Seus dedos estavam suados. Estava, agora a poucas horas da colônia. Cobrira um pouco mais do que cinco quilômetros.

Estava cada vez mais perto.

Cada... passo... me faz... chegar... mais... perto...

Levava a perna esquerda para a frente, apoiava o pé no chão, erguia a direita e a levava para diante da esquerda, depois a esquerda, depois a direita...

Perdeu a noção do tempo, da distância, de tudo. Olhava o mostrador sempre e sempre, mas na verdade nada via. De quando em quando, lembrava-se e pegava uma pastilha da bagagem, engolia-a. Isso lhe dava energia para ir um pouco mais longe, um pouco mais longe.

O céu escureceu e o sol se escondeu. O calor do dia flutuava no espaço. Foss continuou a andar. *Apenas dezesseis quilômetros. Deixe-nos vê-lo percorrê-los a pé!*

Começaram a aparecer casas. Ruas. Pessoas. Não. Não eram pessoas. Adaptados, baixos, quadrados, grotescos. Foss descobriu-se olhando para baixo, examinando um largo rosto moreno. Inclinou-se para a frente, olhando para o chão, procurando regularizar a respiração.

— Sou Web Foss — disse, quando pôde. — Estou procurando uma mulher terrestre, senhora Carol Foss. Ela está aqui?

Por um momento alucinante, pensou que o Adaptado iria começar a rir e dizer-lhe que andara, simplesmente, em círculos e que se encontrava na mesma colônia em que estivera horas atrás.

O Adaptado assentiu seriamente: — A terrestre está aqui conosco. Vou levá-lo até ela.

— Está brincando? Ela está mesmo aqui?

— Claro — respondeu o Adaptado, impaciente — e Foss notou que ele o olhava de modo esquisito.

— Onde está sua nave? — perguntou.

— Dezesseis quilômetros lá para trás. Vim andando até aqui.

— Você veio andando? — espantou-se o Adaptado.

Foss assentiu: — Leve-me até minha esposa, sim?

O cansaço da viagem desaparecera de repente. Pela primeira vez, em muitas horas, conseguiu manter o corpo ereto.

\*

Tinham posto Carol num escuro quarto dos fundos de uma das casas da colônia.

Quando Foss entrou, viu-a adormecida sobre uma cama nua. O quarto não tinha janelas; o ar estava viciado e opressivo. Três garrafas vazias de bebida estavam jogadas ao lado da cama: duas de gim e uma de bebida local.

O quarto pareceu-lhe horrível.

Aproximou-se da cama e olhou a esposa

A pesada gravidade fizera coisas estranhas em seu rosto: esticara os músculos sobre os zigomas, tornara os lábios enrugados, descaídos, dera um traço idiota às pálpebras. Parecia ter emagrecido uns nove quilos; seu rosto estava rudemente anguloso e só tinha pele e ossos.

— Meu Deus! — exclamou ele, sombriamente. — É nisto que se transforma um ser humano depois de duas semanas aqui?

Ela mexeu-se. Foss voltou-se e viu dois Adaptados olhando-os curiosamente.

— Saiam daqui — disse. — Deixem-nos a sós.

— Web... — murmurou ela. — Web...

Carol ainda não abria os olhos.

Foss inclinou-se para ela e tocou-lhe a face com dedos trêmulos. A pele estava seca e flácida.

— Levante-se Carol... Levante-se...

Ela abriu os olhos, hesitante. Então, ao vê-lo, sentou-se na cama e, tornou a deixar-se cair.

— Web... — murmurou.

— Cheguei hoje de manhã. O Capitão do Correio disse onde você estava e achei melhor vir buscá-la.

Esta não é a espécie de mundo para se viver sempre...

Carol sentou-se outra vez, com visível esforço.

— Tem sido um inferno! Logo que senti a gravidade, compreendi que não poderia ficar aqui... mas o Correio já havia partido e não havia jeito de ir embora. Os Adaptados não são muito hospitaleiros...

— Afinal, deram-lhe um lugar para ficar. Eu não esperaria nem sequer isso.

— Foi como um pesadelo... Tentar andar sob esta gravidade... — Carol estremeceu. — Não podia dar mais de uns vinte passos sem cair. E os Adaptados... ficavam em volta de mim e riam. Isso durante as duas primeiras horas. Então, desmaiei e eles se tornaram um pouco mais decentes. Eu tinha algum dinheiro, trouxeram-me bebida e bebi... Foi o único jeito que encontrei para... para afastar a sensação de esmagamento que este lugar me dá!

Foss pegou-lhe o pulso. Estava gelado.

— Creio que estou aqui há umas duas semanas — continuou ela. — Dormi a maior parte do tempo. Eles me davam um pouco de comida. Trataram-me do modo que se trata a um animal doente... Web?

— Hein?

— Web, vamos para casa... nós dois?

— Foi para isso que vim, Carol.

Ela sacudiu a cabeça.

— Fui uma idiota... fugindo daquele jeito, vindo para cá. Mas tive o que merecia, acho...

— Voltaremos amanhã — disse ele. — Estou com uma nave... — a dezesseis quilômetros daqui, acrescentou ele mentalmente.

Ela fitava-o ansiosa. — Olhe-se no espelho — disse de repente — ali...

Foss ergueu-se, atravessou o quarto e olhou sua imagem. Mesmo com a pouca luz que havia, sentiu um sobressalto. Seu rosto era o de um esqueleto — a caricatura de um esqueleto, barbudo, com olhos esbugalhados, faces pálidas, magras, lábios exangues. Aquela caminhada de dezesseis quilômetros deixara sua marca. Olhava-se como se fosse seu próprio fantasma.

Tentou brincar: — Que beleza, não? Você não está melhor. Mas ficaremos em ordem quando voltarmos para Egri V.

— Venha aqui. Sente-se perto de mim.

Web ajeitou-se cuidadosamente na beirada da cama. Pôs a bagagem no chão e deitou-se ao lado dela, muito próximo, sentindo-se doente de cansaço. Segundos depois estava dormindo.

\*

Apenas dezesseis quilômetros. Deixe-nos vê-lo percorrê-los a pé. Dezesseis quilômetros até ali; dezesseis quilômetros para voltar. E nesses segundos dezesseis quilômetros não teria de levar apenas a si mesmo, teria de sustentar Carol.

O sol brilhava, muito quente, quando saíram e sentiram-se batidos pelo calor do dia. Falavam sem parar, desesperadamente, transformando-se em autômatos que andavam, andavam, sem prestar atenção nas horas que passavam, nem na distância de estrada que percorriam.

— Tivemos sorte — disse Foss, a certo momento. — Desci com a nave em um bom lugar, Poderia ter descido uns trinta quilômetros mais longe. Ou duzentos.... São apenas dezesseis.

— Apenas dezesseis — disse Carol.

— Apenas dezesseis.

Paravam frequentemente Foss sentia-se mais forte à medida que o dia passava, como se seu corpo se estivesse ajustando — adaptando — ao aumento de gravidade, parecendo que a sensação de esmagamento diminuía. Sabia que era apenas ilusão, é claro, mas, de qualquer modo, o esforço parecia-

lhe menor do que na ida. Em algum lugar, lá na frente, estava a colônia e na colônia estava a nave de Foss.

Em algum lugar.

Era mais de meio-dia quando chegaram.

Um comitê de recepção de Homens Adaptados estava no fim da estrada.

— Ande de cabeça erguida — murmurou Foss. — Não se mostre abatida. Imagine que está apenas dando um passeio, à tarde, mais nada.

— Vou tentar... Mas é duro!

— Tem de fazê-lo. Será apenas por alguns minutos, até chegarmos à nave.

Reconheceu alguns rostos. Lá estavam o Oficial da Colônia, Haldane, e sua esposa; lá estava o homem que o derrubara e alguns outros. Olhavam-no interrogativamente.

— Voltei — disse Foss, quando chegou a uma distância da qual podia fazer-se ouvir. — E trouxe minha mulher.

— Estou vendo — disse Haldane, friamente.

— Eu lhe disse que o faria. Espero que não esteja decepcionado...

— Não estamos decepcionados — respondeu Haldane. — Não nos importa.

Mas estava mentindo, percebeu Foss. Podia ver pelo desânimo que havia nos rostos deles, pelo brilho de seus olhos, que se importavam.

Haviam jogado um desajustado no deserto para que morresse, mas voltara vivo.

Enganara-os. Um simples terrestre.

— Desculpe-me — disse Foss — estão em meu caminho. Quero ir para minha nave...

Mas três dos Adaptados permaneceram bloqueando a estrada, encarando-o. Sentiu que Carol lhe apertava o braço, nervosamente. Por favor, chega de encrencas! — implorou mentalmente. Agora chega!

— Saiam de meu caminho — disse Foss asperamente — Deixem-nos passar.

Houve um momento de silêncio, depois Haldane ordenou: — Saiam do caminho deles.

Contra vontade, os Adaptados se afastaram da estrada. Foss e Carol puderam passar, encaminhando-se para a nave. Sentia-se cansado demais, porém, agora sabia que não teria mais nenhuma encrenca.

Andaram uns vinte passos. Então, ele se voltou. Estavam todos a olhá-los.

— Obrigado por tudo! — disse Foss, sorrindo. — Por toda ajuda que me deram. Mas consegui o que queria sem vocês, não?

Seus olhos encontraram os de Haldane e este desviou o olhar. Era o que Foss estava esperando. Um terrestre encontrara um Adaptado no seu local de origem e conseguira vencer. Foss pudera ler isso nos olhos de Haldane.

Ajudou Carol a subir à nave e seguiu-a. Antes de fechar a porta, olhou para o grupo de Adaptados parado lá atrás. Olhavam incredulamente, como se não pudessem entender como ele conseguira voltar vivo.

Sorriu-lhes. Na próxima vez que um terrestre fosse lá, teriam um pouco mais de respeito por ele

— Adeus! — gritou Foss.

Depois entrou, fechou a porta e dirigiu-se para os controles, a fim de voltar para casa.

**FIM**